



Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação (PPG-FAU)
Departamento de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo

Arquitetura e tática militar: *Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII*

Dissertação de Mestrado

Brasília, 2011

Joanes da Silva Rocha

Arquitetura e tática militar:
Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sylvia Ficher.

Brasília, 2011

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 986612.

R672a Rocha, Joanes da Silva.
Arquitetura e tática militar : fortalezas japonesas
dos séculos XVI-XVII / Joanes da Silva Rocha. -- 2011.
291 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento
de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo, 2011.
Inclui bibliografia.
Orientação: Sylvia Ficher.

1. Arquitetura militar - Japão. I. Ficher, Sylvia.
II. Título.

CDU 72(520)

Joanes da Silva Rocha

Arquitetura e tática militar:
Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII

Esta dissertação foi julgada e aprovada
no dia 9 de fevereiro de 2011
para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo
no Programa de Pós-graduação da
Universidade de Brasília (PPG-FAU-UnB)

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sylvia Ficher (*Orientadora*)

Departamento de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo
FAU/UnB

Prof. Dr. Pedro Paulo Palazzo

Departamento de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo
FAU/UnB

Prof. Dr. José Galbinski

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
UniCEUB

Prof.^a Dr.^a Maria Fernanda Derntl

Departamento de Teoria e História em Arquitetura e Urbanismo
FAU/UnB
Suplente

*Gratidão aos meus pais Joaquim e Nelci
pelo constante apoio e dedicação;
Ao carinho de minha irmã Jeane;
Aos professores, especialmente à Sylvia Ficher e Pedro Paulo,
que guiaram-me neste jornada de pesquisa;
Obrigado Dionisio França, que de Nagoya muito me auxiliou e
à Kamila, parentes e amigos que me incentivaram.*

*“No cume da colina, em meio ao povoado,
Nobunaga construiu seu palácio e castelo que,
no que se refere à arquitetura, poder, riqueza e magnificência,
pode ser comparado aos maiores edifícios da Europa. (...)
No centro há uma espécie de torre, que é chamada de tenshu, cuja
esplêndida nobreza e aparência superam em muito a nossas.”*

Crônicas do jesuíta português Luiz Fróis (1532-1597),
que passou mais de 30 anos no arquipélago.

Resumo

Esta dissertação faz uma revisão bibliográfica da arquitetura militar japonesa durante o controle dos xoguns unificadores Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu, após a introdução das armas de fogo “na terra do sol nascente”, em meados do século XVI.

O estudo apresenta como a tática e as peculiaridades locais do Japão influenciaram na concepção arquitetônica, tanto quanto, as armas importadas da Europa. Criando princípios estratégicos próprios e uma magnífica arquitetura, que viria a se tornar um dos símbolos da era samurais.

Palavras-chave

Japão, arquitetura militar, tática, arma de fogo, século XVI.

Abstract

This thesis makes a review of military architecture in Japan during the control of the unifying shoguns Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi and Tokugawa Ieyasu, after the introduction of firearms in the “land of the rising sun”, mid-sixteenth century.

The study shows how the tactics and the local peculiarities of Japan influenced on architectural design, as much as the weapons imported from Europe. Creating their own strategic principles and a magnificent architecture, that would become a symbol of the samurai era.

Keywords

Japan, architecture, military tactics, firearm, the sixteenth century.

Lista de figuras

<i>Figura 1. Localizações dos castelos estudados e principais estradas no período dos xoguns unificadores.</i>	26
<i>Figura 2. Guerreiro haniwa de Ota, com 127 centímetros de altura e armadura completa.</i>	28
<i>Figura 3. Residência oval do período Yayoi Tardio (100-300 d.C).</i>	29
<i>Figura 4. Defesa de Yoshinogari.</i>	30
<i>Figura 5. Reconstrução moderna de uma torre de madeira ao sul do palácio de Inner em Yoshinogari.</i>	31
<i>Figura 6. Tumba em fechadura (kofun) do Imperador Nintoku.</i>	33
<i>Figura 7. Mapa de Heijō-kyō.</i>	36
<i>Figura 8. Planta do palácio e sua região adjacente.</i>	36
<i>Figura 9. Mapa da cidade de Fujiwara.</i>	36
<i>Figura 10. Modelo de Tōhoku, forte de fronteira Taga no estilo chinês.</i>	37
<i>Figura 11. Mapa da cidade de Heian.</i>	38
<i>Figura 12. Arte da montaria e arco caracterizou-se como o próprio senso militar do Japão medieval.</i>	41
<i>Figura 13. Castelo de Nakagusuku.</i>	46
<i>Figura 14. Yamajiro de estilo coreano em Zakimi.</i>	47
<i>Figura 15. Yamajiro de estilo coreano em Shuri.</i>	48
<i>Figura 16. Castelo de Shinpu.</i>	49
<i>Figura 17. Yamajiro de Takeda.</i>	50
<i>Figura 18. No canto inferior direito um homem usa linha e tinta para marcar o ponto de corte.</i>	51
<i>Figura 19. Portão no estilo do período Kamakura na ilha de Hakatajima.</i>	52
<i>Figura 20. Sistemas de defesa com pedras.</i>	53
<i>Figura 21. Sistema de defesa com troncos e paredes falsas.</i>	53
<i>Figura 22. Ponte do yamajiro de Yamanaka.</i>	54
<i>Figura 23. O ponto amarelo marca a localização do castelo de Gifu sobre o monte Kinka.</i>	55
<i>Figura 24. Yamajiro de Gifu.</i>	55
<i>Figura 25. Disposição do yamajiro de Shikizan.</i>	56
<i>Figura 26. Vista do yamajiro de Arato.</i>	57
<i>Figura 27. Vista a partir do yamajiro de Takane para o vale que defendia.</i>	58

<i>Figura 28. Vista do castelo de Nakagusuku.</i>	59
<i>Figura 29. Reconstrução artística da jōkamachi de Ichijodani.</i>	60
<i>Figura 30. Jōkamachis do castelo de Kanazawa.</i>	60
<i>Figura 31. Parede de terra batida em Hagi.</i>	61
<i>Figura 32. Residência no castelo de Kakunodate.</i>	62
<i>Figura 33. Residência japonesa.</i>	63
<i>Figura 34. Residência japonesa.</i>	63
<i>Figura 35. Residência japonesa.</i>	64
<i>Figura 36. Residência japonesa.</i>	64
<i>Figura 37. Parte de pintura Kasuga Gongen apresentando operário marcando os limites de um edifício japonês sobre a égide kuruwa.</i>	68
<i>Figura 38. Kurazukuri do castelo Kawagoe. (Área de comércio antigo)</i>	70
<i>Figura 39. Estilo rinkaku.</i>	72
<i>Figura 40. Estilo renkaku.</i>	72
<i>Figura 41. Estilo hashigokaku.</i>	73
<i>Figura 42. Corte de um fosso yagenbori.</i>	75
<i>Figura 43. Corte de um fosso hakobori.</i>	75
<i>Figura 44. Pontes do castelo de Yamanaka.</i>	76
<i>Figura 45. Ponte de pedra do castelo Fukue.</i>	77
<i>Figura 46. Ponte do castelo de Imabari.</i>	78
<i>Figura 47. Ponte do castelo de Imabari.</i>	78
<i>Figura 48. Xilogravura de um exército saindo do castelo sobre uma ponte de pedra, como a do castelo de Imabari.</i>	79
<i>Figura 49. Ponte do castelo de Iwakuni.</i>	80
<i>Figura 50. Fosso do castelo de Kanazawa.</i>	81
<i>Figura 51. Fosso externo, sotobori, do castelo de Matsumoto.</i>	82
<i>Figura 52. Fosso do castelo de Kumamoto.</i>	83
<i>Figura 53. Ponte Ounkyo que acessa o portão Toya do castelo de Takato.</i>	84
<i>Figura 54. Ponte do castelo de Hikone.</i>	85
<i>Figura 55. Ponte do castelo de Matsumoto.</i>	86
<i>Figura 56. Portão Hishi do castelo de Himeji.</i>	89
<i>Figura 57. Watari-yagura mon do castelo de Imabari.</i>	90
<i>Figura 58. Yamanoto Gomon, Watari-yagura mon do castelo Kofu.</i>	91
<i>Figura 59. Portão Sujigane, Watari-yagura mon do Castelo de Iyo Matsuyama.</i>	92
<i>Figura 60. Ferrolhos e pinos de ferro de um portão de madeira.</i>	94
<i>Figura 61. Ote-mon do castelo de Kochi.</i>	94
<i>Figura 62. Minami-mon do castelo de Nijō.</i>	96
<i>Figura 63. Yaguramon do castelo de Edo.</i>	97
<i>Figura 64. Porta reforçada do Ni no Watari-yagura do castelo de Himeji.</i>	98
<i>Figura 65. Yakuimon do castelo de Kofu.</i>	99
<i>Figura 66. Munamon do castelo de Edo.</i>	99
<i>Figura 67. Tonashimon do castelo de Iyo Matsuyama.</i>	99
<i>Figura 68. Nagayamon do castelo de Hinkone.</i>	100
<i>Figura 69. Karamon de entrada do palácio de Nijō.</i>	101
<i>Figura 70. Karamon do castelo de Mito.</i>	102
<i>Figura 71. Hirayagura do castelo de Matsumoto.</i>	105
<i>Figura 72. Tamon-yagura do castelo de Hinkone.</i>	105
<i>Figura 73. Sumi-yagura de três pavimentos do castelo de Takamatsu.</i>	106
<i>Figura 74. Sumi-yagura de dois pavimentos do castelo de Ōsaka.</i>	107
<i>Figura 75. Torre Fushimi, Sumi-yagura, de três pavimentos do castelo de Fukuyama.</i>	108
<i>Figura 76. Sumi-yagura de três pavimentos do castelo de Akashi.</i>	109

<i>Figura 77. O tenshu do castelo de Hirosaki lembra uma sumi-yagura de castelos maiores.</i>	110
<i>Figura 78. Vista das ameias do castelo de Almourol, Portugal.</i>	111
<i>Figura 79. Tamon-yagura do castelo de Nakatsu.</i>	112
<i>Figura 80. Sumi-yagura de dois pavimentos e tamon-yagura em galeria do castelo de Wakayama.</i>	113
<i>Figura 81. Estrutura da parede do castelo de Utsunomiya.</i>	114
<i>Figura 82. Parede sem reboco do castelo de Sakasai.</i>	115
<i>Figura 83. Secção de uma parede Tuijibei do castelo de Matsuyama.</i>	115
<i>Figura 84. Tokugawa Ieyasu</i>	115
<i>Figura 85. Apoio da parede do castelo de Kakegawa.</i>	116
<i>Figura 86. Diferentes formatos de seteiras.</i>	116
<i>Figura 87. Desenho das seteiras.</i>	116
<i>Figura 88. Ishi-otoshi.</i>	117
<i>Figura 89. Ishi-otoshi, avanço com janelas para arqueiros e alçapão para arremesso de coisas do castelo de Matsuyama.</i>	117
<i>Figura 90. Ishi-otoshi do castelo de Tatsuno.</i>	118
<i>Figura 91. Estrutura metálica no portão Nu no Mon do castelo de Himeji.</i>	120
<i>Figura 92. Corte no relevo com baluartes e fossos.</i>	122
<i>Figura 93. Implantação do sistema de defesa com estudo de ângulos.</i>	122
<i>Figura 94. Forte de Naarden.</i>	122
<i>Figura 95. Castelo Maruoka construído em 1576.</i>	122
<i>Figura 96. Grande pedra do castelo de Ōsaka.</i>	123
<i>Figura 97. Castelo de Matsumoto.</i>	123
<i>Figura 98. Os dois tipos de muros, na esquerda apoiado sobre um aterro, na direita em estrutura autônoma.</i>	125
<i>Figura 99. Estudo sobre a forma de construção de uma base de pedra no sistema apoiado em terraplanagem.</i>	126
<i>Figura 100. Representação da construção da base do castelo de Ōsaka.</i>	127
<i>Figura 101. Modelo de uma parede autônoma empregada na base do castelo de Nagahama.</i>	128
<i>Figura 102. Sistema construído das muralhas do castelo de Kanazawa.</i>	129
<i>Figura 103. Forma como as pedras foram sobrepostas. Acima no estilo uchikomihagi, em baixo no kirikomihagi.</i>	131
<i>Figura 104. Disposições com que as pedras foram entalhas e sobrepostas.</i>	132
<i>Figura 105. Sistema construtivo de um ishigaki.</i>	134
<i>Figura 106. Encaixe canto em madeira e em pedra de uma ishigaki.</i>	134
<i>Figura 107. Trabalhadores e modos de transporte as pedras.</i>	136
<i>Figura 108. Trabalhadores e modos de transporte as pedras.</i>	137
<i>Figura 109. Base do portão Kita Hanebashi do Castelo de Edo</i>	137
<i>Figura 110. Base do castelo de Ōsaka.</i>	138
<i>Figura 111. Base do castelo de Iga Ueno.</i>	139
<i>Figura 112. Castelo de Iyo Matsuyama, o tenshu foi queimado em 1933 e reconstruído em 1969.</i>	140
<i>Figura 113. Base do castelo de Kumamoto.</i>	141
<i>Figura 114. Base do castelo de Ōsaka.</i>	142
<i>Figura 115. Base com relevos de dragões do castelo de Echizen Katsuyama.</i>	143
<i>Figura 116. Castelo de Ōsaka com seu tenshu negro no lado esquerdo da imagem.</i>	146
<i>Figura 117. Tenshu do castelo de Himeji.</i>	147
<i>Figura 118. No canto direito da imagem está o responsável pela obra, em quimono preto, supervisionando a construção do tenshu enquanto apresenta a uma pessoa de posto mais elevado.</i>	149
<i>Figura 119. Homem de quimono preto ao centro, responsável pela obra supervisionando o trabalho em madeira.</i>	150
<i>Figura 120. Maque da estrutura de madeira do castelo de Utsunomiya.</i>	151

<i>Figura 121. Madeiramento do castelo de Hikone.</i>	152
<i>Figura 122. Dokuritsu-shiki</i>	154
<i>Figura 123. Vista do donojn de Ōsaka.</i>	155
<i>Figura 124. Fukugo-shiki.</i>	156
<i>Figura 125. Renketsu-shiki.</i>	156
<i>Figura 126. Castelo de Matsumoto.</i>	157
<i>Figura 127. Castelo de Nagoya.</i>	158
<i>Figura 128. Renritsu-shiki.</i>	159
<i>Figura 129. Castelo de Himeji.</i>	160
<i>Figura 130. Ha e Ni no watari-yagura (portão “D”) Himeji-jō.</i>	161
<i>Figura 131. Percurso para invadir o castelo de Himeji.</i>	162
<i>Figura 132. Planta de uma watari-yagura do castelo de Himeji.</i>	163
<i>Figura 133. Ni no Mon (portão “D”) do castelo de Himeji.</i>	164
<i>Figura 134. Vista do Ni no Mon (portão “D”) do castelo de Himeji.</i>	165
<i>Figura 135. Planta do Ni no Mon (portão “D”) do castelo de Himeji.</i>	166
<i>Figura 136. Vista do Ni no Mon (portão “D”) do castelo de Himeji.</i>	167
<i>Figura 137. Afunilamento do castelo de Shiroishi.</i>	168
<i>Figura 138. Mudança abrupta de sentido no castelo de Okayama.</i>	169
<i>Figura 139. Pagoda de Yakushiji. Século VIII.</i>	170
<i>Figura 140. Shin-bashira do castelo de Himeji.</i>	171
<i>Figura 141. Tenshu do Himeji-jō. Ao cento os dois pilares, daikoku-bashira.</i>	172
<i>Figura 142. Corte do tenshu de Himeji-jō.</i>	173
<i>Figura 143. Corte do castelo de Azuchi..</i>	174
<i>Figura 144. Da esquerda para direita. Térreo e primeiro pavimentos do castelo de Azuchi.</i>	175
<i>Figura 145. Da esquerda para direita. Terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo pavimentos do castelo de Azuchi.</i>	176
<i>Figura 146. Aposentos do castelo Iga Ueno.</i>	177
<i>Figura 147. Aposentos do castelo Saga.</i>	178
<i>Figura 148. Aposentos de Yamagata.</i>	179
<i>Figura 149. Painel Narihira. Coleção privada</i>	180
<i>Figura 150. Acima borogata e abaixo a sotogata.</i>	181
<i>Figura 151. Castelo negro de Kumamoto, construído por Katō Kiyomasa em 1601.</i>	182
<i>Figura 152. Castelo de Himeji por Ikeda Terumasa (1601) construído na mesma época do castelo negro de Kumamoto.</i>	183
<i>Figura 153. Paredes do castelo de Himeji preparadas para serem rebocadas.</i>	184
<i>Figura 154. Estrutura em bambu amarrado e coberto de barro para melhor proteger contra o fogo. Torre Uto do castelo de Kumamoto.</i>	185
<i>Figura 155. Chidori-hafu do castelo de Hikone.</i>	186
<i>Figura 156. Kara-hafu do castelo de Matsumoto.</i>	186
<i>Figura 157. Kara-hafu do castelo de Komaki.</i>	187
<i>Figura 158. Sucessão de Chidori-hafu e Kara-hafu do castelo de Uwajima.</i>	188
<i>Figura 159. Sucessão de Chidori-hafu e Kara-hafu do castelo de Himeji.</i>	189
<i>Figura 160. Telhado Irimoya do castelo de kumamoto.</i>	190
<i>Figura 161. Telhado kirizuma do castelo de Fukuoka.</i>	190
<i>Figura 162. Shachihoko de bronze do castelo de Kochi.</i>	190
<i>Figura 163. Sistema de telhado. Castelo de Ozu.</i>	192
<i>Figura 164. Vista pelo alto do castelo de Fushimi Momoyama, próximo a Quioto.</i>	193
<i>Figura 165. Vista pelo alto do castelo de Matsuyama.</i>	194
<i>Figura 166. Detalhe do telhado.</i>	196
<i>Figura 167. Detalhe do telhado.</i>	196
<i>Figura 168. Símbolo da família Tokugawa em uma porta de madeira.</i>	196

<i>Figura 169. Jardim do Ni no maru do palácio de Nijō.</i>	198
<i>Figura 170. Conjunto de lanternas para iluminar os jardins próximo ao santuário de Tosho, em Nikko.</i>	198
<i>Figura 171. Kinkakuji, Templo do pavilhão dourado.</i>	199
<i>Figura 172. Jardim Zen de Ryoanji, fundado pelo guerreiro Hosokawa Katsumoto por volta de 1450.</i>	200
<i>Figura 173. Monge desenhando em diferentes ângulos num jardim interno de Daitokuji.</i>	201
<i>Figura 174. Pintura monocromática de Josetsu, intitulada “os três professores.”</i>	202
<i>Figura 175. Detalhe do kara-mon de Nishi Honganji em Quioto.</i>	202
<i>Figura 176. Painel de Kanō Eitoku intitulado “Flores e pássaros”</i>	205
<i>Figura 177. Decoração jinbaori. Coleção privada</i>	206
<i>Figura 178. Aposento do</i>	207
<i>Figura 179. Oda Nobuhide, pai de Oda Nobunaga.</i>	207
<i>Figura 180. Oda Nobunaga</i>	209
<i>Figura 181. Oda Nobunaga obrigando Mitsuhide a cometer seppuku.</i>	210
<i>Figura 182. Nesta imagem os monges guerreiros do quartel-general de Ishiyama Honganji, do grupo Ikko-ikki, combatem os samurais de Oda Nobunaga antes de serem derrotados.</i>	211
<i>Figura 183. Teppōtai, soldado com mosquete.</i>	213
<i>Figura 184. Quadro sobre a batalha de Nagashino.</i>	215
<i>Figura 185. Detalhe central do quadro sobre a batalha de Nagashino mostrando os teppōtais.</i>	216
<i>Figura 186. Armas dispostas no corredor do castelo, prontas para o uso.</i>	217
<i>Figura 187. Armas dispostas no corredor do castelo, prontas para o uso.</i>	218
<i>Figura 188. Reconstrução do castelo de Azuchi.</i>	223
<i>Figura 189. Muro de pedra na escada de acesso do castelo de Azuchi.</i>	224
<i>Figura 190. Vista do topo do castelo de Azuchi.</i>	224
<i>Figura 191. Topo do relevo onde ficava o edifício principal.</i>	225
<i>Figura 192. Reconstituição do castelo após acréscimos de Hideyoshi.</i>	225
<i>Figura 193. Reconstrução do edifício octogonal que ficaria no topo do castelo.</i>	226
<i>Figura 194. Toyotomi Hideyoshi</i>	227
<i>Figura 195. Toyotomi Hideyoshi.</i>	229
<i>Figura 196. Hideyoshi tocando o canto de vitória em Shizugatake em 1583.</i>	230
<i>Figura 197. Vista de satélite do castelo de Ōsaka.</i>	234
<i>Figura 198. Castelo de Ōsaka.</i>	235
<i>Figura 199. Ponte de acesso, ao fundo o tenshu do castelo de Ōsaka.</i>	236
<i>Figura 200. Vista da entrada Ote-mon e parede externa do Masugata-mon do castelo de Ōsaka.</i>	236
<i>Figura 201. Vista aérea do castelo de Ōsaka.</i>	237
<i>Figura 202. Sumi-yagura, torre de canto, do castelo de Ōsaka.</i>	238
<i>Figura 203. Fosso do castelo, base de pedra e ao fundo o tenshu de Ōsaka-jō.</i>	239
<i>Figura 204. Tokugawa Ieyasu Fonte: Sharpe, Samurai leaders. op. cit. p.166</i>	241
<i>Figura 205. Vista de satélite do castelo de Edo.</i>	247
<i>Figura 206. Sumi-yagura, torre de canto, e tamon-yagura, torre contínua, do castelo de Edo.</i>	248
<i>Figura 207. Ponte entrada do castelo de Edo.</i>	248
<i>Figura 208. Ponte de acesso do castelo de Edo.</i>	249
<i>Figura 209. Fosso e ishigaki, base de pedra, do castelo de Edo.</i>	249
<i>Figura 210. Portão Kikyo, do tipo yaguramon, do castelo de Edo.</i>	249
<i>Figura 211. Vista de satélite do castelo de Himeji.</i>	252
<i>Figura 212. Castelo de Himeji.</i>	253
<i>Figura 213. Vista do donjon do castelo de Himeji.</i>	254
<i>Figura 214. Vista a partir do topo do castelo de Himeji.</i>	255
<i>Figura 215. Nishi-no-maru pelo lado de fora.</i>	255
<i>Figura 216. Muro de defesa entre os portões Ro-no-mon e Ha-no-mon pelo lado de dentro.</i>	256

<i>Figura 217. Castelo de Himeji.</i>	257
<i>Figura 218. Portão de entrada no estilo Kara mon do castelo de Nijō em Quioto.</i>	262
<i>Figura 219. Vista de satélite do castelo de Nijō.</i>	262
<i>Figura 220. Ponte do Castelo de Nijō</i>	263
<i>Figura 221. Sumi-yagura, torre de canto, do castelo de Nijō.</i>	263
<i>Figura 222. Parte do castelo de Nijō.</i>	264
<i>Figura 223. Fosso e base do castelo de Nijō.</i>	264
<i>Figura 224. Palácio de Nijō.</i>	265
<i>Figura 225. Portão de entrada no estilo Kara mon do castelo de Nijō em Quioto.</i>	266
<i>Figura 226. Vista de Satélite do castelo de Nagoya.</i>	269
<i>Figura 227. Fosso e base de pedra do castelo de Nagoya.</i>	270
<i>Figura 228. Fosso e base do castelo de Nagoya .</i>	270
<i>Figura 229. Tenshu do castelo de Nagoya.</i>	271
<i>Figura 230. Vista externa do castelo de Nagoya.</i>	272
<i>Figura 231. Sumi-yagura, torre de canto, do castelo de Nagoya</i>	273
<i>Figura 232. Base e fosso do castelo Nagoya.</i>	274

Sumário

Página

21	Introdução
27	1. Antecedentes históricos, a formação do estado guerreiro no Japão
44	1.2. <i>Yamajiro</i> , o castelo da montanha
65	2. <i>Hirajiro</i> , o castelo de planície
67	2.1. Localização e Layout
74	2.2. Fossos e pontes
87	2.3. Portões
103	2.4. Torres e muralhas
114	2.5. Paredes
121	2.6. Base

144	2.7. <i>Tenshu</i> , o poder e a beleza da torre central
148	2.7.1. Layout
170	2.7.2. <i>Donjon</i>
195	2.7.3. Jardins e decoração
207	3. Oda Nobunaga, o primeiro xogum unificador
212	3.1. Campanhas e armas de fogo
219	3.2. Castelo de Azuchi
227	4. Toyotomi Hideyoshi, o invasor da Coreia
231	4.1. Castelo de Ōsaka
240	5. Tokugawa Ieyasu, o primeiro Tokugawa
243	5.1. Castelo de Edo
250	5.2. Castelo de Himeji
258	5.3. Castelo de Nijō
267	5.4. Castelo de Nagoya
275	Conclusão
278	Quadro cronológico
280	Glossário
284	Referência bibliográfica

Introdução

Desde quando cidades na região entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, como Lagash, Umma, Nippur, Ur e Uruk, viviam em constantes guerras,¹ até o surgimento da pirobalística, o sistema de defesa não sofreu grandes alterações. Seu fundamento era a muralha.

Muros circundando cidades podem ser encontrados no Egito antigo, nas cidades micênicas e na cultura harappa na Índia. Aquartelamentos nas fronteiras imperiais podem ser vistos na China, como a sua famosa muralha, unificada pelo Imperador Qin em 220 a.C, depois ampliada na dinastia Ming, e na Roma antiga, como a Muralha de Adriano, na atual Inglaterra.

Acrópoles gregas e torres de menagem do medievo europeu² têm o mesmo objetivo: construir verticalmente para dificultar a escalada e o lançamento de projeteis por cima dos

¹ BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 4ª Ed., São Paulo: Perspectiva, 1993: p.27

² TOY, Sidney. *A history of fortification form 3000 BC to AD 1700*. South Yorkshire: Pen & Sword Books, 2006: p.12-63

muros, deixando o impacto a cargo da forma tipológica e da resistência do material.

A utilização da pólvora como força propulsora irá possibilitar novas armas como canhonetas, bombardas,³ canhões, arcabuzes⁴ e pistolas. A passagem da neurobalística para a pirobalística também gera inovações na arte da guerra, e obriga alterações na arquitetura de defesa. Para Morris existe até mesmo uma data, 1453:

A aparição do canhão mudaria o estado das coisas. Sua utilização pelos turcos quando devastaram a cidade de Constantinopla em 1453 abriria uma nova era na história da fortificação militar.⁵

Segundo Azevedo:

O enfraquecimento do feudalismo veio com a introdução das armas de fogo nos exércitos e a criação do exército permanente por Carlos VII. Com isso os senhores feudais foram sendo abalados nos seu prestígio, pois a artilharia, embora incipiente, já era bastante capaz de pôr abaixo os castelos, (...). O poder real se acentua e o feudalismo vai entrando em declínio.⁶

O novo princípio estratégico é simples e demolidor: as armas são miradas nas muralhas, o que acentua o poder de impacto das canhoneiras e canhões. Assim, os castelos vão dando lugar a estruturas mais baixas. As edificações deixam

³ Canhão do século XIV de pequeno alcance.

⁴ Arma de fogo do século XVI.

⁵ MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana: Desde sus orígenes hasta la revolución Industrial*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1984: p.185

⁶ AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. *História militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998: p.130

de se desenvolver em altura, o que muito facilita o acerto por parte do atacante, para se desenvolver horizontalmente.

Mori acredita que “neste período de grande efervescência cultural [o Renascimento], os arquitetos italianos, pelos estudos de resistência dos materiais, da balística e da geometria, criaram a forma ideal dessa nova arquitetura militar: a fortaleza abaluartada.”⁷

A construção em baluartes se mostrou eficaz por um bom tempo, em especial o modelo desenvolvido por Vauban (1633 - 1707).⁸ Porém no final do século XIX, e durante o século XX, novas mudanças no cenário bélico se mostraram relevantes, como o surgimento de torpedos e metralhadoras, a utilização de aviões e outras armas que forçaram mais uma transformação arquitetônica, surgindo o sistema subterrâneo dos *bunkers*.⁹

A problemática desta linha de pensamento é que não se pode tratar a “arma” como o único estopim de tais modificações. Na verdade a “arma” é um dos mecanismos, deveras importante, mas ainda assim, apenas um dos mecanismos da estratégia ofensiva, que pode ser neutralizadas por uma das várias contra-estratégias defensivas.

Paradoxalmente, o Japão, que outrora comprara armas de fogo européias, especialmente portuguesas,¹⁰ desde meados

⁷ MORI, Victor Hugo. *Arquitetura militar: um panorama a partir do porto de Santos*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2003: p.22

⁸ Engenheiro militar francês Sébastien Le Prestre, marquês de Vauban. (VAUBAN, Sébastien Le Prestre. *A Manual of Siegecraft and Fortification*. Michigan: Ann Arbor, 1968)

⁹ MALLORY, Keith; OTTAR, Arvid. *The Architecture of War*. New York: Pantheon Books, 1973: p.13

¹⁰ O primeiro contato entre o Japão e a Europa, na medida em que se pode determinar, ocorreu em 1543, quando dois ou três comerciantes Portugueses chegaram a bordo de um junco chinês à Tanegashima, uma ilha na ponta mais meridional de Kyūshū, na entrada baía de Kagoshima. (CHASE, Kenneth Warren. *Firearms: a global history to 1700*. Cambridge: Cambridge university press, 2003: p.178) (ELISONAS, Jurgis In: HALL, John W.;

do século XVI, desenvolveu-se na contramão da Europa. Assim, a mesma arma que marca o fim da era dos grandes castelos euro-asiáticos dará início aos castelos japoneses, os *hirajiros*.

Se por um lado a guerra ocidental assemelha-se ao jogo de xadrez, onde as peças enfrentam-se diretamente, a guerra no Japão mais parece um jogo de *go*, cujo objetivo é cercar as peças inimigas.¹¹

Tal qual no *go*, a alma da estratégia japonesa consiste em ludibriar o inimigo, obrigando-o a percorrer um caminho previamente idealizado pelo defensor. A pesquisa apresentará como cada elemento arquitetônico contribui para a criação deste grande tabuleiro arquitetônico, ressaltando no caráter labiríntico da edificação.

O sistema de defesa japonês até o século XV é o chamado *yamajiro*, que significa “castelo de montanha”, cenário arquitetônico que muda drasticamente ao longo do século XVI, quando os castelos passam a ser no estilo *hirajiro*, que significa “castelo de planície”.¹² A primeira parte do trabalho é marcada pela apresentação dessas transformações no cenário histórico e arquitetônico japonês.

A segunda parte consiste na apresentação dos elementos constituintes dos *hirajiros*, ordenados segundo a pressuposta ordem de avanço das tropas inimigas: localização e layout,

MASS, Jeffrey, P. *Medieval Japan: essays in institutional history*. California: Stanford University Press, 1988: p.302)

¹¹ *Go* é um jogo de origem chinesa cujo tabuleiro quadrado é dividido por linhas, cada jogador coloca sua peça, preta ou branca, em uma das intersecções das linhas. O objetivo é cercar as peças inimigas, o que as fazem sair do tabuleiro, a vitória vem quando um jogador tem mais peças no tabuleiro ou partes protegidas, ou seja, locais em que ele cercou e que o inimigo não poderá colocar a sua peça.

¹² TURNBULL, Stephen. *Japanese Castles AD 250-1540*. Oxford: Osprey Publishing, 2008b: p.28

fossos e pontes, portões, torres, muralhas e o *tenshu*, edifício principal.

A terceira parte apresentará os xoguns unificados e seus castelos. Para a pesquisa, foram escolhidos os castelos de Azuchi, Ōsaka, Nagoya, Himeji, Edo (Tóquio) e Nijō (Quioto), construídos pelos próprios senhores da guerra Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu, e não por senhores menores. Salvo o castelo de Himeji, incluído na pesquisa por ser patrimônio da humanidade junto a UNESCO desde 1993.¹³

¹³ <<http://whc.unesco.org/en/list/661>> Acessado em 15/03/2010

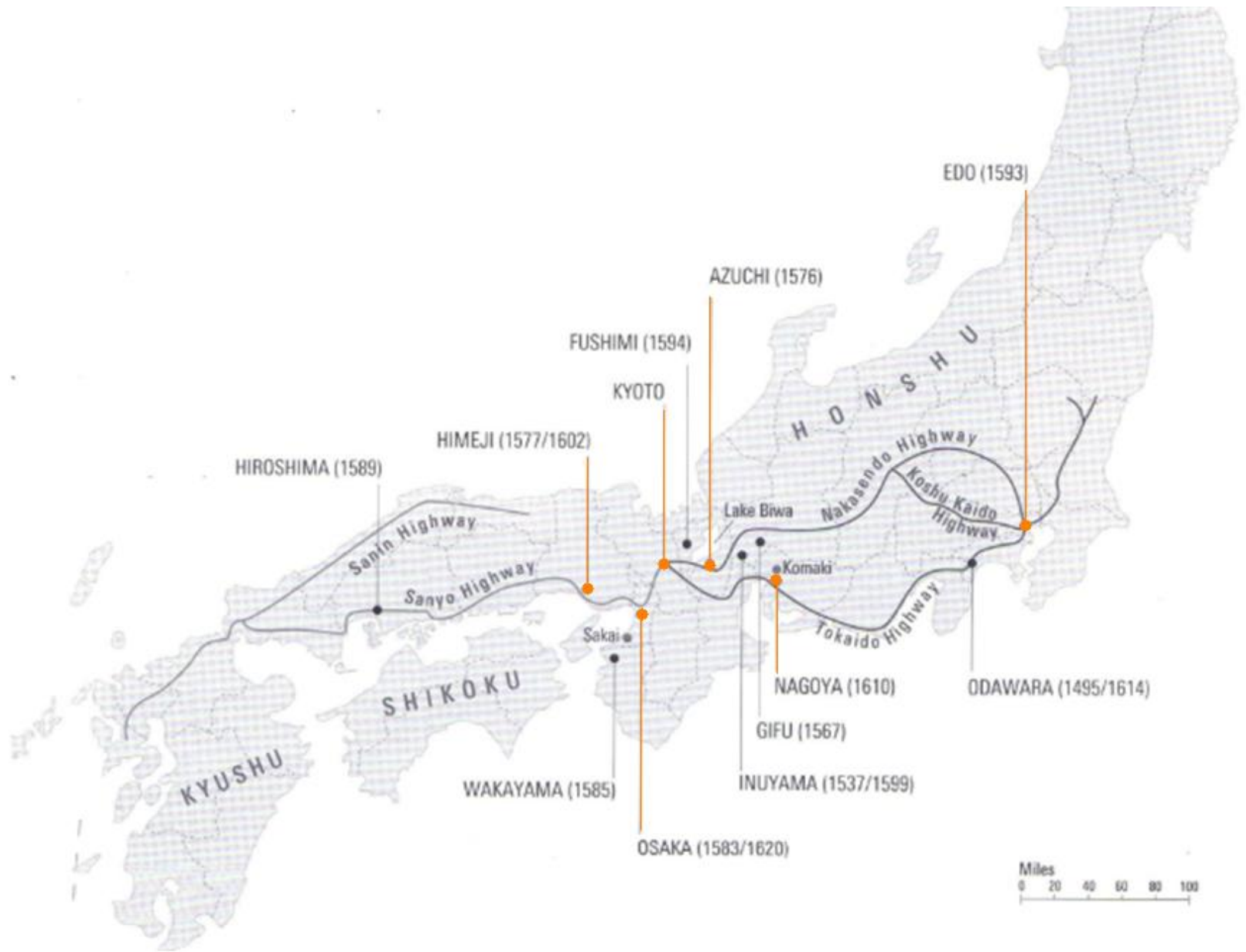


Figura 1. Localizações dos castelos estudados e principais estradas no período dos xoguns unificadores. Fonte: MITCHELHILL, Jennifer. *Castles of the samurai: power and beauty*. Tōkyō: Kodansha International, 2003: p. 69

1. Antecedentes históricos, a formação do estado guerreiro no Japão

Atualmente, o Japão é formado por quatro grandes ilhas: Honshū, Kyūshū, Shikoku e Hokkaidō, dentre outras menores, totalizando 377.864 km². Sabe-se que o processo de conquista desse território foi árduo e longo. Durante séculos imperadores e líderes militares tentaram subjugar tribos e bandos espalhados pelas ilhas e montanhas.

As características geofísicas do Japão não permitiram uma fácil ocupação. O terreno é acidentado com montanhas e vulcões, inclusive alguns estão ativos. A hidrografia é rarefeita em virtude da pequena extensão do país e quase sempre torrenciais. Na visão de Morris, “diferente dos chineses, os japoneses não teriam uma experiência urbana antes da introdução da capital importada do continente.”¹⁴

¹⁴ As importações mencionadas por Morris, na medida que podem ser datadas, iniciaram no século VIII d.C. (Morris, *Historia de la forma urbana*, *op.cit.*, p.442)



Figura 2. Guerreiro *haniwa* de Ota, com 127 centímetros de altura e armadura completa. Fonte: COLLICUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. Japão. Barcelona: Folio, S.A. 2006: p.43

O primeiro momento histórico do Japão foi chamado de Jōmon (11.000-300 a.C.),¹⁵ uma cultura de seminômades, com moradias de teto de palha, habitadas por cinco ou seis pessoas ao redor de uma lareira central.¹⁶ (fig. 3) Segundo Turnbull, esta cultura sempre foi vista como ausente de um sistema de defesa, entretanto, após escavações no sítio de Sannai Maruyama na atual prefeitura de Aomori, foi revelada uma vila do período com estrutura fortificada definida.¹⁷

Não obstante, indícios arqueológicos atestam que foi no período seguinte, o Yayoi (300 a.C.-330 d.C.),¹⁸ que se consolidou o sistema de defesa. Período esse, de grandes evoluções técnicas e culturais, como a difusão de novas técnicas de olaria, cultivo úmido de arroz, produção de tecido e manipulação de metais.¹⁹

Em vilas desse período foram encontradas casas, celeiros, armazéns, ornamentos primitivos de bronze e um objeto que muito interessa ao estudo da evolução militar, os primeiros *haniwa*, esculturas de soldados, que demonstram o caráter bélico da região. (fig. 2)

Infelizmente, são poucos os documentos japoneses do período em questão que resistiram ao tempo, mas um documento chinês intitulado *Weizhi*, no japonês *Gishi*, dá conta de que os domínios da princesa Himiko eram assentamentos rodeados por paliçadas e torres de vigia, uma

¹⁵ Jōmon que significa “marcado por cordas”, recebeu o nome em virtude dos desenhos feitos na cerâmica.

¹⁶ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op.cit.*, p.36

¹⁷ Turnbull, *Castles AD 250-1540. op.cit.* p.4

¹⁸ O período Yayoi se divide em inicial (300-100 a.C.), médio (100 a.C.-100d.C.) e tardio (100-300 d.C.).

¹⁹ BROWN, Delmer M. (org). *The Cambridge History of Japan: Vol. 1. Ancient Japan.* Cambridge: Cambridge University Press, 1993: p.82; 85-86; 90

descrição similar ao sítio arqueológico de Yoshinogari, em Kyūshū.²⁰ (fig. 4)

Para defender o acampamento de Yoshinogari, foi construída uma grande paliçada com toras de madeira fincadas no chão. Em sua volta, havia um fosso e guaritas de vigia, que funcionavam não só como torres junto à cerca, mas também como portões fortificados.²¹ (fig. 4-5)

Figura 3. Residência oval do período Yayoi Tardio (100-300 d.C).

Fonte: Colcutt, Jansen e Kumakura. Japão. *op. cit.* p.40



²⁰ Himiko foi uma rainha-xamã (*miyatsuko*) que governou o reino de Yamatai (provavelmente situado ao norte de Kyūshū), cujo nome pode ser identificado como Himemiko ou Hi-miko, que basicamente se traduz como “filha do sol”. Ela é evocada nos anais da dinastia chinesa dos Wei, por ter enviado tributos ao imperador chinês por volta de 238, e recebeu em troca um selo com a menção, “Ao soberano de Wa, amigo dos Wei”. Sua aparição em documentos japoneses ocorre no *Kojiki* e no *Nihon shoki*, 712 e 720, respectivamente. Himiko é tão conhecida por sua capacidade diplomática, quanto por seu talento no *Kidō*, arte de expulsar demônios. (FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão: dicionário e civilização*. São Paulo: Globo, 2008: 410) (MATSUMAE Takeshi In: Brown, (org.), *The Cambridge History of Japan*. *op. cit.* p.23)

²¹ Turnbull, *Castles AD 250-1540*. *op. cit.* p.23



Figura 4. Defesa de Yoshinogai.
Fonte: Turnbull, Castles AD 250-1540. *op. cit.* p.23



Figura 5. Reconstrução moderna de uma torre de madeira ao sul do palácio de Inner em Yoshinogari.
Fonte: Turnbull, *Castles AD 250-1540. op. cit.* p.23

O período Yayoi tardio foi marcado pela diferenciação social e consolidação de pequenos subestados beligerantes. As evoluções tecnológicas permitiram que as plantações de arroz fossem feitas em terrenos mais altos, o sistema de irrigação foi melhorado e a cerâmica sofisticada, além de intensificar a utilização de armas de ferro.

Outro avanço técnico importante foi no campo arquitetônico, com a construção das tumbas conhecidas no Japão como *kofun*. (fig. 6) Sua descoberta foi tão importante que seu nome designou o próprio período histórico Kofun (300-552 d.C.).

As maiores tumbas foram construídas na região de Yamato, como claras expressões de um extenso regime político, que pode ter dado origem à posterior linhagem imperial japonesa.²²

²² Com base em pesquisas realizadas em dezenas de sítios kofuns, os historiadores estão começando a concordar que os reis e rainhas Yamato estavam dispostos a usar muito de seus recursos humanos e materiais para a construção de suas tumbas porque acreditavam que essa era a melhor maneira de simbolizar, santificar e reforçar as suas posições sobre a linhagem sagrada. (Brown, (org.), *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.2)



Figura 6. Tumba em fechadura (*kofun*) do Imperador Nintoku.
Fonte: Collcutt, Jansen e Kumakura. Japão. *op. cit.* p.40

À ótica do professor Egami Namio, no século IV um povo equestre oriundo da Coreia teria invadido o Japão, conquanto, não há na literatura japonesa relatos de uma batalha épica, mas de intrigas e pequenos combates.²³

O professor se refere ao pequeno grupo vindo da Silla ou Paekche, atual Coreia, que foi aos poucos adotando e repartindo técnicas militares com os nativos japoneses. Durante a miscigenação cultural, o Japão passou a adotar a figura do *uji*, uma espécie de chefe local,²⁴ e uma técnica coreana de edificações militares que influenciariam os futuros *yamajiros*.

Em meados do século VI, inicia-se o período chamado de Yamato (552-710). Uma das grandes influências trazidas da China nesse momento foi a concepção urbana, *miyako*, que em japonês significa algo como “a capital”.²⁵

Um termo já utilizado para designar a residência imperial, que desde 590 d.C. esteve na região de Asuka, região escolhida como capital pelos yamatos, especialmente no período de controle da imperatriz Suiko e do príncipe Shōtoku.²⁶

Como ocorreram várias vezes no Egito, a mudança de uma dinastia imperial japonesa era coroada com a mudança e

²³ Egami Namio *apud* Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.44

²⁴ *Uji* poderia ser traduzido como um “governante local”. No Japão do final do século V havia muitos *ujis* que brigavam pelo poder, e pelas terras adjacentes. Após os *ujis* na pirâmide social ficavam os *be*, que poderiam exercer funções importantes como escribas, ou inferiores como produzir papel, tecido, armas, entretanto, ainda assim, eram superiores aos escravos, de guerra ou nascido, chamados de *yatsukos*. (Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.44)

²⁵ (Morris, *Historia de la forma urbana. op.cit.* 443) (INOUE Mitsusada In: Brown, (org.), *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.18)

²⁶ O palácio domina todo o Vale de Asuka, era cercado pelas três montanhas de Yamato e banhado pelo rio Asuka, foi o coração do poder Yamato durante o final do século VI e parte do VII, e da cultura budista no Japão. É atribuído ao príncipe Shōtoku a disseminação da expressão “Tudo é ilusão, só o Buda é real”. Foi entre 601-607 que ele mandou construir o templo Hōryūji, como exemplo da arquitetura pré-Nara. No complexo do templo encontra-se o *pagoda* erguido no final do século VII, com cinco andares, totalizando 32 metros, sendo dos mais antigos no Japão.

a construção de uma nova capital. Em meados do século VII, por ordem do imperador Kōtoku, a corte foi transferida para Naniwa, hoje a moderna cidade de Ōsaka.

A cidade de Ōsaka está em um local estratégico, permitindo o controle dos rios Yamato e Yodo. Dali saiu expedições diplomáticas rumo à corte dos T'ang, na China, uma delas contou com a presença do urbanista Arataino Hirabu, responsável por trazer a estrutura em retícula da capital chinesa Chang'an para Naniwa.²⁷ No mesmo período, ocorreu à reforma Taika, uma das mais importantes do país.²⁸

Com a abolição dos latifúndios e senhores locais pela reforma Taika, o imperador usufruía cada vez mais do poder. Toda a terra devia ser posta nas mãos do imperador após cada geração para serem redistribuídas, seguindo o modelo chinês de um “sistema igualitário de terras”.

Uma grande reforma no campo arquitetônico foi promovida com a construção de Fujiwara-kyō,²⁹ construída no ano de 694 a mando da Imperatriz Jitō. A capital foi planejada como sua antecessora nos moldes de Ch'ang-an e serviu como capital dos imperadores japoneses entre 694 e 710, quando foi finalmente abandonada.³⁰

No início do século VIII, a imperatriz Gemmyō decidiu mudar a capital da cidade de Fujiwara para um novo lugar, conhecido como Heijō-kyō, a oeste da atual cidade de Nara.

²⁷ “Un urbanista llamado Arataino-Hirabu fue el responsable del trazado de la nueva ciudad de Naniwa, copia de la estructura en retícula de la capital china, Ch'ang-an.” (Morris, *Historia de la forma urbana*. op.cit. p. 443)

²⁸ *Taika no kaishin*, “reforma da era taika”. Conjunto de leis administrativas aos moldes do sistema da dinastia chinesa T'ang (618-907). Promulgada em 645, as leis criavam a categoria de corte, dividiam as terras cultivadas, além de estabelecer um calendário, *reki*. Esteve vigente até a reforma Taihō em 701. (Frédéric, *O Japão*. op. cit. p. 1121)

²⁹ O sufixo *kyō* significa “capital”, ex.: Heijō-kyō, assim como *jō* se traduz por “castelo”, ex.: Nijō-jō. Esse traço sobre a letra “o” significa prolongamento, o seja, no original japonês existem dois “os”. Ex.: Heijoo-Kyoo ou Nijoo-joo.

³⁰ SADLER, Arthur L. *Japanese architecture: a short history*. Tōkyō: Tuttle, 1882: p.48

Durante o período Nara (710-794), o país foi dividido em províncias, distritos e povoados. A reestruturação dos campos de arroz, segundo o sistema de quadrículas, facilitou o mecanismo de cobrança. “Agora, os antigos agricultores trabalhavam as terras públicas e suportavam o peso da política tributária do Estado”.³¹

Figura 7. Mapa de Heijō-kyō.
Fonte: Benevolo, *História da cidade. op. cit.*, p.68

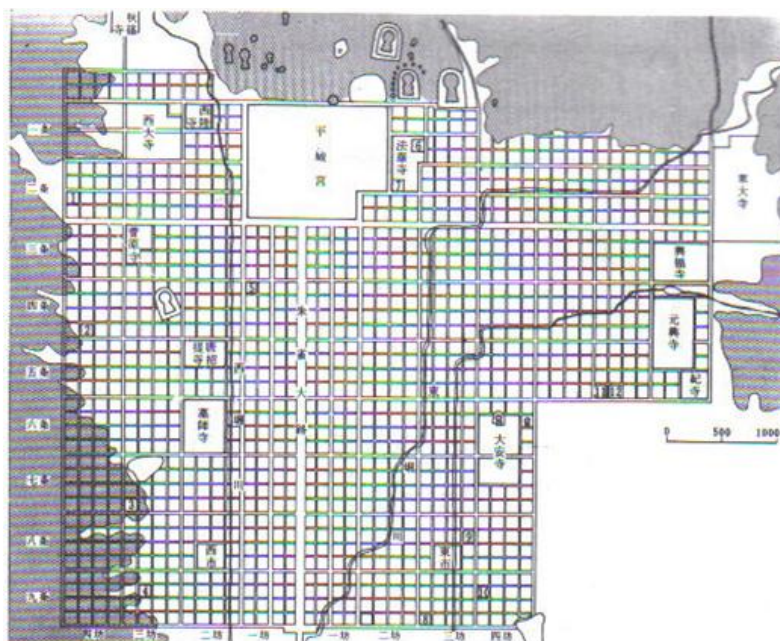


Figura 8. Planta do palácio e sua região adjacente.
Fonte: Benevolo, *História da cidade. op. cit.* p.67

Apesar do temor de uma invasão chinesa diminuir consideravelmente em virtude dos laços diplomáticos,³² a expansão do império encontrou fortes resistências na conquista do sul de Kyūshū e no norte do país.

Diferente da vida nas capitais, a situação dos soldados nos quartéis do norte era árdua, pois além de cultivar seu

³¹ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.62-63

³² Entre os anos de 630-894 foram enviados para a China T'ang 15 missões oficiais de paz, fora as ilegais promovidas por senhores locais. (Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.8)

próprio alimento, estavam em constantes pelepas contra os bárbaros do norte.³³

O ideograma chinês *shiro* - 城, que é utilizado para “cidade” na China será importado para o Japão como “jō”, utilizado primeiramente na definição dos castelos de fronteiras no norte do país.

Esses castelos eram inicialmente construídos como na China: de malha quadriculada e portões nos pontos cardeais. (fig. 10) Mas com o passar do tempo, e com a fragmentação do estado, a tipologia em *yamajiro* foi ganhando espaço, pois o relevo acidentado compensaria o menor número de soldados e facilitaria o controle de pequenas províncias.³⁴

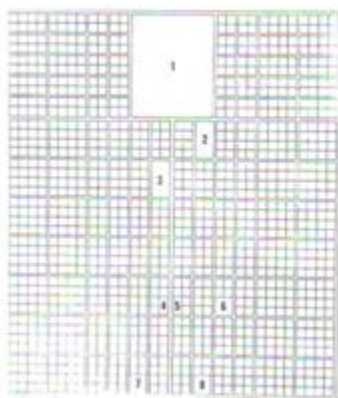


Figura 10. Modelo de Tōhoku, forte de fronteira Taga no estilo chinês.
Fonte: Turnbull, *Castles AD 250-1540. op. cit.* p.34

Já no ano de 784, o imperador Kammu ordenou uma nova mudança da capital, instruindo seu mestre-de-obras Fujiwara no Tanetsugu a seguir os princípios urbanos para uma capital. Fujiwara estava tendencioso a construir em

³³ (FUJIOKA, Michio. *Japanese castles*. 9ª Ed Ōsaka: Hoikusha, 1978: p.98) (McCULLOUGH, W. H. In: SHIVELY, Donald H. (org.). *The cambridge history of japan*. Vol. 2 Heian Japan. Cambridge: Cambridge University Press, 1999:30)

³⁴ MOTOO Hinago. *Japanese castle*. Tōkyō: Kodansha, 1986:31



Legenda

- 1. Palácio Imperial
- 2. Vila imperial *Schinsenin*
- 4. 5. Palácios de recepção
- 6. Mercado
- 7. 8. Templos

Figura 11. Mapa da cidade de Heian.

Fonte: Benevolo, *História da cidade. op. cit.* p.67

Nagaoka, ao norte de Heijan. As obras começaram e com elas surgiram intrigas políticas.³⁵

Com a morte do mestre de obras e alguns desastres naturais, o imperador entendeu um mau auguro em tudo, abandonou o sítio de Nagaoka e ordenou a construção em Heian, - Capital da paz e da tranquilidade -, atual Quioto.³⁶

A partir do século X, meados do período Heian, transformações políticas e econômicas na corte e nas províncias provocaram um enfraquecimento da máquina burocrática empreendida pelo sistema *ritsuryō*,³⁷ “contribuindo para a privatização e o retorno da influência dos clãs, tanto nas províncias, como na própria corte”,³⁸ principalmente para o ramo setentrional da família Fujiwara.

A aristocracia da capital com sua “luxuosa vida” dependiam cada vez mais de homens que pegassem em armas para defender suas terras e bens.³⁹ A figura do chefe guerreiro que mantinha a ordem se mostrava muito necessária.

Não demorou muito para esses chefes almejem poderes próprios em determinadas regiões, muitas vezes não tão longínquas dos olhos reais.

³⁵ CRANSTON, E. A. In: Brown, (org.), *The Cambridge History of Japan. op.cit.* p.502

³⁶ Quioto manteve-se como capital até a restauração Meiji em 1868, quando o imperador Mutsuhito mudou a corte para Edo, atual Tóquio. Assim como sua antecessora Heian, ela possuía um traçado como Chang’an, entretanto, com algumas características diferentes em virtude da influência Tendai, Shingon e jōdoshū, - budismo da terra pura -, que formavam o sistema exotérico da capital, *mikkyō*. (Sadler, *Japanese architecture. op. cit.* p.49)

³⁷ *Ritsuryō* foi o conjunto de códigos, criminal (*ritsu*) e civil (*ryō*), vigentes entre 800-1200. (Frédéric, *O Japão. op. cit.* p.1121)

³⁸ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.70

³⁹ O período Heian marca o apogeu japonês da cultura cortesã e constituiu uma época de enorme criatividade literária, artística e religiosa. Duas amostras entre tantas são: a antologia *kokinshū* de poesia e o clássico *Genji monogatari*, “História de Genji”. Também foi no período Heian o florescimento do Tendai e Shingon. (Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.70) (Brown, (org.), *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.519)

Dada a escassez de terras públicas, o governo central contava cada vez menos com recursos próprios para manter o exército oficial.

Em 792, foi abolido o sistema de alistamento de camponeses, realmente pouco efetivo na submissão das tribos *ezos* do nordeste. Até que em 1185, os Minamotos venceram os Tairas numa batalha naval, e Yoritomo transportou o poder para Kamakura,⁴⁰ dando início ao período Kamakura (1185-1333), mas não antes de construir uma das maiores histórias do Japão.

Então, a dama Nii, já decidida a levar a cabo sua idéia, vestiu-se com uma roupa dupla de escuro luto cinza e, levantando sua longa vestem, pôs a Sagrada jóia e em sua faixa a Sagrada espada. Segurando o imperador [Antoku] no colo, disse: “Embora eu não seja mais que uma mulher, não cairei nas mãos do inimigo. [os Minamotos] Acompanharei o meu Senhor Soberano. Que me siga aquele que o desejar”. E se deslocou lentamente para a borda da embarcação. O imperador contava então com somente sete anos de idade, mas parecia muito mais velho. Era tão adorável, que parecia irradiar uma brilhante auréola, e seu longo cabelo negro lhe caía solto pelas costas. Com uma expressão de surpresa e ansiedade no rosto, perguntou à dama Nii: “Onde me estais levando?” Ela se virou para o soberano menino com lágrimas nas faces e lhe respondeu: “Talvez Vossa Majestade não saiba que renasceu para ocupar o trono imperial neste mundo como resultado do mérito das Dez Virtudes acumulado em existências anteriores. Não obstante, agora um malvado carma vos reivindica. Virai-vos para o Leste e despedi-vos da divindade do

⁴⁰ FARRIS, William W. Japanese feudalism reconsidered In: _____. *Heavenly warriors: the evolution of Japan's military, 500-1300*. Cambridge: Harvard university press. 1995:315

Grande Santuário de Ise, e depois para o Oeste, para que o Buda Amida e os Santos vos dêem as boas-vindas na Terra Pura do Oeste. O Japão, pequeno como um grão, é agora um vale de lágrimas. Existe uma terra pura de felicidade sob as ondas, uma capital onde não existe a dor. É para ali que estou levando o meu Soberano”.

Confortando-o, guardou seu longo cabelo entre suas roupas variegadas. Cego pelas lágrimas e juntando as pequenas mãos, o infante imperial se virou em primeiro lugar para o Leste, para despedir-se da divindade de Ise, depois para o Oeste, para recitar o *butsu*. A dama Nii o apertou entre os braços e com as palavras: “Nas profundezas do oceano está a nossa capital”, submergiu por fim com ele debaixo das ondas.”⁴¹

O período em questão apresenta dois círculos de instabilidade, um ente os generais na lutavam pelo controle militar, e outro na própria casa imperial. Pois foi o imperador enclausurado Goshirakawa quem pediu ajuda à família Minamoto para lutar contra os Tairas, e por sua vez, em retribuição, o jovem general Minamoto no Yoritomo recebeu o título de xogum.

Mesmo antes da destruição dos Tairas, Minamoto no Yoritomo já vinha estabelecendo instituições de governo guerreiro em Kamakura. Essa fundação não só marcou o fim do período Heian (794-1185), como produziu uma notável alteração no equilíbrio entre o poder da corte e o dos clãs guerreiros, dando lugar a uma nova era, e com ela o domínio cortesão do Japão chegava ao fim.

⁴¹ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.98-101



Figura 12. Arte da montaria e arco caracterizou-se como o próprio senso militar do Japão medieval.
Fonte: TURNBULL, Stephen. *Samurai: O lendário mundo dos guerreiros*. São Paulo: M. Books, 2006: p.98

Aprendendo com os cortesãos, mas portadores de seus próprios costumes e com o olhar voltado para os monges Zens budistas⁴² e para os visitantes da China, os guerreiros medievais souberam forjar um singular estilo cultural.

O período Kamakura é marcado pela progressiva construção de um grupo profissional na destreza das armas e estratégia.⁴³ No ápice dessa ordem de guerreiros, geralmente encontravam-se os chefes de uma família de longa tradição.

Foram os guerreiros do leste, “frequentemente liderados por chefes que alegavam uma origem nobre (*kishu*), aos quais corresponde o refinamento das técnicas de cavalaria e a elaboração da via do arco e do cavalo.”⁴⁴ (fig. 12) Uma tradição marcial que eventualmente desembocaria, sob a influência confucionista do século XVII e Zen budista, no *bushido*, - a via do guerreiro -.

Expressões como *yumiya toru mi no narai*, - modos dos que usam o arco e flecha -, *kyuba no michi*, - via do arco e do cavalo -, ou *mononofu no michi*, - via do soldado -, eram de uso comum no final do período Heian e durante o Kamakura para descrever a profissão do *bushi* e distingui-la do estilo de vida da nobreza cortesã.

⁴² Os samurais eram, em geral, adeptos do budismo Zen, pelo antagonismo e pela busca de ser distinguir do budismo tradicional praticado na corte de Quioto, mas o sucesso imediato entre os samurais do estilo Zen se explica pela ênfase da escola no cultivo do caráter, da disciplina, da vida próxima a natureza e principalmente da rejeição da erudição. (PEREIRA, Ronan Alves. *O budismo leigo de Sōka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001:120)

⁴³ Utilizar o nome e o conceito de “samurai” neste momento do texto seria um anacronismo visto a complexidade que envolve o *bushido*. Samurai que vem do verbo “*saburau*” significa “servir”, no período Heian era empregado aos guerreiros da corte imperial, especialmente para os nobres Fujiwara e os imperadores enclausurados. Paulatinamente, o termo evoluiu pra todos os guerreiros das províncias que seguiam o *bushi*. Durante os períodos Kamakura, Muromachi e Edo, o termo foi aplicado ao guerreiro com cargo oficial a serviço do xogum ou *daimyō*.

⁴⁴ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.96

Bando musha no narai, - os costumes dos guerreiros de Kantō -, expressava o profundo senso de identidade marcial presente nos *bushi* das províncias orientais. Esse crescente vocabulário e o desenvolvimento da imagem do guerreiro ideal são louvados nas crônicas e relatos de guerra (*gunkimono*) compilados ao longo dos séculos.

Os primeiros relatos militares, como o *Mutsuwaki*, - uma história de Mutsu -, ou alguns dos relatos de *Konjaku monogatari*, - Contos de hoje e outrora-, pintam um vivo quadro da corajosa e violenta vida do guerreiro:

Eis-me aqui, disposto a dar a vida a teu serviço. [jurou Takenori] Não a considero mais importante que uma pena. Embora possa morrer lutando com os rebeldes, jamais darei as costas a um inimigo para poder viver.⁴⁵

Os imperadores até tentaram em alguns momentos recuperar o poder, como em 1221 na guerra de Jōkyū, quando o imperador Gotoba foi facilmente derrotado pelos Hōjōs, que ocuparam o posto de chanceler no século XIII.⁴⁶ Foram também os Hōjō, em especial Hōjō Tokimune, que organizou a defesa contra as invasões mongóis em 1274 e 1281.⁴⁷

Diferente do posterior período Tokugawa no século XVII, possuir um título de xogum em meados do século XVI não indicava um real controle sobre o poder imperial, mas sim, “poder real, em termos de vassalos confiáveis, terras

⁴⁵ Trecho de *Mutsuwaki apund* Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.96

⁴⁶ Outra guerra importante do período ocorreu em 1467, chamada “guerra de Onin”. Um conflito entre duas alianças de xoguns rivais que durou 10 anos e assolou grande parte de Quioto, também chamado de *sengoku jidai*, “províncias beligerantes”, talvez em alusão ao chamado período dos “estados beligerantes” na China.

⁴⁷ Durante a invasão dos coreanos vários navios da frota foram destruídos por intempéries climáticas, *kamikaze*, - ventos divinos -, o que auxiliou na crença de que o Japão era a terra protegida pelos deuses, *shinkoku*.

bem protegidas, castelos fortificados, capacidade tática e uma constante disposição para o ataque e a defesa.”⁴⁸

Pois, enquanto as alianças guerreiras provinciais eram pequenas e se limitavam a lutar entre si, não representavam uma ameaça à autoridade central da corte.

Não obstante, em meados do século X, era cada vez mais evidente que os crescentes bandos de guerreiros, capitaneados por líderes carismáticos, contavam com poder suficiente para controlar regiões inteiras do país, forçando, quando possível, o imperador a aliar-se a bandos e milícias para pelear contra a nova ordem nas províncias.⁴⁹

⁴⁸ Ibid, p.106

⁴⁹ Foi durante os períodos Kamakura, Muromachi e Momoyama que os poderosos clãs guerreiros infiltraram na política da corte, dentre eles os Tairas, que estavam em conflito direto com os Fujiwaras, esses que tinham como escudo outro poderoso clã, os Minamotos, em suma, no meio a tudo isso o imperador estava à mercê dos conselheiros, pois já não possuía forças militares para controlar a situação, motivo que são chamados de imperadores claustrados.

O modo de controle Fujiwara sobre a corte era simples, os imperadores subiam ao poder ainda crianças, logo, necessitavam de um conselheiro, que era impreterivelmente eleito em meio ao clã dos Fujiwaras, o problema é foram poucos os imperadores que se mantiveram vivos após completar a maioridade e ter um filho. O controle era ainda maior quando o imperador era casado com uma dama Fujiwara, o que não era raro, assim, quase todos os imperadores além de ensinado, era sobrinho, neto, primo de algum líder homem Fujiwara.

1.2. *Yamajiro*, o castelo de montanha

Após um efêmero período chamado “Dinastias do norte e do sul” (1333-1392), oriundo do esfacelamento do *bakufu* Kamakura, o senhor Ashikaga Takauji assume o título de seiitaixogun em 1338, dando início a uma sucessão de catorze gerações de xoguns Ashikaga, um deles foi Ashikaga Yoshimitsu, quem estabeleceu um governo forte no final do século XIV, quando finalmente em 1392, unificou ambas as cortes, iniciando o período Muromachi (1392-1568).⁵⁰

O *bakufu* Muromachi teve, portanto, um começo incerto, desde seu início não contava com grandes terras nem com poderio militar próprio, os xoguns Ashikaga viram-se, constantemente, obrigados a depender de seus principais vassalos e dos protetores provinciais.⁵¹

⁵⁰ HALL J. W. In: KOZO Yamamura. (org.), *The Cambridge History of Japan*: Vol. 3. Medieval Japan. Cambridge: Cambridge University Press, 1990: p.175-177

⁵¹ Diferentemente do *bakufu* Kamakura, o xogunato Muromachi não contava com extensas propriedades rurais. Para amenizar as dívidas e balancear a economia, os mais ativos entre os Ashikagas dedicaram-se ao comércio exterior. Ashikaga Yoshimitsu enviou missões comerciais à China e protegeu grupos mercantis, aos quais, posteriormente exigiu o pagamento de impostos. À sombra destas missões oficiais, ou não tão a sombra, como os piratas ingleses na era colonial, os *wakōs*, piratas japoneses, exerciam sua influência como exploradores das

Foi assim que, a aristocracia, os nobres e os grandes senhores de terras foram derrotados pelos guerreiros locais imediatamente inferiores a eles, mas com poderes militares reais e operantes. Com isso, o *gekokujō* favoreceu o intrincado tecido de pequenos domínios sobre controle dos *sengoku daimyōs*.⁵²

O auge dos senhores feudais veio com o enfraquecimento da autoridade central do xogunato Ashikaga e com as guerras civis do século XV, os *daimyōs* ganharam assim, cada vez mais importância na política nacional, cada um construindo seu próprio sistema de defesa, seu castelo, seu *yamajiro*.

A primeira forma fortificada no Japão que se têm notícias vem dos textos sobre a formação do próprio Japão. O texto *Nihon shoki*, - crônicas do Japão -, descreve o primeiro castelo construído pelo lendário imperador Jimmu por volta de 660 a.C.

Apesar de chamar “castelo” de “*ki*” e não de “*shiro*” ou “*jō*”, como se chamaria hoje, fica bem claro a ideia de que essas estruturas foram construídas como castelos. Alguns imperadores também são retratados como grandes construtores do período antigo, dentre eles Suinin, Ōjin e Yūryaku, 19 a.C., 279 d.C. e 457 d.C., respectivamente.

Apesar de já existirem outros termos militares como *inaki*, - cerca que protegia as plantações de arroz -, foi ao imperador Soga que as crônicas se referiram como o maior

autoridades coreanas, chinesas e japonesas, apesar de se considerarem simples “comerciantes”. (KAWAZOE Shoji In: Kozo, (org.). *The Cambridge History of Japan. op.cit.* p.398)

⁵² *Daimyō*, senhor das terras. Nas primeiras décadas do século XVI existiam no Japão cerca de 250 desses pequenos e médios domínios. (Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op.cit.* p.106)

construtor, autor do projeto de um castelo em meados do século VII com paliçada e fosso.

Em 663, ocorreu uma guerra envolvendo o reinado de Silla, momento esse, que a Coreia foi incorporada ao império chinês da dinastia T'ang. A batalha na baía de Hakuson levou os japoneses à reflexão de que necessitavam de uma defesa no noroeste da ilha de Kyūshū.

A maior defesa construída na região foi a fortaleza de Mizuki, próxima à cidade de Dazaifu. Os castelos foram construídos em dois morros próximos, Ōno-jō, ao norte e Kii-jō, ao sul, por conhecedores do sistema coreano importado do reino de Paekche.

Ongye Pongnyu foi co-responsável pela construção das importantes fortalezas de Ōno e Kii em Kyūshū, ele era um fugitivo de Paekche, que junto com outros sobreviventes, demonstraram sua gratidão através da produção de imponentes castelos inspirados no *sanseong* coreano, - fortalezas de montanha -, com o qual teriam se familiarizado em casa.



Figura 13. Castelo de Nakagusuku.
Fonte: <www.flickr.com>
acessado em 13/02/2010

Como a paisagem japonesa é predominantemente florestal e montanhosa, não é surpreendente encontrar esses dois fatores combinados na concepção da maioria das primeiras fortalezas japonesas. Uma infinidade de sítios em morro com topografias defensivas e os materiais de construção que eram necessários para fortalecer suas posições naturais. O resultado foi o desenvolvimento de um estilo de castelo conhecido como o *yamajiro* (castelo de montanha), (...).⁵³

⁵³ Turnbull, Stephen. *Japanese Castles 1540-1640*. Oxford: Osprey Publishing, 2008a: p.8

Os *yamajiros* foram inicialmente construídos à moda coreana. Primeiramente retirava-se toda a vegetação do topo da montanha. Em seguida, um muro de pedra era erguido serpenteado e seguindo os contornos do relevo, permitindo um perímetro defensivo completo.⁵⁴

As paredes eram edificadas de dois tipos: uma de terraplenagem forçosamente construída a partir de camadas no solo, ou num segundo tipo, com muros de pedra nos pontos estratégicos, como nas entradas do vale. (fig. 14)

Figura 14. *Yamajiro* de estilo coreano em Zakimi.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



⁵⁴ Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.25



Figura 15. *Yamajiro* de estilo coreano em Shuri.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Os *yamajiros* do norte foram construídos em um estilo misto, pois diferente das fortificações no estilo coreano de Kyūshū, os castelos do norte não fizeram uso da pedra além das fundações. Ao contrário, o principal meio de construção foi o adobe sobre uma fundação rasa de pedra.

Essa técnica também foi utilizada nos edifícios do governo e da Prefeitura de Dazaifu, visto que, o solo era escavado a pouca profundidade, o suficiente para garantir que não houvesse sementes ou plantas que viessem a geminar abaixo da estrutura.

Figura 16. Castelo de Shinpu.
 Fonte: <www.jcastle.info>
 acessado em 29/10/2009





Figura 17. Yamajiro de Takeda.
Fonte: SHARPE, Michael.
Samurai leaders: from the tenth to the nineteenth century.
Londres: Compendium,
2008:p.70

As técnicas utilizadas pelos carpinteiros do norte eram as mais variadas possíveis, produziam estruturas de madeira não só para os caixões do muro, mas também para a construção dos próprios edifícios.

Figura 18. No canto inferior direito um homem usa linha e tinta para marcar o ponto de corte.
Ao centro, seis homens usam enxós para alisar a madeira cortada.
Ao fundo os carpinteiros mais qualificados fazem o acabamento final utilizando lâminas afiadas.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.19

A fase final era dar-lhes um revestimento e um pequeno telhado, que protegeria contra as intempéries. Quando feita com precisão, a construção resultante ficava limpa e com linhas retangulares, contrastando com a superfície curva das paredes coreana de pedra empregadas na parte centro-sul de Kyūshū.⁵⁵ (vide fig. 15; 17; 19)



⁵⁵ Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.29

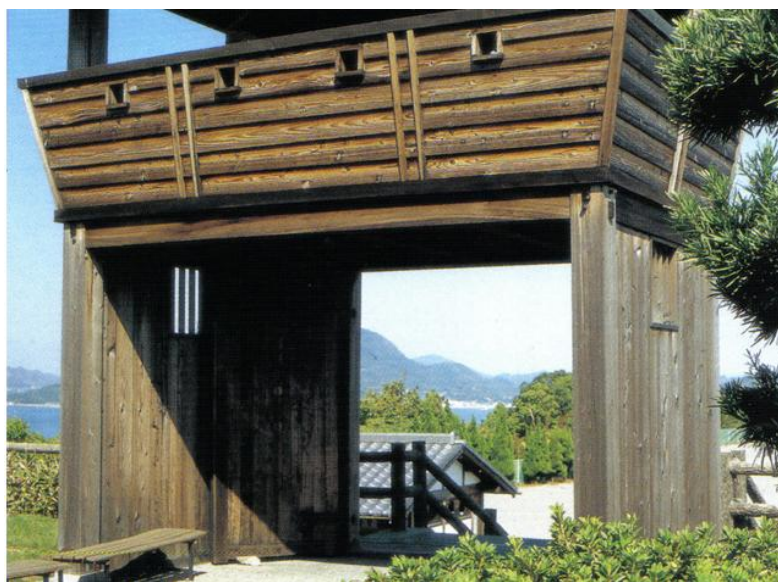


Figura 19. Portão no estilo do período Kamakura na ilha de Hakatajima.
Fonte: *Turnbull, Japanese Castles AD 250-1540. op. cit. p.34*

O portão restaurado acima, (fig. 19), foi construído inteiramente de madeira e sem revestimento. Ele foi montado com duas partes, a parte inferior é um pórtico que funciona como porta de entrada. E o andar superior, é um caixa com parapeito no estilo do período Kamakura. Já as torres parecem não ter parapeito do lado de dentro, possivelmente para permitir o rápido acesso para os defensores.⁵⁶

Outra característica interessante nos *yamajiros* são as séries de buracos quadrados, alinhados na parte inferior da parede, sua função é suspender pesadas pedras e troncos.

As cordas são passadas por dentro desses buracos e ligadas a pontos dentro do castelo, de modo que possam ser cortadas no momento adequado para deixar cair objetos sobre os invasores. Outra técnica é construir sobre as muralhas camadas falsas que também poderiam ser soltas.⁵⁷

⁵⁶ *Turnbull, Japanese Castles AD 250-1540. op. cit. p.33*

⁵⁷ *Ibid., p.34*

Figura 20. Sistemas de defesa com pedras.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.18

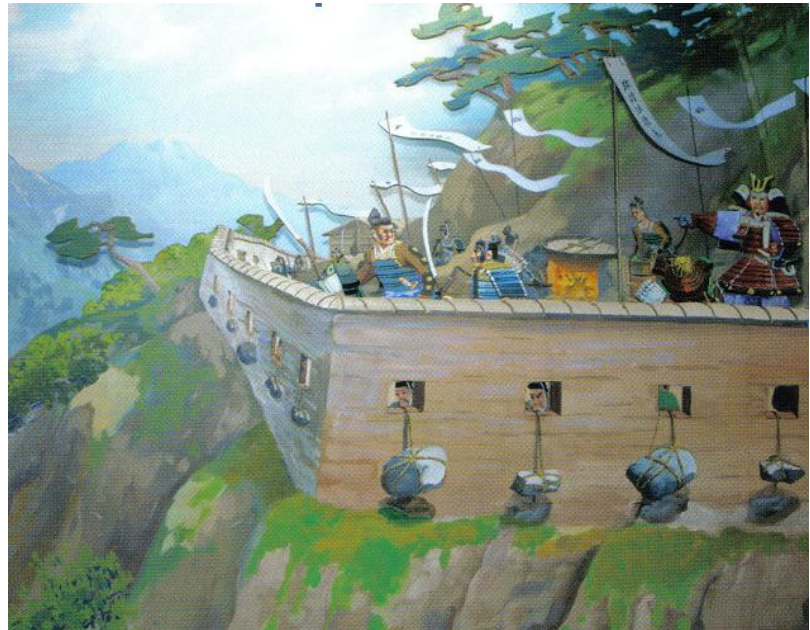


Figura 21. Sistema de defesa com troncos e paredes falsas.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.50



Os *yamajiros* eram construídos como folheados concêntricos do pico até a base, em suma, a montanha foi convertida em cercas naturais.⁵⁸ Cada camada visualizava completamente a camada abaixo, resultando em uma série de baluartes de terra esculpida.⁵⁹ (fig. 25)

As valas eram reforçadas com cortes verticais na própria montanha, perpendiculares às paredes internas, assim, intensificando a verticalidade. Aqui estão os primórdios da própria base japonesa no *hirajiro*.

Os *yamajiros* possuíam conexões entre o vale e o morro por onde passam riachos desviados para barrancos que alimentavam os fossos. Sobre os fossos passam pontes de madeira que davam acesso aos portões. (fig. 22)



Figura 22. Ponte do *yamajiro* de Yamanaka.
Fonte: <www.jcastle.info>
acedido em 29/10/2009

⁵⁸ Na Europa essa mesma estrutura recebe o nome de *Montte and Bailey*. (MACDONALD, Fiona. *Um castelo medieval*. São Paulo: Manole, 1993)

⁵⁹ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.10

Figura 23. O ponto amarelo marca a localização do castelo de Gifu sobre o monte Kinka.
Fonte: Google maps



Figura 24. Yamajiro de Gifu.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



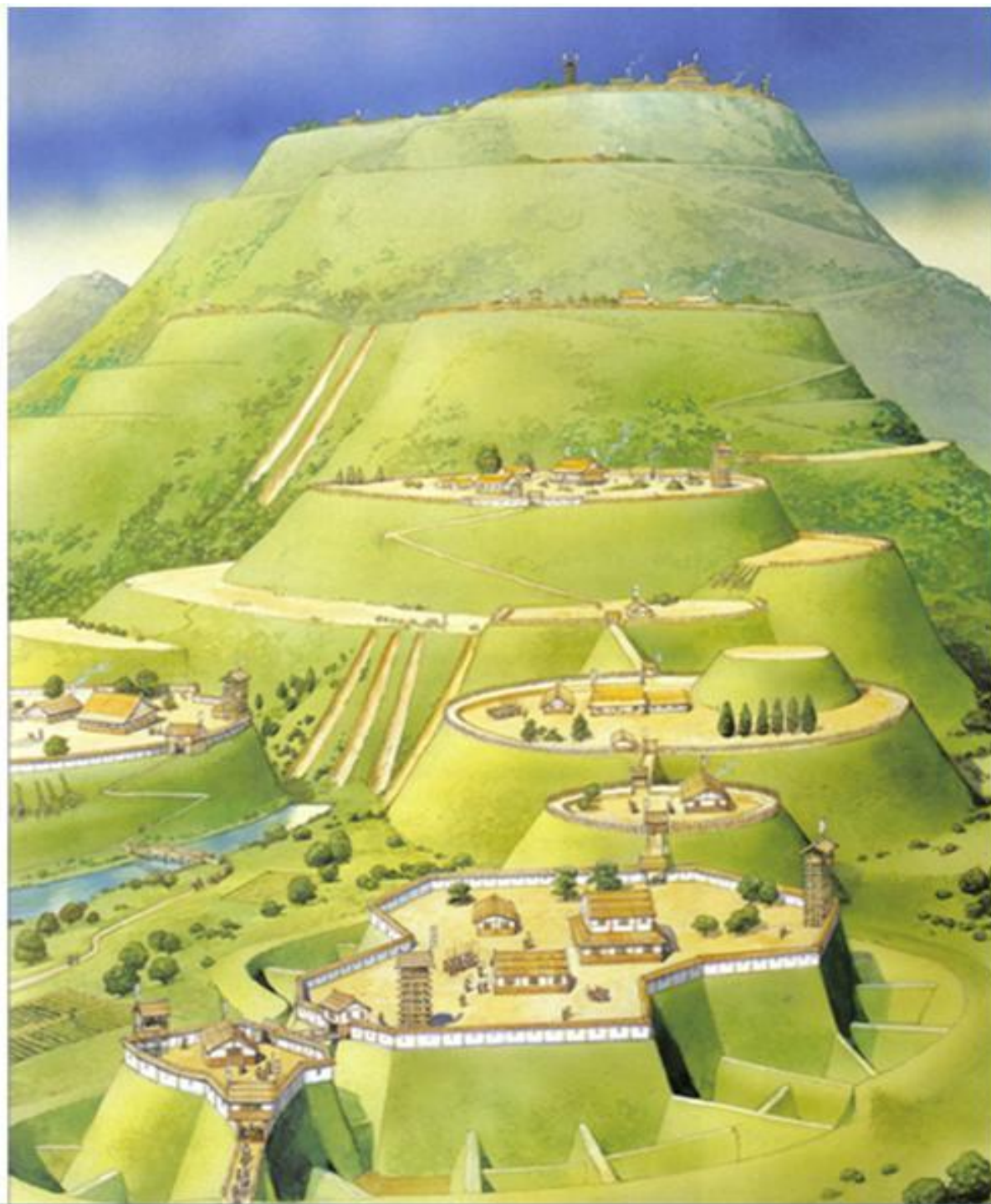


Figura 25. Disposição do *yamajiro* de Shikizan.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op.cit.*
p.20



Figura 26. Vista do *yamajiro* de Arato.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Com a crescente confiança no *daimyō*, a população vinda do campo ampliou os assentamentos e favoreceu a expansão comercial. Mesmo com o aumento de importância desses assentamentos na economia, pouco lhes foi dado para defesa, eram dependentes da tutela de um *yamajiro* próximo, que funcionava praticamente como uma cidade fortificada de vigia, e mantinha o controle da região nas mãos do líder militar.

Figura 27. Vista a partir do *yamajiro* de Takane para o vale que defendia.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.44

Logo, a escolha do local prezava por topografias marcadas com estreitos e afunilamentos, diminuindo os flancos de ataque inimigo e favorecendo a guarda do vale.





Figura 28. Vista do castelo de Nakagusuku.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Sob tutela dos *yamajiros*, as *jōkamachis* expandiam-se nos vales como a forma urbana mais comum do período pré-moderno no Japão.⁶⁰

As *jōkamachis* não eram como as cidades chinesas protegidas por grandes muralhas. Mesmo as capitais Heijō-kyō e Heian-kyō usaram o sistema de grelha chinês, mas não o seu sistema de muralhas. Foi Hideyoshi, no século XVI, quem construiu um singelo muro na capital Heian.⁶¹

O que não significa que os moradores eram completamente desguarnecidos, estudos indicam que as residências possuíam muros, em alguns casos até com fosso.

⁶⁰ NAKAI Nobuhiko In: HALL, The *Cambridge History of Japan*. *op. cit.* p.520

⁶¹ Motoo. *Japanese castle*. *op. cit.* p.29

Figura 29. Reconstrução artística da *jōkamachi* de Ichijodani.
Fonte: Turnbull, Japanese Castles AD 250-1540. *op. cit.* p.39

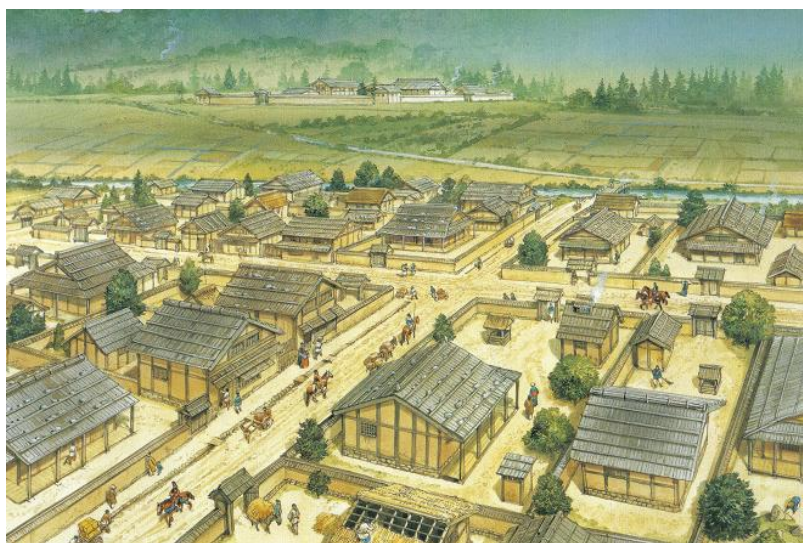


Figura 30. *Jōkamachis* do castelo de Kanazawa.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009





Figura 31. Parede de terra batida em Hagi.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

As maiores residências eram dos samurais mais importantes, como os lares dos protetores da família Asakura, que viviam nas adjacências da mansão do seu Senhor. Suas residências eram amplas, contavam com horta particular, varanda e cômodos divididos por telas e madeira.

Entretanto, mesmo as residências dos samurais inferiores, eram como versões menores e mais pobres da própria mansão central. Já essas, feitas apenas de paredes de terra batida e telhas para proteção.⁶² (fig. 31)

⁶² Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.40



Figura 32. Residência no castelo de Kakunodate.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 33. Residência japonesa.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 34. Residência japonesa.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 35. Residência japonesa.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 36. Residência japonesa.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

2. *Hirajiro*, o castelo de planície

Com o tempo, os *daimyōs* mais fortes foram derrotando e agregando as terras dos *daimyōs* menores. Sua base fortificada cresceu para ser vista e contemplada como um elemento fundamental nesse processo de conquista e poder.

Assim, paliçadas tornaram-se verdadeiros complexos fortificados, até que a pedra foi adicionada no século XVI, ao mesmo tempo em que o contato inesperado com a Europa introduziu as armas de fogo no Japão.

Se até então os castelos não haviam passado de (...) fortificações elevadas [*yamajiro*] construídas como defesa sobre um penhasco e protegidas por montanhas e rios, durante o século XVI foram edificadas nas planícies imensos castelos que dominavam os vales fluviais, as encruzilhadas e os campos de arroz.⁶³

⁶³ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.149

Os *yamajiros* do início do Período Sengoku parecem muito diferentes das graciosas fortalezas dos anos seguintes, os *hirajiros*. Isso porque, a maioria dos *yamajiros* eram como paliçadas nos topos das montanhas, ligadas por caminhos e passagens, sempre olhando para baixo, para as vilas e estradas vitais.

À medida que o século XVI avança, os castelos passam a ser construídos em locais mais acessíveis, tanto numa colina no estilo *hirayamajiro*, quanto em áreas planas, denominados *hirajiros*.⁶⁴

Os castelos em terrenos baixos facilitavam as atividades administrativas, comerciais e militares. Em contraponto, acarretavam certas desvantagens topográficas e naturais para a defesa.

Como consequência, os castelos eram construídos em terrenos próximos ao mar, lagos ou rios, para que a água desviada enchesse os fossos em torno do castelo e formasse uma linha de defesa, além é claro, da busca por fonte para a sobrevivência humana, como água e alimento.

Muitas vezes, um castelo de fronteira foi construído para defender um principal, como o Hakone-jō que resguardava a cidade e o castelo de Edo.

Mesmo tomando o nome *hirajiro* como “construído em planície”, esse processo pode ser dividido em dois momentos: os erguidos até 1600, em planícies, mas com o *donjon*, - torre principal -, sobre uma pequena colina, como o Himeji-jō. E os construídos após 1600, sob controle de Tokugawa, edificadas totalmente em planícies como os de Ōsaka e Nagoya.

⁶⁴ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.16

2.1. Localização e layout

As capitais japonesas inspiraram-se nas chinesas, as fortificações das fronteiras e *yamajiros* tiveram uma forte influência coreana, mas foram nos *hirajiros* que os japoneses desenvolveram a arquitetura militar tradicionalmente associada aos samurais.

Alguns castelos foram construídos em campos ainda não defendidos. Entretanto, muitos reutilizaram pontos já ocupados. Por exemplo, o castelo de Himeji, que durante o controle de Hideyoshi foi uma simples fortificação, transformou-se nas mãos de Tokugawa Ieyasu em um grande complexo defensivo.⁶⁵

O termo genérico em japonês para os vários pátios e áreas fechadas formando um estilo de layout era *kuruwa*. Já o método de planejamento adotado na época, ficou conhecido como *nawabari*, que significa “marcação com cordas”. Como

⁶⁵ MITCHELHILL, Jennifer. *Castles of the samurai: power and beauty*. Tōkyō: Kodansha International, 2003: p.69

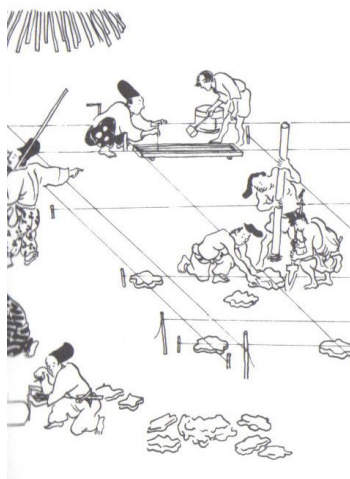


Figura 37. Parte de pintura *Kasuga Gongen* apresentando operário marcando os limites de um edifício japonês sobre a égide *kuruwa*.
 Fonte: NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo. *What is Japanese architecture: a survey of traditional Japanese architecture*. Tōkyō: Kodansha, 1996: p.32

o próprio termo indica, o primeiro passo, após o projeto, - *kuruwa* -, era marcar a futura extensão do castelo utilizando cordas.⁶⁶ (fig. 37)

Uma das considerações mais importantes para o sistema defensivo de um castelo sobre a égide *kuruwa*, assim como nos melhores projetos pelo mundo, era não proporcionar um padrão global de defesa para os castelos, usufruindo ao máximo da topografia local.

Rios, montanhas, ou mesmo o mar, todos os limites naturais eram ponderados no momento do projeto. Apesar de haver similaridades entre os projetos, os estrategistas japoneses não abriam mão de explorar as peculiaridades do terreno. Como ilustração, tem-se o castelo de Nagashino, famoso pela batalha e cerco de 1575, ele foi construído sobre um rochedo triangular banhado por dois rios.

Já os castelos de Takamatsu e Karatsu usaram o mar como fossos, enquanto Takashima-jō e Zezē-jō, os lagos de Suwa e Biwa, respectivamente, favorecendo a defesa dos castelos, chamados popularmente de *ukishiro* ou *mizujiro*,⁶⁷ “castelos flutuantes”.

No castelo de Inuyama, os projetistas se valeram de um rio e de uma alta montanha como dois elementos naturais de defesa. Enquanto Bitchū-Matsuyama-jō olhava para baixo de um monte de 480 metros, considerado o castelo em posto mais alto do Japão.⁶⁸

As áreas de um castelo, via de regra, se dividem em três grandes classificações: a área mais bem protegida, no ponto

⁶⁶ Motoo. *Japanese castle. op. cit.* p. 91

⁶⁷ *Mizu* é “água” em japonês, e *jiro* “caselo”.

⁶⁸ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.21

mais alto do relevo, onde ficava o *tenshu*, - torre central -, é chamada de *hon maru* que significa “principal” ou “íntimo”. Essa área poderia abranger não só o castelo principal, mas outros edifícios que o *daimyō* desejasse. A segunda área era chamada de *ni no maru* e a terceira de *san no maru*.⁶⁹

Nos pátios do *ni no maru* havia jardins, edifícios e torres, essas mais austeras que o *tenshu*, mas de grande beleza. Próximos aos muros internos, os samurais exercitavam-se. Templos e residências abrigavam nobres e cortesãos, “no entanto, o espaço compreendido entre a segunda e a terceira muralha [*san no maru*] era reservado ao povo e ao artesão, uma vez que em caso de perigo, poderiam refugiar-se lá.”⁷⁰

Durante as guerras, dependendo da benevolência do *daimyō*, é claro, a população até poderia se abrigar na terceira área. Já em tempos de paz, havia uma tumultuada cidade em torno do castelo, chamada *jōkamachi*.⁷¹

Essas cidades cresceram e prosperaram, formando as grandes metrópoles japonesas de hoje, como Tóquio e Ōsaka.⁷²

Os comerciantes e artesãos viviam na região denominada *shitamachi*, dividida em distritos de acordo com suas funções. Todos os carpinteiros viviam juntos, como faziam os peixeiros e os ferreiros.

⁶⁹ A expressão *maru* é utilizada ainda hoje para definir uma região da moderna cidade que fica na antiga área do castelo, um exemplo de Tóquio, antiga Edo, é o distrito de Marunouchi, que fica entre o palácio imperial e a atual estação central. (Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.22)

As expressões *ni* e *san* são respectivamente os numerais dois e três.

⁷⁰ Frèdèric, *O Japão. op. cit.* p. 159

⁷¹ Os aglomerados urbanos chamados *jōkamachis* cresceram em torno dos castelos, assim como, as *monzenmachi* cresceram em torno dos monastérios. (Ibid., p.159)

⁷² As cidades construídas no período de 1580-1610 ainda eram pequenas, mas cresceram vigorosamente sobre a tutela dos castelos no século seguinte, logo, não é de se estranhar que trinta e quatro, das quanta e sete, atuais capitais de provinciais foram *jōkamachis*. (Mitchell, *Castles of the samurai. op. cit.* p.73)

Figura 38. *Kurazukuri* do castelo Kawagoe. (Área de comércio antigo)
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Os distritos, mesmo os atuais que pertenciam à cidade antiga, são chamados por essas ocupações, como *daikumachi*, - cidade dos carpinteiros -, ou *kajiyamachi*, - cidade dos ferreiros -. (fig. 38)



Templos e santuários estavam localizados no lado mais vulnerável da cidade e no exterior das muralhas, onde poderiam ser utilizados, se necessário, como postos avançados de defesa, visto que, comumente, os templos tinham um sistema de defesa próprio.⁷³

Retornando ao castelo, a segunda área chamada *ni no maru*, era destinada aos altos funcionários e aos grandes samurais, responsáveis pela defesa direta do castelo central, - *tenshu* -, na primeira área chamada *hon maru*.

Especialmente nos castelos dos Tokugawas, se pode observar a intenção de aplicar os três níveis pregados pelos teóricos do confucionismo como Yamaga Sokō (1622-85) e Ogyū Sorai (1666-1728).

De acordo com esses teóricos, existem “três níveis de segurança”, - *kengo sandan* -. O primeiro chamado *kuni kengo no shiro*, “o castelo protegendo a província”, o segundo *tokoro kengo no shiro*, “o castelo protegendo a localidade” e o terceiro chamado de *shiro kengo no shiro*, “o castelo protegendo o castelo.” A busca do local e a disposição arquitetônica visavam controlar essas três funções do castelo, apesar de haver exemplos não tão bem aplicados.⁷⁴

A forma como os *hon maru*, *ni no maru* e *san no maru* se ajustavam no terreno derivam diretamente da topografia e da intenção estratégica. Sabe-se que o *hon maru* teria que ficar no ponto mais alto do terreno, quando houvesse essa irregularidade, mas, a disposição dos *ni no maru* e *san no maru* ao redor, visavam ao máximo dificultar a invasão, o

⁷³ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.73

⁷⁴ Motoo. *Japanese castle. op. cit.* p.92

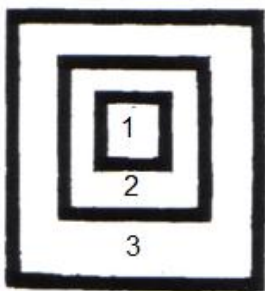


Figura 39. Estilo *rinkaku*.

1. *Hon maru*
2. *Ni no maru*
3. *San no maru*

Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.22* (adaptado)

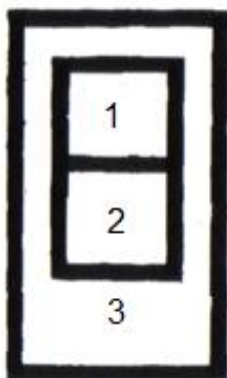


Figura 40. Estilo *renkaku*.

1. *Hon maru*
2. *Ni no maru*
3. *San no maru*

Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.22* (adaptado)

que muitas das vezes não era favorável à típica implantação concêntrica.

Para o Dr. Orui existem três formas básicas de *nawabari*: o *rinkaku*, *renkaku* e o *hashigokaku*.⁷⁵

O estilo *rinkaku* tem o *hon maru* no centro e os *ni no maru* e o *san no maru* dispostos em anéis concêntricos em torno dele. (fig. 39) Embora, isso possa parecer o estilo ideal para a defesa, há surpreendentemente poucos exemplos desse tipo de castelo como os de Nijō, Utsunomiya, Yamagata e Mihara.

São duas possíveis razões para isso, segundo os estudos de Fujioka: Em primeiro lugar, os fossos e muralhas de pedra desse tipo de castelo tinham que ser extremamente longos se comparados à pequena área do *hon maru*. Em segundo lugar, tais obras de defesa eram muito trabalhosas e, portanto, muito caras.⁷⁶

A segunda forma de implantação, o *renkaku*, tem o *hon maru* ao lado do *ni no maru*. (fig. 40) Para se construir um castelo nesse estilo, era necessário escolher um terreno específico e uma disposição militar que protegesse o lado oposto do *hon maru*, como nos castelos de Mito e Sendai, que têm rios ou montanhas neste flanco.

Renkaku é, provavelmente, o estilo mais comum, pois permite uma melhor utilização do espaço, além de contar com a proximidade do *ni no maru* em auxílio ao *hon maru*, caso a primeira linha de defesa, o *san no maru*, fracassasse.⁷⁷

⁷⁵ (Orui *Apund Fujioka, Japanese castles. op.cit. p.117*). Turnbull também apresenta os nomes *rinkaku*, *renkaku* e *hashigokaku*, (Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.22*). Já para as mesmas disposições, Motoo chama-os de *dōshin'em*, *teikakukei* e *renketsukei*. (Motoo. *Japanese castle. op. cit. p.92*)

⁷⁶ Fujioka, *Japanese castles. op.cit. p.118*

⁷⁷ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op.cit. p.22*

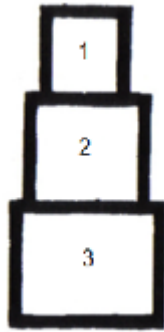


Figura 41. Estilo *hashigokaku*.
1. *Hon maru*
2. *Ni no maru*
3. *San no maru*
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.22*
(adaptado)

A terceira forma é o *hashigokaku*, que só pode ser aplicado numa configuração topográfica similar aos já estudados *yamajiros*. (fig. 41)

Nesse sistema, o *hon maru* fica com três fachadas voltadas diretamente para o cenário de guerra, não há outras muralhas que amortecem o ataque. Por isso, o terreno deve compensar defensivamente, seja por um lado da montanha de forma abrupta, seja pela existência de um grande rio ou mesmo o mar.

Um exemplo é o castelo de Aizu-Wakamatsu, feroz ponto de resistência durante a restauração Meiji, similar ao *hashigokaku* no castelo de Inuyama em Kiso, ambos com penhascos do lado de trás do *hon maru*.⁷⁸

A utilização de uma arquitetura labiríntica, que ao invés de enfrentar o inimigo diretamente, permite que grupos menores entrem e sejam emboscados e destruídos pelas armadilhas, é notada regularmente nos castelos japoneses, daí a preocupação com a disposição das áreas.

Isso porque, em qualquer uma das três formações, o inimigo é forçado a percorrer sucessivamente os *san no maru* e *ni no maru* antes de chegar ao *hon maru*, e nunca de forma linear.⁷⁹

⁷⁸ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.22*

⁷⁹ É importante ressaltar que os nomes e as ordens não dizem respeito à quantidade, mas sim a função da área, um exemplo é o castelo de Kanazawa que possui sete *marus*, acentuando ainda mais o tamanho e o caráter labiríntico do castelo. (Mitchellhill, *Castles of the samurai. op. cit. p.71*)

2.2. Fossos e pontes

A primeira estrutura de defesa que o agressor teria de superar era o fosso, - *hori*, 堀 -. São poucos os fossos que restaram integralmente, alguns foram transformados em canais da cidade moderna e outros foram simplesmente preenchidos. Um exemplo disso é a Rua Sotobori em Tóquio, que foi construída com o preenchimento do fosso *sotobori*, - fosso exterior -, da era Edo.⁸⁰

As funções do fosso são: criar uma distância entre o agressor e a muralha, impedir o rápido deslocamento para a base do castelo, além de acentuar a verticalidade da muralha e eliminar pontos cegos rentes à muralha.

Ele cercava não só a entrada, mas vários recintos do castelo, tornando a invasão mais difícil. O fosso poderia ser seco ou inundado, normalmente, alimentado por lençóis

⁸⁰ <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

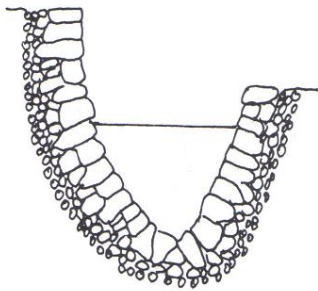


Figura 42. Corte de um fosso *yagenbori*.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op.cit.* p.78

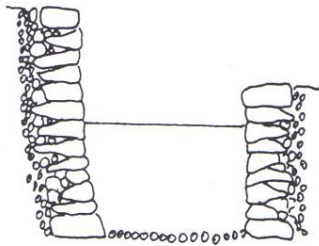


Figura 43. Corte de um fosso *hakobori*.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op.cit.* p.78

freáticos ou por água desviada de fontes próximas, como rios e o mar. Outra forma era uma fina lama, que permitia ver os passos de um invasor, o que não era exatamente preventivo.

O tamanho do *hori* de um castelo variava conforme o seu perímetro e a forma exterior. O fosso exterior geralmente era mais amplo e profundo. Um fosso padrão para grandes castelos foi de aproximadamente oito metros de profundidade e vinte e seis de largura.

Os lados eram frequentemente revestidos com pedras para evitar a erosão. Eles seguiam geralmente duas formas básicas: a de “U” chamada, *yagenbori*, e a forma da caixa, chamada *hakobori*.⁸¹

Ao se escavar um fosso, os operários, comumente, jogavam a terra para o lado de dentro da fortificação, criando um talude ou simplesmente aterrando a base do castelo. Isso permitia que a área interna ficasse em um nível mais alto que o piso do lado externo, acentuando assim, a verticalidade do fosso. Por exemplo, no castelo de Edo, o *hon maru* é elevado vinte e cinco metros em relação o *ni no maru* e o *san no maru*.⁸²

Os fossos de castelos que nos dias de hoje estão recobertos de grama e arbustos para evitar a erosão, originalmente poderiam ser ou não cobertos de tal forma, isso porque, também existiam paredes recobertas de barro e argila, visto que, sua face lisa dificultava a escalada do inimigo.

Havia, também, um estilo misto, que combinava as paredes de pedra com as de grama. Assim, economizavam-se

⁸¹ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op.cit.* p.78

⁸² Motoo, *Japanese castle*. *op.cit.* p.135

gastos com as pedras, mas as utilizavam em locais realmente necessários, como por exemplo, na base do talude, - muro de arrimo -, ou no contato com a água.

No caso de paredes de barro puro, o ângulo do muro foi cortado em cerca de 45° para evitar a erosão. Já no caso de paredes cobertas de grama, os ângulos chegavam a 60°, para torná-los mais difíceis de se escalar.

Shojibori é um fosso comumente empregado nos *yamajiros* que pretendia retardar ao máximo a investida do inimigo. Criava-se uma trama de pequenas pontes cobertas de água barrenta, em suma, os defensores sabiam onde elas estavam, mas os atacantes não, de forma que ou o sitiante andava devagar ou caía no fosso.

Se houvesse uma única ponte dava-se o nome de *unebori*, ao invés de *shojibori*, nome extraído da aparência com as telas de papel japonesas, chamadas de *shoji*. (fig.44)



Figura 44. Pontes do castelo de Yamanaka.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

Subtraindo exemplos mais exóticos, como o *shojibori*, em geral, as pontes eram construídas de madeira e móveis, em virtude dos terremotos, embora o castelo de Fukue, nas ilhas Goto, forneça um exemplo incomum de ponte em pedra.⁸³



Figura 45. Ponte de pedra do castelo Fukue.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.27*

Das pontes fixas em madeira, a sua maioria era em balanço e, muitas das vezes, graciosas como as de Hikone e Matsumoto. (Fig. 55)

Também houve no Japão, segundo textos antigos, pontes com princípios similares às dos castelos europeus, quanto ao seu movimento, mas ao contrário da Europa, que eram levadiças, as japonesas eram de correr, girando para o lado sobre longos suportes horizontais.⁸⁴

⁸³ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.26*

⁸⁴ *Ibid.*, p.26

Algumas pontes foram construídas como extensões de suas bases, um exemplo é o Imabari-jō, onde a ponte rasga o fosso em duas partes não conectadas. (fig. 46-47)

Figura 46. Ponte do castelo de Imabari.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 47. Ponte do castelo de Imabari.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



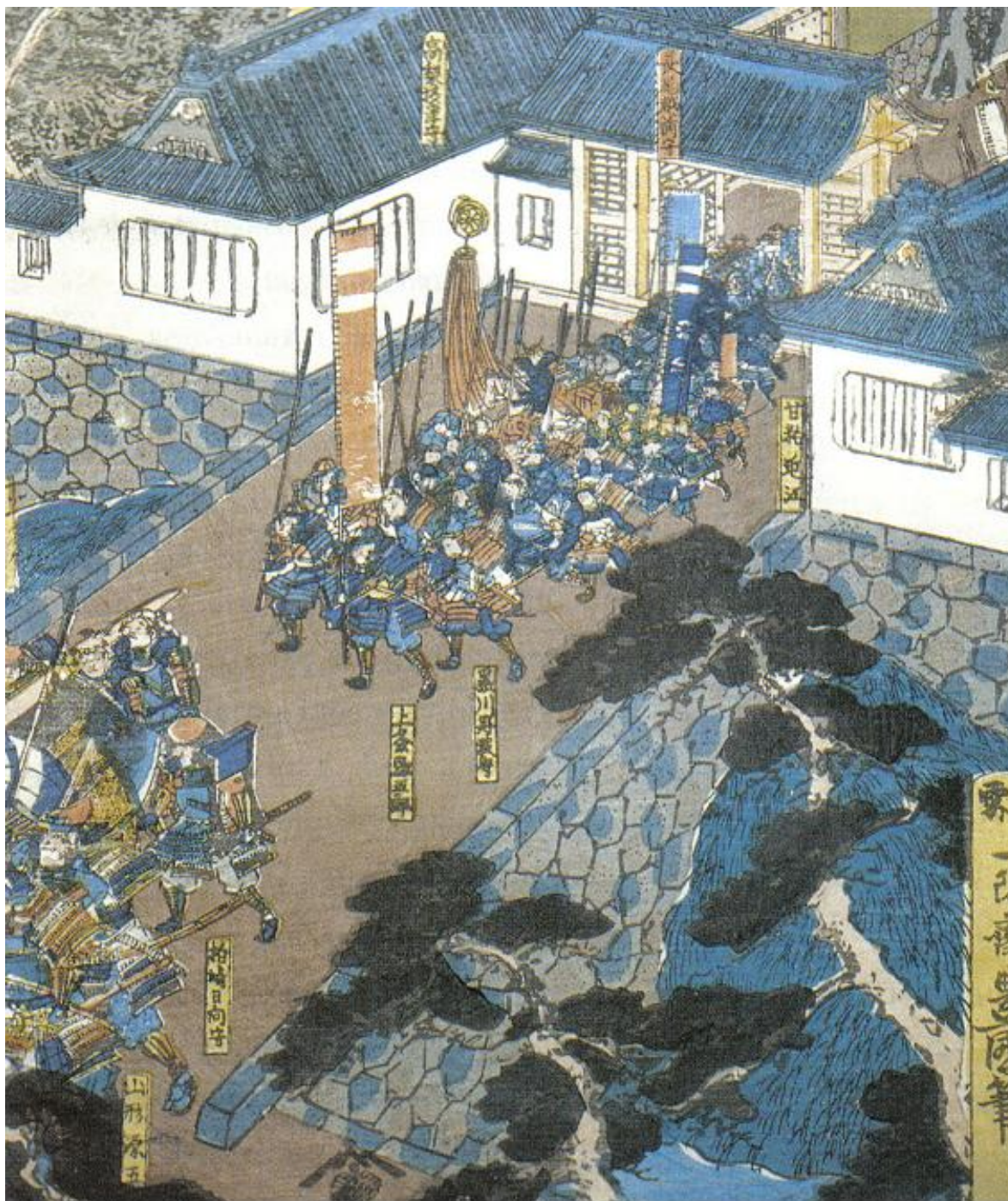


Figura 48. Xilogravura de um exército saindo do castelo sobre uma ponte de pedra, como a do castelo de Imabari.
Fonte: Turnbull, *Samurai: O lendário mundo dos guerreiros*.
op. cit. p.107



Figura 49. Ponte do castelo de Iwakuni.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 50. Fosso do castelo de Kanazawa.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 51. Fosso externo, *sotobori*, do castelo de Matsumoto.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 52. Fosso do castelo de Kumamoto.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 53. Ponte Ounkyo que
acessa o portão Toya do
castelo de Takato.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 54. Ponte do castelo de Hikone.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 55. Ponte do castelo de Matsumoto.
Fonte: <<http://media.photobucket.com>> acessado em 24/09/2010

2.3. Portões

Estradas e ruas foram construídas para dar acesso às várias áreas do castelo. As valas e os muros eram imponentes e fortes, separando e demonstrando o poder do senhor do castelo.

Mas, como diz popularmente “uma corrente é tão forte quanto seu elo mais fraco”, pode-se tecer um comentário simples, mas de grande valia militar: em meio à facha de espessas pedras, defendidas por um fosso, existe um pequeno trecho que é feito de madeira e é o ponto mais vulnerável da estrutura: o portão.

É possível observar nos castelos, sejam eles japoneses ou euro-asiáticos, que sempre existem torres nas laterais e nas quinas da muralha. Entretanto, há uma maior concentração delas junto às entradas, e isso pode ser observado desde os primórdios da arquitetura de defesa, como bem defende

Laffillée. “(...) a porta ainda é considerada um ponto frágil, protegida em geral, por duas torres juntas (...).”⁸⁵

Os arquitetos japoneses certamente conheciam tal princípio universal, motivo dos portões e torres serem tão suntuosos e fortes. Na entrada da frente do castelo havia um espaço que foi usualmente chamado de *ote*, somado ao nome *mon*, que significa “portão” em japonês, gera-se o nome *otemon*.

Em português se dá o nome de “portão” ao elemento que veda uma seção da muralha.⁸⁶ Entretanto, no inglês, a palavra *gatehouse* expressa de forma mais precisa o que seria um *otemon*, pois mais que vedar, o portão servia de escritório para pedágio e ponto de defesa, não para um ou dois, mas para um grupo de soldados que praticamente viviam nesses postos.

O portão da frente, comumente virado para o sul, era chamado de *ote-mon*, o secundário foi chamado de *sakura-mon*, portão de flor de cereja, e o de trás, em direção ao norte, foi chamado de *karamete*, mão de ligação.

Uma série de medidas foi empregada para superar o potencial perigo de ataques, as entradas mais importantes foram fortemente guardadas pelos portões geralmente na forma de um *masugata-mon*, que poderia ser comparado ao portão ocidental chamado *barbican*, igualmente presente na arquitetura militar chinesa, como no portão Badaling em

⁸⁵ LAFFILLÉE, Henri. L'architecture militaire In: _____. *L'architecture et la decoration*: De l'âge de pierre à nos jours. TOME III. Paris: Lês Editions Historiques et Religieuses, 1939: p.913

⁸⁶ Uma das explicações para o termo vem de Roma, do latim, desde a tradição de Remo e Romulo. Para definir onde seria a muralha Romulo fez um risco no chão, a mesma coisa ocorria no processo da conquista, os militares que usam os equipamentos de medida, dentre eles uma espécie de arado e a *groma*, eram responsáveis por demarcar a cidade, quando chegavam ao local que não teria muralha eles levantavam o arado e colocavam no novo local, neste espaço que não havia a marca no chão não haveria pedra, logo, seria a porta, daí o nome, pois eles “portavam” de um local para o outro.

Nankow, ou mesmo Jiaynguguan, o grande portão do oeste, na muralha da China.⁸⁷

O *masugata-mon* é um portão feito de duas partes: uma entrada mais simples feita de colunas e vigas de madeira em um ou dois andares. E segundo portão que estava sempre em ângulo reto, 90°, em relação ao primeiro, chamado de *watari-yagura mon*, nome dado por possuir uma *yagura* sobre o portão e *watari*, que significa “giro” em japonês.⁸⁸ Esse pátio fechado também pode ser chamado *korai-mon*.⁸⁹

Figura 56. Portão Hishi do castelo de Himej.
Fonte: Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.82



⁸⁷ TOY, *A history of fortification form 3000 BC to AD 1700. op. cit.* p.21

⁸⁸ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.21

⁸⁹ *Korai-mon* que significa “portão coreano” define justamente o que ele é, um estilo copiado do continente. (Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.84)



Figura 57. *Watari-yagura mon*
do castelo de Imabari.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 58. Yamanoto Gomon,
Watari-yagura mon do castelo
Kofu.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 59. Portão Sujigane ,
Watari-yagura mon do
Castelo de Iyo Matsuyama.
Fonte: Turnbull, *Japanese
Castles 1540-1640. op. cit.*
p.23

O pátio era protegido por paredes com janelas de tiro, - *samas* -, e torres adicionais. São muitas as funções do *masugata-mon* em tempo de paz, algumas até simples como controlar a entrada de pessoas, decorar e marcar a entrada, ou mesmo proteger os vigias contra as intempéries, além de ser um ponto de reunião da escolta antes de deixar com segurança o castelo.⁹⁰

Porém, estrategicamente falando, a maior função do *masugata-mon* é afunilar o exército inimigo, limitado o número de homens que poderiam passar pelo pátio simultaneamente ou mesmo trancafiá-los.

Era difícil para um grande contingente entrar no castelo japonês, não que houvesse no Japão tais exercito de números estrondosos, mas, uma vez presos no pequeno espaço, os invasores eram vítimas de líquidos, flechas, pedras e fogo ateados pelos defensores resguardados no pavimento superior do *yagura-mon*.⁹¹

As principais portas de madeira normalmente eram reforçadas com ferro, do mesmo modo que seus batentes, pinos, dobradiças e alças. Um exemplo é o *otemon* do Kochi-jō, uma porta de madeira toda decorada e reforçada com ferro. (fig. 61)

⁹⁰ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.84

⁹¹ *Ibid.*, p.84

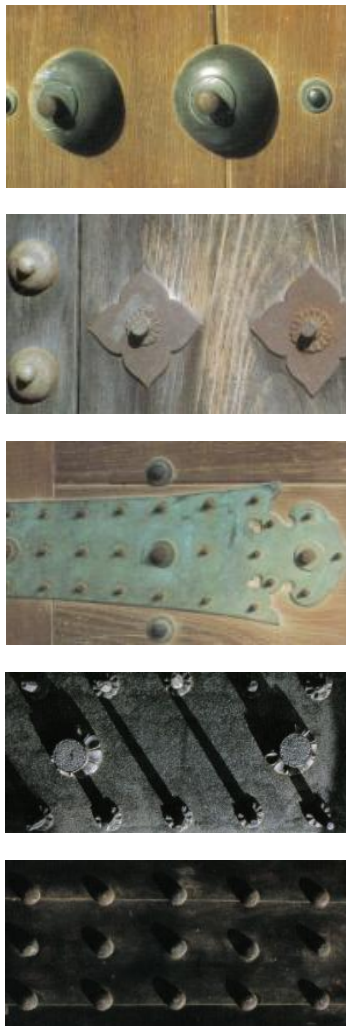


Figura 60. Ferrolhos e pinos de ferro de um portão de madeira.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.40-42

Figura 61. Ote-mon do castelo de Kochi.
[direita no texto]
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.41

São poucos os *masugata-mons* remanescentes no castelo de Edo, no atual Palácio Imperial de Tóquio, dentre eles estão os Sakurada mon, Hirakawa mon, Tayasu mon e o imponente Shimizu mon, mas mesmo sendo poucos, são os melhores exemplos desse tipo de portão.⁹²

Além do portão principal, há muitos outros tipos de portas, todas com um princípio básico em comum: duas colunas, - *kagamibashira* -, que mantém as portas apoiadas, e

⁹² Motoo, *Japanese castle*. op. cit. p.117

uma viga, - *kabuki* -, na parte superior. Normalmente, as colunas são apoiadas por pilares na parte de trás, - *hikaebashira* -, para evitar que os portões fossem empurrados.⁹³

O resto da construção do portão e suas denominações decorrem da posição e tipo. Visto que suas funções são necessariamente defensivas, os portões são frequentemente posicionados nas paredes de todas as muralhas, para que qualquer invasor que tente entrar no castelo tivesse que fazer um ziguezague.

Similar ao ocidente, que se dão os nomes de santos às torres, portões e bastiões específicos, os castelos do Japão apresentaram alguns exemplos emblemáticos, como o *akazu-no-mon*, - portão que não abre -, no castelo de Kumamoto, uma porta que nunca foi aberta, pois estava localizada para o nordeste, direção da qual se acreditavam que espíritos do mal poderiam entrar.

Há também no castelo de Okayama o portão *rokuju-ichi gangi-eu-mon*, traduzido por “portão no topo das sessenta e uma etapas em ziguezague”, que é exatamente onde ele está.

Yaguramon (櫓門) é um portão com uma *yagura* em cima. São frequentemente grandes, fortes e impressionam o olhar. Eles são empregados como portas internas de uma *masugata*, e para outros pontos de entrada importantes. A *yaguramon* era um lugar seguro para observar o exterior e poderia ser usado como plataformas de defesa. (fig. 63)

Elas foram equipadas com lacunas e janelas para atacar qualquer pessoa no pátio. Existem dois tipos de *yaguramon*: a *watari-yagura* construída com grandes paredes de pedra em

⁹³ <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

frente ao portão, e o outro estilo que é basicamente uma *yagura* suspensa em pilares.

Uma porta interessante é a Minami-mon do castelo de Nijō. Além de gastar energia tentando derrubar os portões, o inimigo poderia prede tempo em um portão que leve a lugar nenhum, além de serem alvos fáceis para a defesa.⁹⁴ (fig. 62)

Figura 62. Minami-mon do castelo de Nijō.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.44



⁹⁴ Há na arquitetura ocidental um portão armadilha similar, chamado “porta da traição”.



Figura 63. *Yaguramon* do castelo de Edo.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

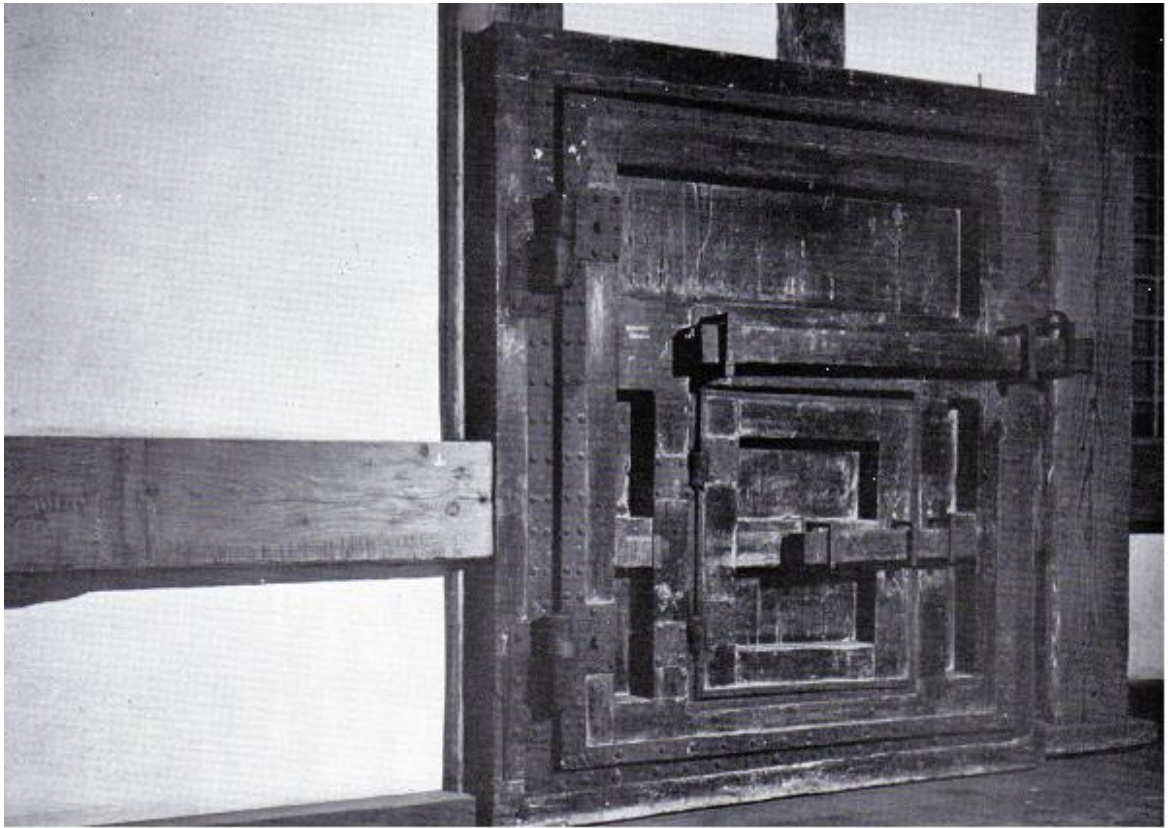


Figura 64. Porta reforçada do Ni no Watari-yagura do castelo de Himeji.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.127



Figura 65. *Yakuimon* do castelo de Kofu.

Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

Yakuimon é um portão comumente usado em trechos menores, pois o telhado abrange tanto os pilares principais da frente, - *kagamibashira* -, como os de apoio traseiro, - *hikaebashira* -. Com isso, o telhado é necessariamente grande para cobrir todos os pilares.



Figura 66. *Munamon* do castelo de Edo.

Fonte: Ibid.

Munamon é um portão com dois pilares principais coberto por um telhado. É semelhante a outros portões, mas faltam-lhes os pilares de apoio extra na parte de trás, tornando-se, relativamente, instável. Muitas vezes, é firmado entre as paredes de pedra ou de barro para ganhar apoio extra.



Figura 67. *Tonashimon* do castelo de Iyo Matsuyama.

Fonte: Ibid.

Como o nome indica, *tonashimon* é literalmente um “portão sem porta”. O mais conhecido é o *tonashimon* do *Iyo Matsuyama-jō*.



Figura 68. *Nagayamon* do castelo de Hinkone.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Nagayamon é um portão anexado a um grande armazém com guaritas que acompanham as paredes do castelo. São, portanto, pontos importantes não só para passagem, como para emboscadas dentro do castelo.

Elas permitem que os defensores transitem de forma mais rápida e linear dentro do labirinto formado pelo castelo, é como se eles andassem por dentro das muralhas. Isso é muito importante, pois o defensor não é desfavorecido pelo sistema labiríntico do castelo.

O último portão estudado, dentre outros que não o serão, é o *karamon*, um portão excessivamente ornamentado com um telhado de estilo *karahafu*, uma empena caracterizada pela crista arredondada no centro.

São vários os *karamon* sobreviventes em templos, mas são poucos os preservados em castelos, dentre estes estão os *karamons* dos castelos de Nijō e Mito. (fig. 69-70)



Figura 69. *Karamon* de entrada do palácio de Nijo.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 70. *Karamondo* do castelo de Mito.

Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

2.4. Torres e muralhas

O que se conhece no ocidente como “torre” pode ser associado na arquitetura militar japonesa a *yagura* (櫓), palavra formada por “*ya*” que significa seta ou flecha e “*kura*”, que poderia ser traduzido por “almoxarifado”, isso porque, a *yagura* foi utilizada para armazenar armas e suprimentos, mas localização estratégica permitia agir como torre e muralha.⁹⁵

A expressão *yagura* é relativamente genérica, pois simplesmente expressa sua função de guardar algo, por isso, era geralmente anexada ao nome daquilo que ela resguarda: Teppo *yagura* (pistolas), Hata *yagura* (bandeiras), *Yagura yari* (lanças), Shio *yagura* (sal), entre muitas outras. Havia a *yagura* com funções especiais, como Taiko *yagura* que guardava o tambor de som fora do tempo, Tsukimi *yagura*

⁹⁵ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.111

para ver a lua e Ido yagura com a finalidade de proteger um poço.⁹⁶

Contudo, existem também classificações mais genéricas, um exemplo é quanto ao número de pavimentos, pois as *yaguras* eram essencialmente construídas com um, dois ou três pavimentos.

As *yaguras* de um pavimento podem ser subdividas em *hirayagura* (平櫓) e *tamon-yagura* (多門櫓).⁹⁷

A *hirayagura* é uma *yagura* mais curta geralmente utilizada como pequenos depósitos, curtas ligações e torres de canto. (fig. 71)

Já a *tamon-yagura* é uma *yagura* comprida que pode exercer funções como torre de ligação, conexão ziguezague e a muralha em si, percorrendo todo o perímetro do castelo. (72)

⁹⁶ Uma *yagura* muito importante foi a *Seikaku yagura*, onde se cavava um poço, um exemplo é a *Seikakura* do Himeji-jō, mantendo a água segura na região do *honmaru*. Feito em uma torre muito bem protegida, o poço de 24 metros de profundidade e 2,7 metros de largura, fornece água em tempos de sítio ao castelo. (Ibid., p. 128)

⁹⁷ *Yagura* eram em sua maioria construída no estilo *sotogata*, com as mesmas características da torre central. *Sotogata* tem uma base quadrada com cada nível de um tamanho menor que o superior, como um *pagoda*. São poucas as *yaguras* existentes no estilo *borogata*, mas alguns exemplos são: *Uto Yagura* (Kumamoto-jō), *Nohara yagura* (Iyo Matsuyama-jō) e do *Yagura Fushimi* (Fukuyama-jō).

Figura 71. *Hirayagura* do castelo de Matsumoto.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 72. *Tamon-yagura* do castelo de Hinkone.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



São as *tamon-yaguras* que percorrem grandes extensões dentro dos castelos, formando corredores e giros de direção ao longo do caminho. Uma das maiores é a *nishinomaru*, que liga a parte nordeste a sudoeste do castelo de Himeji, medindo 240 metros de comprimento.⁹⁸

Segundo Mitchelhill, como os cantos da muralha eram os trechos mais fáceis de serem escalados, lá eram construídas torres de dois ou três andares chamadas *sumi-yagura*, traduzida como “torre de canto”, que não só acentuavam a verticalidade, como possibilitavam ao defensor uma visão mais ampla.⁹⁹



Figura 73. *Sumi-yagura* de três pavimentos do castelo de Takamatsu.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

⁹⁸ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.113

⁹⁹ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.83

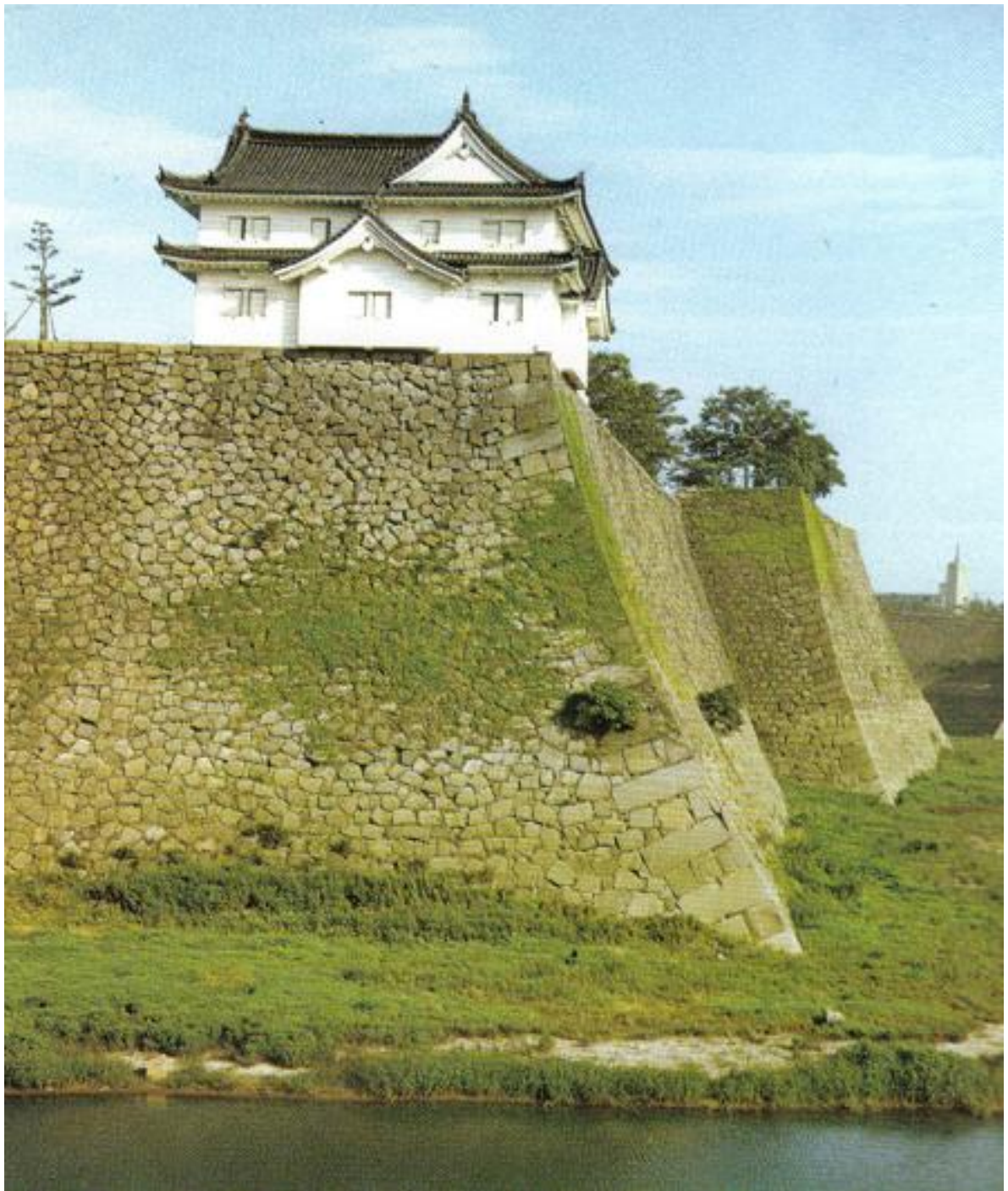


Figura 74. *Sumi-yagura* de dois pavimentos do castelo de Ōsaka.
Fonte: Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.82

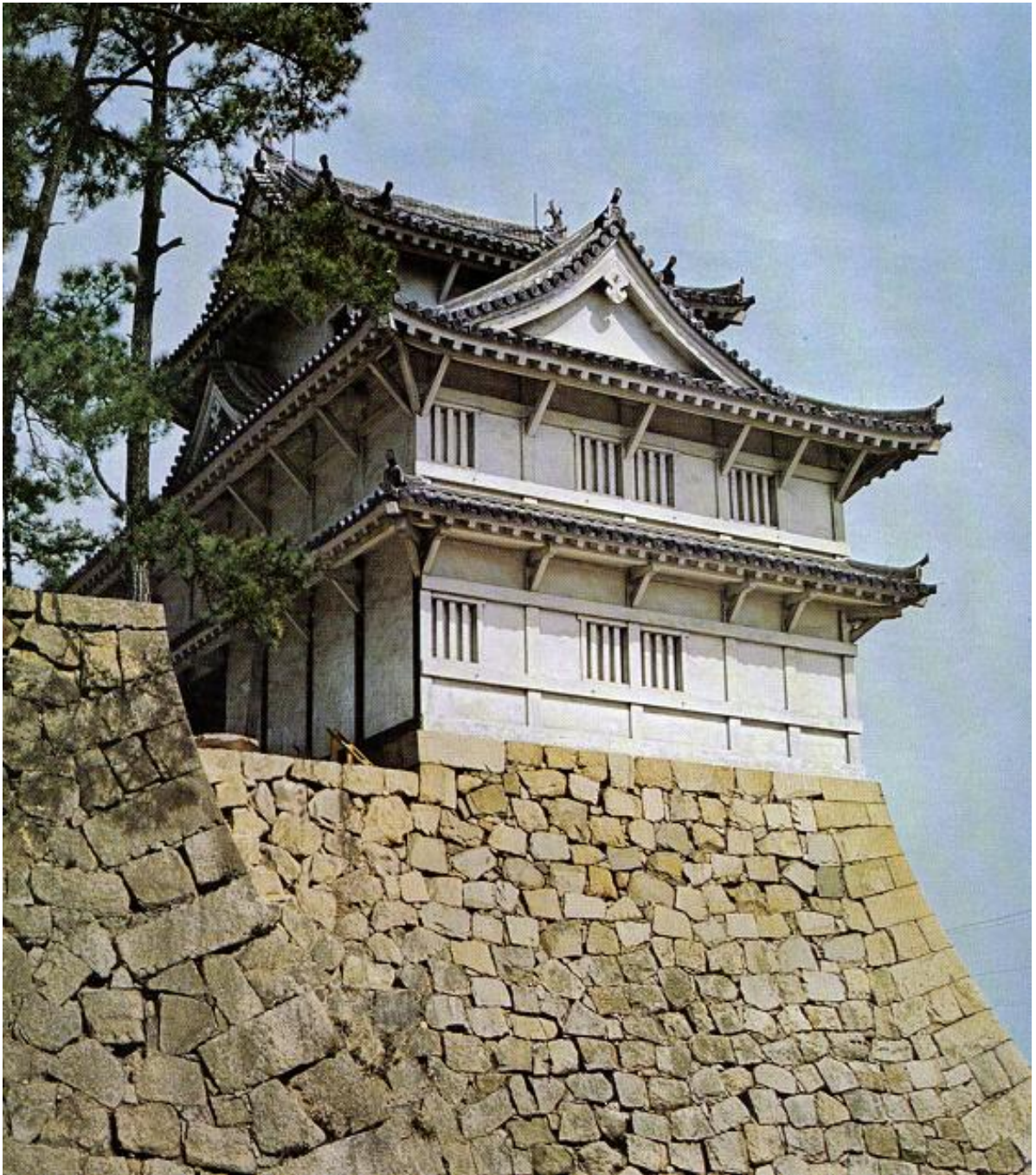


Figura 75. Torre Fushimi, *Sumiyagura*, de três pavimentos do castelo de Fukuyama.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.127



Figura 76. *Sumi-yagura* de três pavimentos do castelo de Akashi.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

Uma *sumi-yagura* interessante é a Udo yagura do castelo de Kumamoto, que possui três andares no exterior e cinco no interior, chegando a medir cerca de 20 metros de altura, são *yaguras* de canto que parecem com o próprio *tenshu*.¹⁰⁰

Isso causa um contraste, pois existem as *Gosankai yagura*, quando a *yagura* realmente tomam o posto do *tenshu*. (fig. 77)

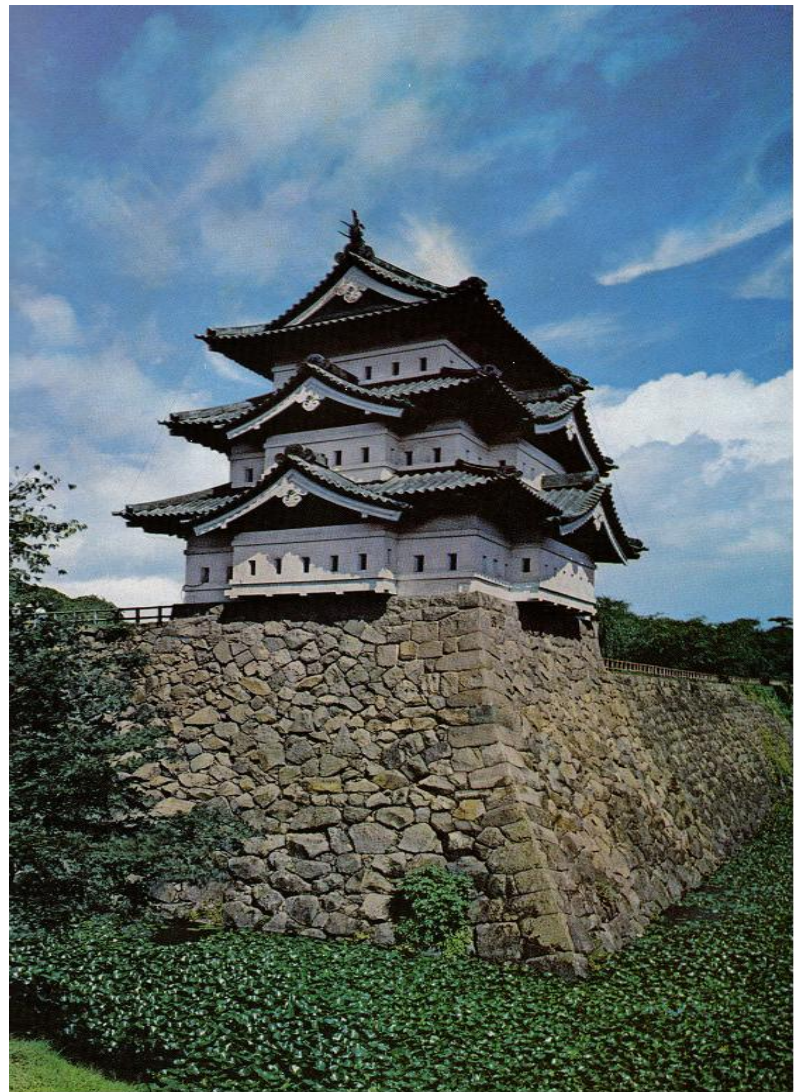


Figura 77. O *tenshu* do castelo de Hirosaki lembra uma *sumi-yagura* de castelos maiores. Fonte: Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.63

¹⁰⁰Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.111



Figura 78. Vista das ameias do castelo de Almourol, Portugal.
Fonte:
<pt.wikipédia.org/wiki/ameia>
acessado em 23/08/2010

A chamada torre *tamon-yagura* é diferente do que se encontra na arquitetura militar ocidental. Na eurásia, sobre o muro existe um parapeito recortado, criando o elemento chamado ameia, permitindo que o arqueiro aviste, dispare e se proteja enquanto transita sobre o adarve. (fig. 78) Já nas torres, existem pequenos espaços chamados seteiras para lançamento de flechas.

Essa tipologia de defesa sobre os muros não é uma invenção medieval, segundo Toy, já existem antes mesmo do sistema de defesa egípcio: “os merlões desses parapeitos têm cabeça semicircular, semelhante ao mostrado em baixo-relevo da Assíria e das cidades hititas.”¹⁰¹

Este sistema de parapeito, adarve e ameias está presente na arquitetura militar ocidental muito antes dos “*castles*” ingleses, do “*castillo*” espanhol ou do “*château*” francês. Esteve presente nos gregos, romanos, egípcio e assírio, por isso que a *tamon-yagura* se torna tão exótica, e mais cara de se construir, pois na verdade ela se caracteriza como uma torre que percorre todo o perímetro do castelo.¹⁰²

Mitchelhill define de forma simples a *tamon-yagura* como “uma galeria coberta a partir da qual uma linha de soldados poderia disparar fogo por meio de buracos.”¹⁰³

Apesar de utilizar a expressão “galeria”, nem todas as *tamon-yagura* eram fechadas, por exemplo, o castelo de Nakatsu quando visto por cima, muito se assemelha ao esquema ocidental. (fig. 79)

¹⁰¹ TOY, *A history of fortification form 3000 BC to AD 1700. op.cit.* p.4-13

¹⁰² Fujioka, *Japanese castles. op.cit.* p.81

¹⁰³ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op.cit.* p.83

Mas, mesmo não sendo uma galeria, esse sistema não perde a característica de ser visto pelo lado de fora como uma linha contínua, lembrando um edifício assentado sobre a base de pedra, com pequenas seteiras de diversas formas geométricas.



Figura 79. *Tamon-yagura* do castelo de Nakatsu.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

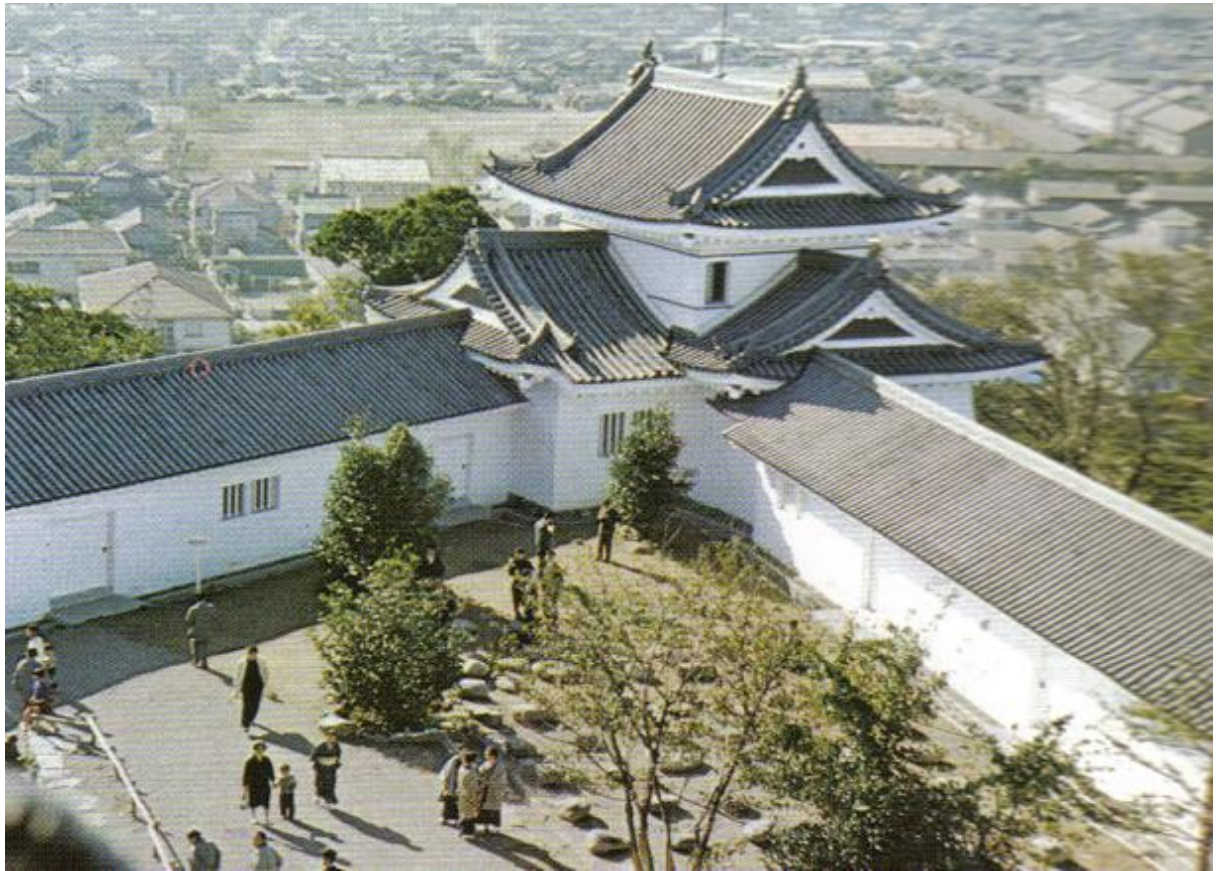


Figura 80. *Sumi-yagura* de dois pavimentos e *tamon-yagura* em galeria do castelo de Wakayama.

Fonte: Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.27

2.5. Paredes



Figura 81. Estrutura da parede do castelo de Utsunomiya.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

Dobei (土塀), traduzido como “parede de barro”, é a estrutura que reveste o castelo, é a defesa mais simples e mais barata disponível. A maioria das paredes originais existente está no castelo de Himeji e a maior seção contínua sobrevivente é a Nagabei do Kumamoto-jō. Essas paredes evoluíram a partir da estrutura simples de tábuas de madeira pregadas a uma cerca.

A construção de um *dobei* é simples: os pilares eram montados a uma distância de aproximadamente 1,5 metros. Entre eles era feita uma treliça de bambu ou de tiras de madeira. (fig. 81) Essencialmente, o barro e a argila formavam camadas sobre essa treliça de em média 20 centímetros de espessura.

A argila era muitas vezes misturada com *wara*, erva forte japonesa, para aumentar a resistência e evitar rachaduras. No início, essas paredes não recebiam um reboco adequado,



Figura 82. Parede sem reboco do castelo de Sakasai.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 83. Seção de uma parede *Tuijibei* do castelo de Matsuyama.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles AD 250-1540. op. cit.* p.40

aparecendo, assim, à cor amarela da areia. Já no Período Edo, os *dobeis*, em via de regras, eram recobertos de cal branco, que aumentavam sua força e ajudavam a evitar desgaste.

Existem algumas variações destas paredes que podem ser divididas em *tuijibei* e *neribei*.

Tusijibei são paredes de pilão japonesas, terra batida dentro de uma fôrma de madeira, com um metro de espessura por três de altura, revestidas com uma misturada de areia e argila em camadas de 3 a 5 centímetros, e protegidas por um telhado simples. (fig. 83)

Essas paredes são muito fortes, mas suas espessuras e tempo de trabalho impossibilitam o processo de rápida ocupação do território. Por essas razões, elas não eram comumente utilizadas em castelos. Há um pequeno trecho nesse sistema construtivo no Mizu, portão Ichi do Castelo de Himeji, e no *ni no maru* do castelo de Nijō.

Já as *neribeis* são construídas com tijolos de barro secos ou azulejos antigos, aglutinados com argamassa de argila e coberto por uma camada de reboco branca. Um exemplo é a *neribei* do Himeji-jō. Para suportar paredes mais finas ou mesmo reforçar a estrutura, frequentemente empregava-se um madeiramento de apoio por trás das paredes.¹⁰⁴ (fig. 85)

Segundo Motoo, estas paredes brancas de formas curvas, mas longas, acentuavam o caráter labiríntico do castelo, “(...) qualquer um que lá entrava [referindo-se ao Himeji-jō] perderia o seu sentido de direção e teria grande dificuldade em saber onde exatamente ele estava no complexo.”¹⁰⁵

¹⁰⁴ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.88

¹⁰⁵ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.117



Figura 85. Apoio da parede do castelo de Kakegawa.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op.cit.* p.10

As paredes viradas para fora do castelo possuem pequenas seteiras chamadas *sama*, que poderiam ser de várias formas: triangulares, quadradas, circulares, como o arquiteto desejasse.¹⁰⁶ (fig. 86)

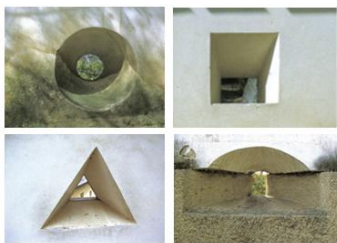


Figura 86. Diferentes formatos de seteiras.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.32-33

Uma característica básica das *samas* é o formato de ampulheta que permite ampliar a área de tiro do defensor, arqueiro ou mosqueteiro, sem aumentar o tamanho da fresta. (fig. 87)

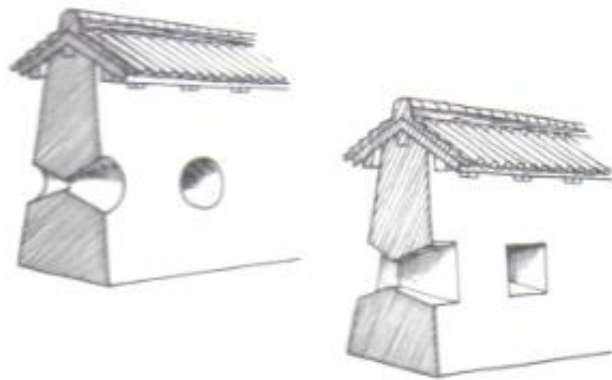


Figura 87. Desenho das seteiras.
Fonte: Nishi, e Hozumi, *What is Japanese architecture. op.cit.* p.99

¹⁰⁶ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.84

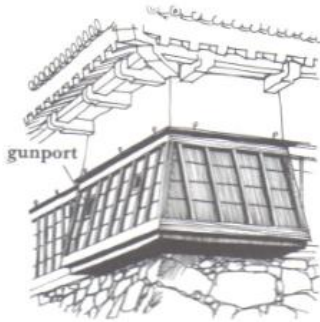


Figura 88. *Ishi-otoshi*.
Fonte: Nishi, e Hozumi, *What is Japanese architecture*. op.cit. p.99

Mas, mesmo ampliando o campo de visão de tiro como o chanfro, as *samas* ainda tinham pontos cegos, principalmente se o inimigo estivesse rente às muralhas. Para conter esse fato, existem basicamente três estratégias: jogar coisas, derramar líquido quente ou inflamável. Uma segunda vem da própria estrutura, a base encurvada e o fosso que auxiliavam evitando pontos cegos.

A terceira forma era composta por pequenas torres que avançavam em balanço sobre o muro, tais quais às guaritas da arquitetura militar renascentista.

No Japão, esses elementos chamavam-se *ishi-otoshi*, um ponto muito importante no contra-ataque, servindo para defesa, eliminação do ponto cego, ou mesmo de onde se jogava água para apagar o fogo ateadado pelos agressores.¹⁰⁷ (fig. 88-89)



Figura 89. *Ishi-otoshi*, avanço com janelas para arqueiros e alçapão para arremesso de coisas do castelo de Matsuyama.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.30

¹⁰⁷ Motoo, *Japanese castle*. op. cit. p.100



Figura 90. *Ishi-otoshi* do castelo de Tatsuno.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.30

Prever técnicas para apagar o fogo era crucial no castelo japonês, pois os edifícios da era pré-moderna eram quase todos construídos seguindo a tração do uso da madeira, bambu e palha, apesar de não transparecer quando bem rebocados, como comenta o jesuíta Luiz Fróis:

(...) o fato de o castelo ser inteiramente feito de madeira não é evidente nem por fora nem por dentro, já que dá a sensação de ter sido construído com sólidas pedras e argamassa.¹⁰⁸

Os incêndios eram constantes e arrasadores, por exemplo, o incêndio de Edo em 1657, destruiu mais da metade da cidade e parte do castelo, já a mansão principal do domínio de Oda Tamba foi queimada dezesseis vezes.¹⁰⁹

Durante o período Tokugawa são inúmeros os relatos de pedido para reconstruir cidades e castelos destruídos por incêndio, provocados por diversos motivos, desde piromaníacos até castelos atingidos por raios.¹¹⁰

São várias as técnicas de proteção contra o fogo, como: construir camadas de bambus verdes, mais difíceis de pegar fogo, fazer rebocos de maior espessura, ou na técnica mais cara empregada, revestir as peças mais importantes com chapas de ferro.¹¹¹ (fig. 91)

¹⁰⁸ Luiz Fróis *apud* Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.109

¹⁰⁹ HANLEY, Susan B. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.666

¹¹⁰ Segundo decreto da família de Tokugawa, não era permitido construir ou reformas castelos sem a anuência do senhor Tokugawa, prevenindo assim a fragmentação do poder em castelos opositores ao regime.

¹¹¹ (Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.98) (Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.93)

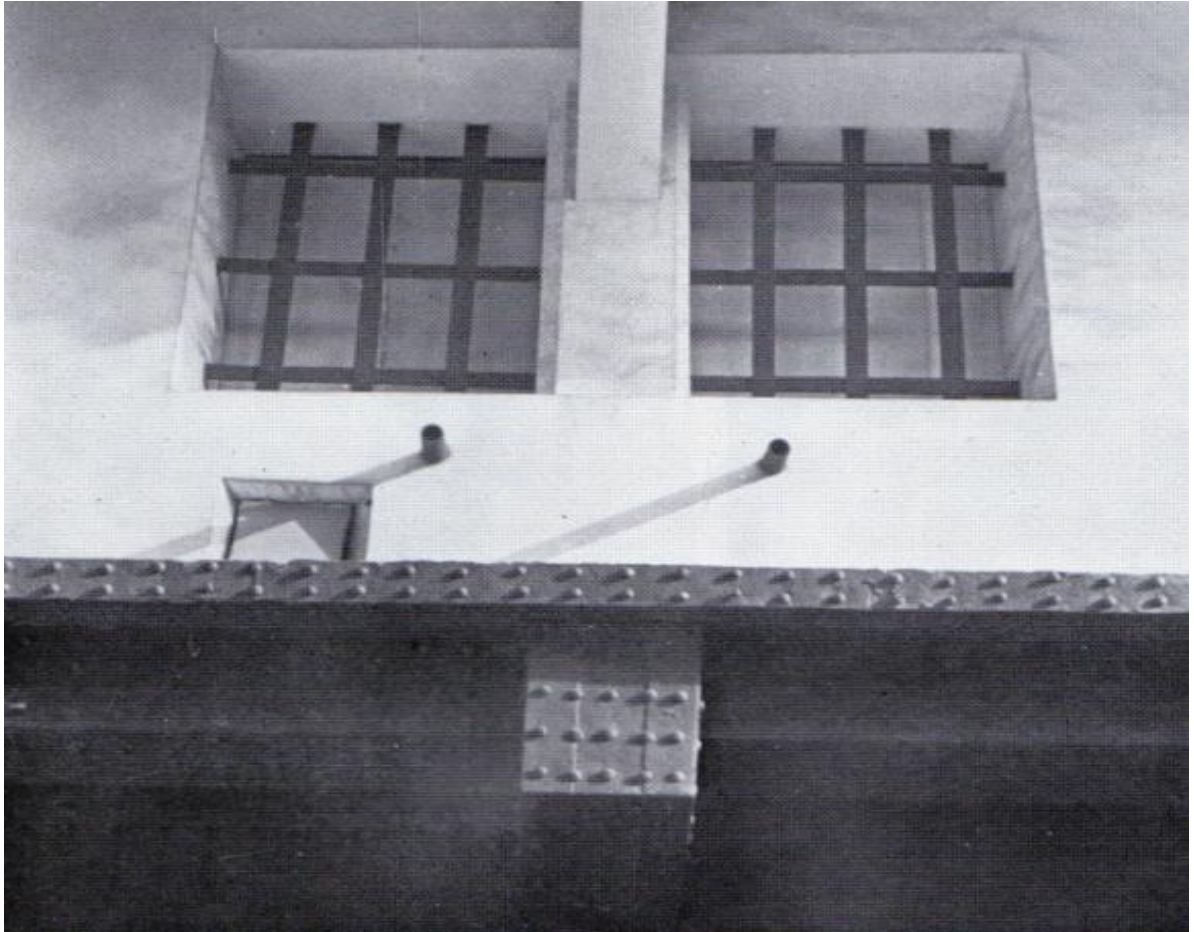


Figura 91. Estrutura metálica no portão *Nu no Mon* do castelo de Himeji.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.100

2.6. Base

Um dos maiores inimigos da arquitetura militar japonesa não foi necessariamente à guerra, mas as características naturais do Japão. Tanto o *yamajiro* convencional como o *yamajiro sengoku*, ambos sofreram perante deslizamentos, terremotos, incêndios, ventos fortes e alto índice pluviométrico e de raios.¹¹²

Mesmo que não houvesse catástrofes naturais ou cercos de guerra para criar um caos adicional, o desgaste natural exigia que as paredes, - *dobeis* -, fossem rebocadas por rotina. A solução desse problema, pelo menos na base e nos portões, se caracterizou como o próprio marco da arquitetura militar japonesa, à base de pedras no estilo *ishigaki*.¹¹³

Eram tão fortes essas estruturas que as paredes da fundação do castelo de Naha, em Okinawa, foram capazes de resistir ao bombardeio da marinha dos EUA em 1945.¹¹⁴

¹¹² Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.12

¹¹³ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.60

¹¹⁴ (Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op.cit.* p.13) Existem bases no Japão de 20 metros de altura, conservadas há 400 anos ou mais. (Mitchelhill, *Castles of the samurai. op.cit.* p.74)

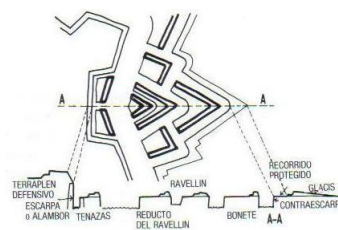


Figura 92. Corte no relevo com baluartes e fossos.
Fonte: Morris, *Historia de la forma urbana*, op. cit. p.187

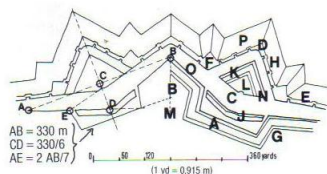


Figura 93. Implantação do sistema de defesa com estudo de ângulos.
Fonte: *Ibid.*, p. 187



Figura 94. Forte de Naarden.
Fonte: <asianoffbeat.com> acessado em 25/08/2010

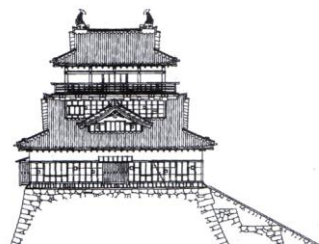


Figura 95. Castelo Maruoka construído em 1576.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640*. op. cit. p.34

A construção de uma base japonesa é bem diferente da européia, especialmente no que diz respeito às técnicas. Um bastião europeu era construído a partir do terreno planificado. Ele poderia ser completamente de pedra ou de terra, ou ainda de terra vestida de pedras e tijolos. Enquanto, uma base japonesa era esculpida como um folheado de pedra no terreno já escalonado.

O resultado em ambos os casos foi o mesmo: uma imensa e espessa parede. Mas a técnica japonesa é ainda mais diferente quando diz respeito ao edifício central, no caso ocidental a torre ficava sob o próprio solo e ao centro da estrutura, conseqüentemente, a estrutura suportava só o seu peso e o das armas. Já no caso japonês, a torre de madeira fica sobre a estrutura, descarregando todo o seu peso na base de pedra.

Outro detalhe, não tão pequeno, que diferencia a função da base japonesa para a européia, é a constante ameaça de terremotos no Japão. Segundo Turnbull, “as paredes longas e levemente inclinadas absorviam o abalo sísmico muito bem.”¹¹⁵

Os expoentes em construção da base de pedra foram os pedreiros de Anou, ou Anō, na província de Ōmi, parte central do Japão. A partir de sua especialização por séculos na construção de bases de pedra para os edifícios de templos e *pagodas*, somado ao seu rebuscado uso da trigonometria, revolucionaram o *design* dos castelos japoneses.

Através do uso de enormes pedras na base, eles puderam não só construir paredes inclinadas, mas também curvas, isso

¹¹⁵ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640*. op.cit. p.17



Figura 96. Grande pedra do castelo de Ósaka.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op.cit. p.37*

garantiu que os esforços fossem direcionados de uma forma muito mais precisa para a sólida base.¹¹⁶

Os pedreiros de Anou parecem ter surgido em cena antes de 1577, entretanto, assim como nas pirâmides do Egito, foram necessários anos de testes em templos e *pagodas* até chegar à forma desejada, seja em estética, seja em engenharia.¹¹⁷

Foi creditada, ao *daimyō* Matsunaga Hisahide, a primeira torre sobre esse tipo de base no seu castelo de Tamon em 1567, mas nada sobreviveu. O Maruoka-jō foi construído apenas nove anos depois e sobreviveu quase intacto até meados do século XX, quando foi arrasado por um terremoto. Assim, o original mais antigo é provavelmente um dos mais belos, Matsumoto-jō, que pode ser datado de 1597. (fig. 97)



Figura 97. Castelo de Matsumoto.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

Longe de ser um produto da paz, a base e o *tenshu* eram projetados tanto por considerações militares, como para impressionar o inimigo, por uma exibição de riqueza e poder.¹¹⁸ Era parte integrante do projeto do castelo japonês ser construído quase tão rapidamente quanto as técnicas eram desenvolvidas, uma premissa a toda lógica militar.¹¹⁹

Um bom exemplo de base nesse estilo vem do castelo de Azuchi, construído por Oda Nobunaga, infelizmente queimado por rebeldes em 1582. Nada permanece em Azuchi acima de sua base de pedra, mas algumas ilustrações e descrições da época auxiliam na reconstrução com alguma

¹¹⁶ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.17*

¹¹⁷ Entre as primeiras pirâmides de Zoser que retoma à III dinastia, construída pelo grande arquiteto Imhotep e a grandiosa pirâmide de Kufu (Quéops) no vale de Gizé, foram construídas algumas pirâmides “imperfeitas” com a de Meidum e Dahshur.

¹¹⁸ Fujioka, *Japanese castles. op. cit. p.73*

¹¹⁹ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.17*

confiança.¹²⁰

Uma das características de Azuchi, jamais repetida em qualquer outro lugar, segundo Turnbull, foi à construção de uma torre octogonal como sete andares.¹²¹

Mitchellhill comenta sobre Azuchi da seguinte forma:

Esta foi a primeira vez que muros altos e sofisticados de pedra foram utilizados na construção do castelo, embora eles realmente parecem um pouco áspero em relação às paredes depois de castelos como o de Kumamoto e Edo.¹²²

Em 1586, Toyotomi Hideyoshi sucedeu a Nobunaga, e ordenou a construção do Castelo de Ōsaka. O castelo foi construído sobre a base fortificada de Ishiyama Honganji, sede da seita Ikko-ikki, que havia desafiado Oda Nobunaga durante dez anos.¹²³

Construir um castelo era um empreendimento enorme, exigia milhares de trabalhadores e vastos recursos. Ambos, Hideyoshi e Ieyasu, usaram os *daimyōs* menores para construir os seus castelos, obrigando-os a fornecer pedras e trabalhadores segundo sua renda.

Pode-se ler a história de um castelo por meio de sua base, *ishigaki*. O tipo de pedra responde à pergunta: de onde elas viram? As disposições das pedras dizem como elas foram cortadas e reunidas.

¹²⁰ Paradoxalmente, o melhor lugar para se ver castelo japoneses nesse estilo em sua forma original, não é no Japão, mas sim na Coreia do Sul, durante sua invasão entre 1592-1598 os japoneses construíram os chamados *Wajō*. *Wa* como eram chamados os japoneses na china, e *-jō* que significa fortificado. (Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op.cit.* p.20).

¹²¹ *Ibid.*, p.17

¹²² Mitchellhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.74

¹²³ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.17

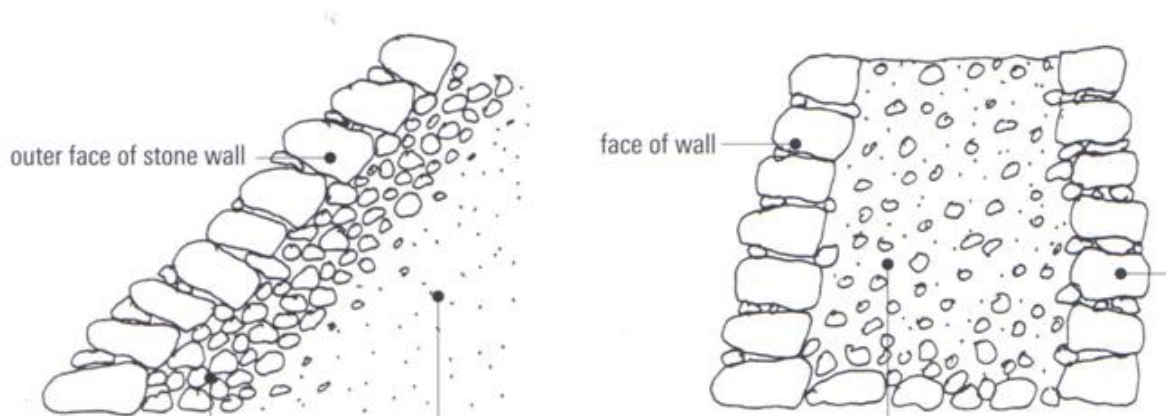
O método de construção, pode também informar em que período foi edificado e por quem? Com isso, podem-se notar, no mesmo castelo, as paredes construídas em diferentes métodos e períodos.

Isso porque, havia uma espécie de tributação para cada *daimyō*, garantindo assim uma rápida construção do castelo, bem como, o esgotamento dos recursos *daimyōs*.

Castelos financiados por *daimyōs*, como o Ōsaka-jō, sob a direção de Toyotomi Hideyoshi, ou Edo e Nagoya sob o xogunato Tokugawa, todos tem pedras em suas paredes com marcas de anuência do *daimyō*. Esses símbolos apresentam qual *daimyō* forneceu as pedras, ou que parte do muro ele foi responsável por financiar.¹²⁴

Existem dois tipos básicos de base de pedra: a parede revestindo um aterro, ou um tipo de muro autônomo. Normalmente, em grandes castelos, encontra-se uma combinação dessas duas formas.¹²⁵ (fig. 98)

Figura 98. Os dois tipos de muros, na esquerda apoiado sobre um aterro, na direita em estrutura autônoma.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op.cit.* p.74



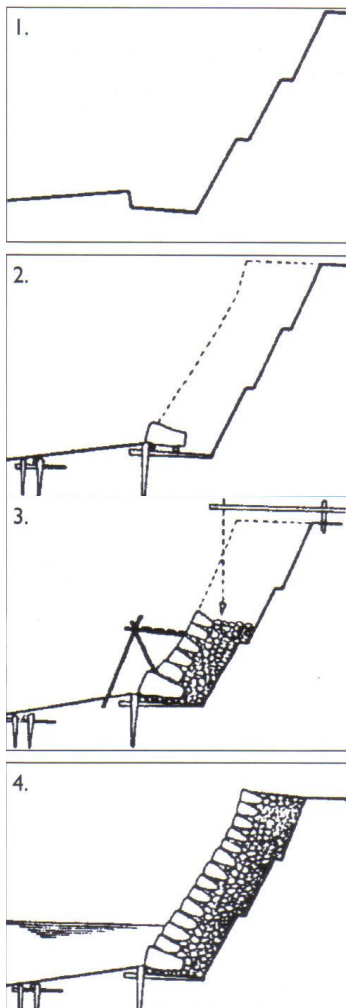
¹²⁴ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op.cit.* p.74

¹²⁵ *Ibid.*, p.74

Na primeira técnica, as pedras eram lançadas contra uma colina ou um dique de terra especialmente preparado. Enquanto os fossos eram escavados, a terra era lançada para dentro do castelo como terraplanagem, os construtores “(...) diziam ser imune aos tiros de canhão, devido à grande estabilidade dessas paredes”¹²⁶ que poderiam alcançar alturas de até trinta metros.

As etapas para a construção de uma base de pedra eram as seguintes:

Figura 99. Estudo sobre a forma de construção de uma base de pedra no sistema apoiado em terraplanagem. Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op . cit. p.35*



1. A colina era cuidadosamente esculpida de forma escalonada;

2. As *ishi*, - pedras vitais -, eram colocadas na posição exata com ajuda de suportes de madeira;

3. Com auxílio de andaimes de madeira e calçadas, os operários construía as paredes curvas com seixos apoiados atrás de uma linha da superfície com pedras maiores;

4. Finalmente a parede é preenchida e o fosso inundado.

¹²⁶ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit. p.74*

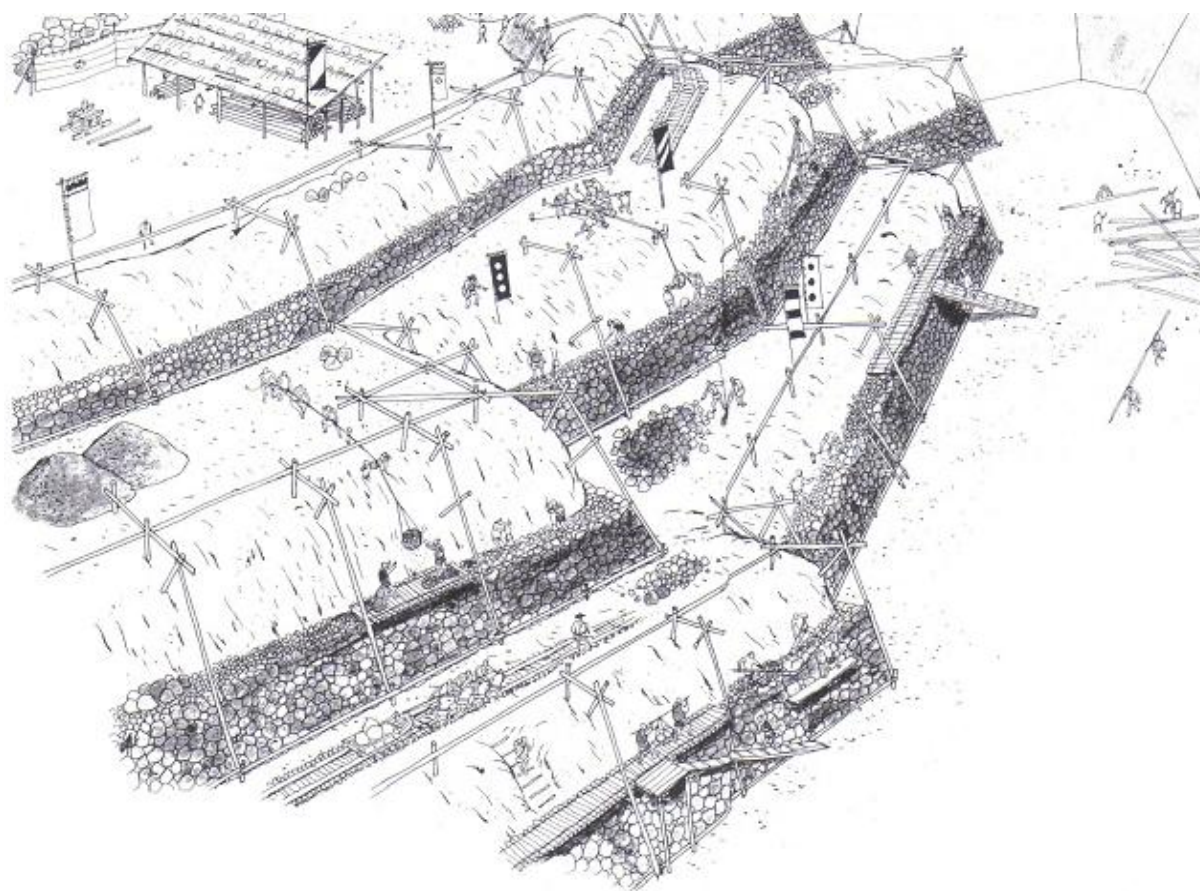


Figura 100. Representação da construção da base do castelo de Ōsaka.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op.cit.* p.77

Outro tipo de parede, o autônomo, consistia em duas faces de pedra maiores no exterior com um núcleo de pedras pequenas e terra. O núcleo interno geralmente era de um a dois metros de espessura, dependendo da altura do muro e sua função. Essas paredes foram empregadas como base para as torres, portas ou paredes de barro e madeira.¹²⁷

Pedras entalhadas com maior precisão eram mais difíceis de serem encontradas, mais caras e demoravam mais tempo para serem assentadas. De forma que, as pedras lavradas foram largamente empregadas, reservado as pedras maiores e

¹²⁷ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op. cit.* p.74

melhor lapidadas para as partes mais importantes do castelo, como portões ou a base da torre principal.

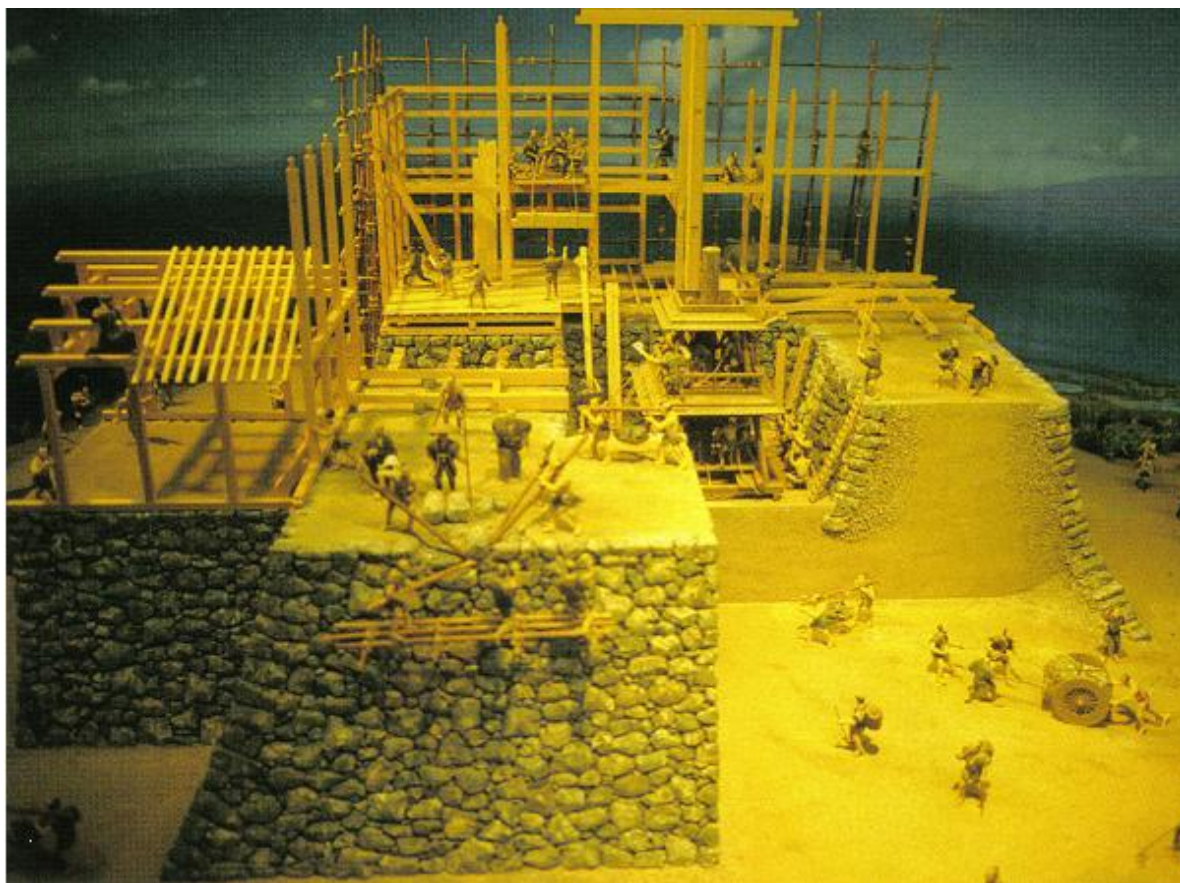


Figura 101. Modelo de uma parede autônoma empregada na base do castelo de Nagahama.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.35*

Vários tipos de pedras foram utilizados na construção das muralhas do castelo, sejam em tamanho, formas de corte ou qualidade, mas a “argamassa não foi usada para ligar as pedras em conjunto, [isso porque,] paredes secas trabalham melhor durante o terremoto”.¹²⁸

Conseqüentemente, ao permitir que a estrutura trabalhasse e se movesse juntamente com o terremoto, os

¹²⁸ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit. p.75*

construtores demonstraram a habilidade na construção e na colocação de várias pedras de modo a preencher todos os espaços. (fig. 102)

Estes pequenos seixos serviam para manter a estabilidade da estrutura quando ocorriam terremotos. “As pedras grandes foram alojados em posição de retaguarda. Esse sistema permitiu a flexibilidade das pedras [menores] durante um terremoto, dissipando assim o choque dos fortes tremores.”¹²⁹ (fig. 102)



Figura 102. Sistema construído das muralhas do castelo de Kanazawa.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

¹²⁹Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.12

As bases de pedras podem ser classificadas quanto suas características de tamanhos, entalhes e encaixes em:

Ranzumi ou *ranseki-zumi*, quando as pedras utilizadas são de vários tamanhos, de modo que não há um padrão específico para a face da parede de pedra.

Nunozumi, quando as pedras são em sua maioria do mesmo tamanho, mas não necessariamente da mesma forma.

O método mais antigo, pelo menos no sentido técnico, de muralhas foi o estilo *ranseki-zumi*, - pedra de empilhamento aleatório -.¹³⁰ Já a altura da base variava segundo a escala e os recursos, no castelo de Himeji, por exemplo, a base abaixo do *tenshu* possui 15 metros de altura, já as bases dos castelos de Ōsaka e Nagoya possuem 20 metros cada, na mesma técnica de *ranseki-zumi*.¹³¹

Um sistema mais complexo é o *gobō-zumi*. Nesse estilo, as pedras de maior comprimento e com um aspecto mais arredondado foram inseridas na face do terrapleno. Embora, com uma aparência mais lapidada que o *ranseki-zumi*, o estilo *gobō-zumi* ainda se apresentava muito bruto, mas muito estável.¹³²

Os tamanhos das pedras não influenciam diretamente na classificação de modelos de entalhe e encaixe, pois existe uma segunda forma de classificação. Quando irregulares são chamadas *uchikomihagi*, quando regulares de *kirikomihagi*.

¹³⁰ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.86

¹³¹ *Ibid.*, p.87

¹³² *Ibid.*, p.84

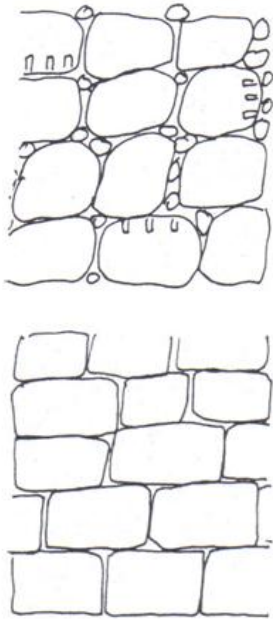


Figura 103. Forma como as pedras foram sobrepostas. Acima no estilo *uchikomihagi*, em baixo no *kirikomihagi*. Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.75

O tipo mais comum foi o *uchikomihagi*. As rochas eram grosseiramente talhadas com martelo e cinzel para facilitar o assentamento. Em seguida, empilhadas contra o aterro.

Como essas pedras, mesmo talhadas, ainda eram relativamente ásperas e assimétricas, os vazios remanescentes nas paredes eram preenchidos com pedras rachadas ou seixos.¹³³ (fig. 103)

A forma mais avançada, tecnicamente, de pedras empilhadas foi o *kirikomihagi*, traduzida com “cortada e inserida em alvenaria”. Essas pedras foram precisamente cortadas e cuidadosamente alinhadas para evitar lacunas na face externa da parede. (fig. 103)

Segundo Motoo, a forma de cantaria vai evoluir a tal ponto que no castelo de Edo, especialmente na base do *hon maru*, a superfície se assemelhará ao de um “tecido”, ganhando o nome de *nuno-zumi*, que significa exatamente isso, por serem do mesmo tamanho numa técnica precisa de assentamento *kirikomihagi*.¹³⁴

¹³³ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.75

¹³⁴ Motoo, *Japanese castle*. op. cit. p.87

Assim, as quatro formas de base encontradas são:



Ranzumi e Uchikomihagi

Diferentes tamanhos, encaixe aleatório.



Ranzumi e Kirikomihagi

Diferentes tamanhos, encaixe preciso.



Nunozumi e Uchikomihagi

Tamanhos similares, encaixe aleatório.



Nunozumi e Kirikomihagi

Tamanhos similares, encaixe preciso.

Figura 104. Disposições com que as pedras foram entalhas e sobrepostas.

[Legenda no corpo do texto]

Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.75

As pedras eram entalhas em formas de quadrados ou retângulos, fixados uniformemente em linhas, *nuno-zumi*, ou perpendicular, *kaginote*. Esses dois tipos de cortes e encaixes foram populares em meados do século XVII, devido ao seu apelo estético.

Lamentavelmente, as pedras nem sempre penetravam profundamente no aterro, o que as tornavam suscetíveis a sair da posição em casos de terremoto.¹³⁵

Embora, as pedras angulares de quina fossem preparadas em ângulo reto para garantir o perfeito alinhamento com a face superior, que deveria ser plana, elas nem sempre foram assentadas com precisão. Como resultado, a base sobre a qual os carpinteiros tinham para construir as estruturas de madeira, o *donjon*, muitas das vezes estava em ângulos superiores ou inferiores a noventa graus.

Nesses casos, os carpinteiros tinham que improvisar e alterar o plano do piso para planificar a base. Outro teste de habilidade para o carpinteiro foi quando o topo do muro não estava completamente nivelado, assim, mais uma vez, os planos e o madeiramento eram adaptados no local, para manter o cronograma de construção.¹³⁶

Originalmente, as paredes de pedra eram baixas e retas, caso o terreno fosse mole ou a construção muito pesada, as paredes poderiam ser construídas com uma base maior em formas trapezoidal, conseqüentemente, mais estável.

Já os ângulos de inclinação foram determinados pelo tipo de muro usados, quanto mais refinado o empilhamento, maior

¹³⁵ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.75

¹³⁶ *Ibid.*, p.76

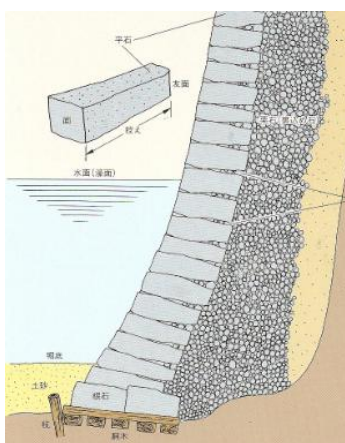


Figura 105. Sistema construtivo de um *ishigaki*.
 Fonte: 小和田哲男 おわた てつお (Owada Tetsuo). 城と秀吉 (Shiro to Hideyoshi). Tōkyō: 角川 (Kadokawa), 1996:198

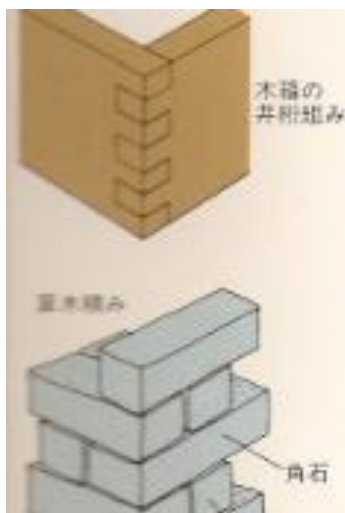


Figura 106. Encaixe canto em madeira e em pedra de uma *ishigaki*.
 Fonte Owada, Shiro to Hideyoshi. *op. cit.* p.98

poderia ser a inclinação da parede, chegando a 90°. ¹³⁷ A curvatura da base ajudava a diminuir o peso sobre as pedras menores, distribuindo a carga sobre uma área maior. ¹³⁸

A curvatura foi obtida através do uso de pedras em forma de cunha em diferentes tamanhos. (fig. 105) Além de melhorar a integridade estrutural, as paredes curvas revelaram-se difíceis para subir e eliminou o ponto cego na base, que poderia abrigar um invasor fora da visão do vigilante, como outrora dito.

No Japão, as quinas ganharam um tratamento artístico específico, “mais forte e mais bela do que qualquer outra que usamos na Europa”, comentou o jesuíta português Luis Fróis ao visitar os castelos japoneses. ¹³⁹

Transportar as pedras para o local do castelo era uma das tarefas mais importantes e árduas do processo de construção, elas eram transportadas por navio, sempre que possível, e em seguida, movidas por trenós, ou roladas sobre uma série de toras.

Não surpreendentemente, alguns dos pedregulhos das enormes muralhas do castelo necessitavam de centenas de homens para puxá-las. Eles cantavam, no tempo da batida constante de um tambor, para determinar o ritmo com que deveriam puxar, todos ao mesmo tempo.

Já as pedras menores, eram transportadas em correias e cordas. Com auxílio de roldanas e postes era possível alçar as pedras para a posição ideal. ¹⁴⁰ (fig. 107)

¹³⁷ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.38

¹³⁸ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.76

¹³⁹ Luis Fróis *apund Motoo, Japanese castle. op. cit.* p.14

¹⁴⁰ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.77

Mas nem sempre as pedras vinham de pedreiras, as pedras do *ishigaki* de alguns castelos eram trazidas das ruínas de castelos próximos, o castelo de Hikone, por exemplo, (1603-4) foi construído a partir do saque de pedras do castelo de Sawayama, concluído apenas três anos antes, por Ishida Mitsunari, após dez longos anos de construção.

Azuchi forneceu pedras para a construção do castelo de Nagahama, feito por Hideyoshi na região do lago Biwa.¹⁴¹ Sendo ele próprio, o castelo de Azuchi, construído a partir de pedras retiradas do Sasaki-jō, no Monte Kannonji.¹⁴²

O castelo era uma estrutura defensiva cheia de passagem secretas e aposentos especiais. Para que tudo permanecesse assim, no momento da construção, o prédio era cercado por um grande mistério.

Katō Kiyomasa, um dos mais qualificados construtores de castelo, autor dos muros dos castelos de Kumamoto e Nagoya, segundo escritos da época, vedava todo o castelo com telas de bambu para evitar a visualização de suas técnicas de construção, bem como a localização dos aposentos, escadas e corredores.¹⁴³

¹⁴¹ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.87

¹⁴² *Ibid.*, p.119

¹⁴³ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.77

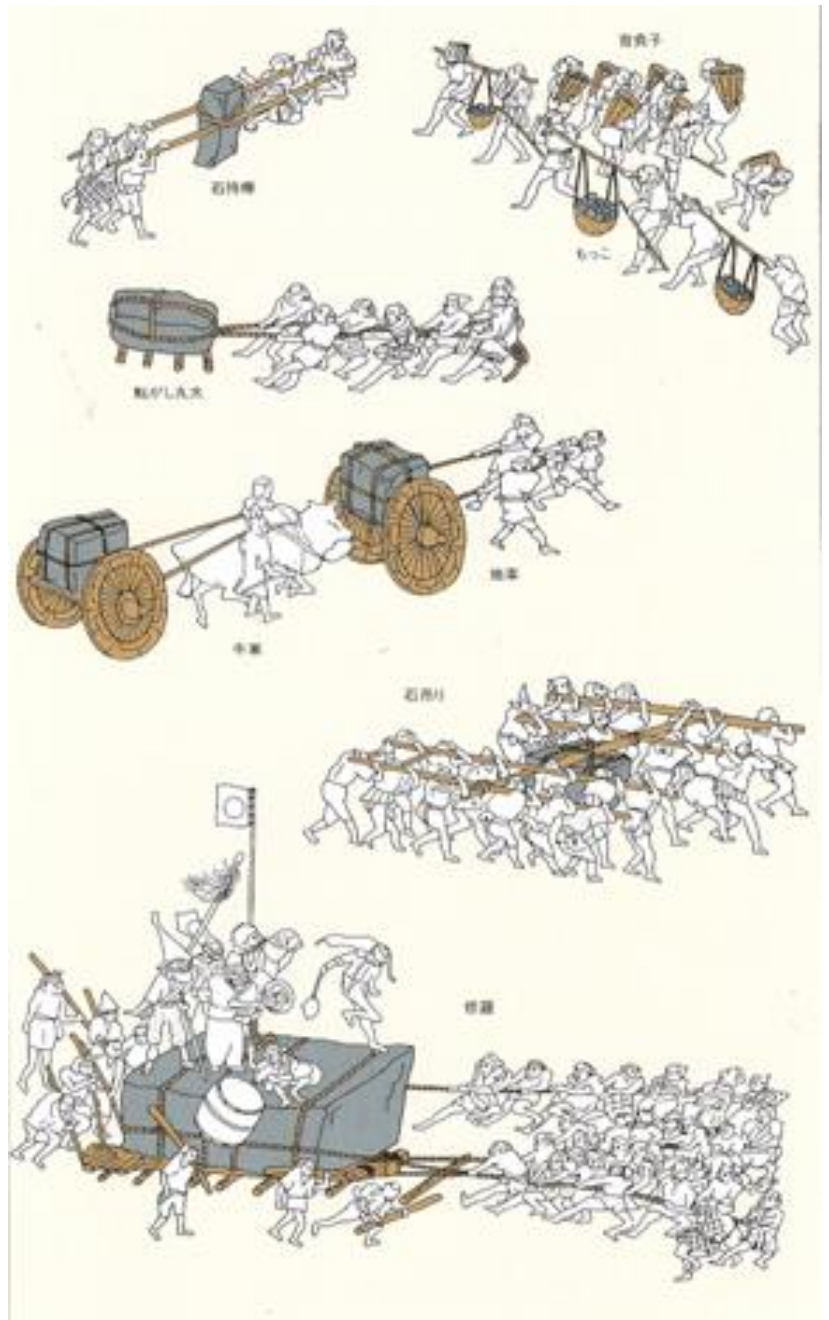


Figura 107. Trabalhadores e modos de transporte as pedras.
Fonte: Owada, *Shiro to Hideyoshi*. op. cit. p.98



Figura 109. Base do portão Kita
Hanebashi do Castelo de Edo
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.13

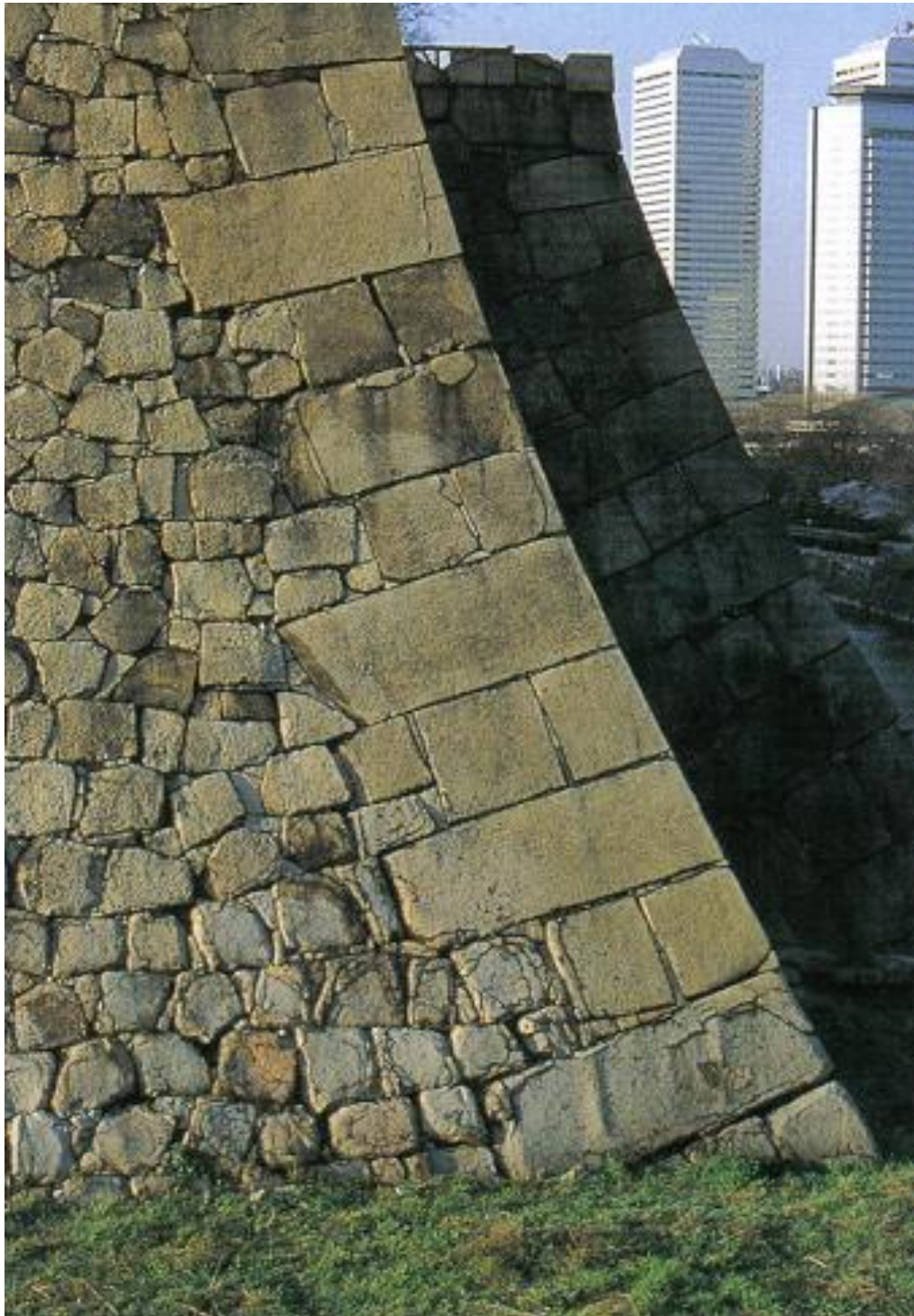


Figura 110. Base do castelo de Ōsaka.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.17



Figura 111. Base do castelo de Iga Ueno.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 112. Castelo de Iyo Matsuyama, o *tenshu* foi queimado em 1933 e reconstruído em 1969. Fonte: Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.163



Figura 113. Base do castelo de Kumamoto.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 114. Base do castelo de Ōsaka.
Fonte: Turnbull, *Samurai: O lendário mundo dos guerreiros*.
op. cit. p.126



Figura 115. Base com relevos de dragões do castelo de Echizen Katsuyama.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

2.7. *Tenshu*, o poder e beleza da torre central

A origem do termo *tenshu* é nebulosa, a primeira forma sólida do conceito vem do castelo de Azuchi,¹⁴⁴ mas apenas como uma parte da base, *tenshudai*, e de uma estrutura superior de madeira desaparecida.

Alguns outros detalhes são provenientes da biografia de Nobunaga, *Shinchō kōki*, e outras informações da Europa, quando enviadas pela sociedade dos jesuítas em meados do século XVI.

No texto de *Shinchō kōki*, o termo *tenshu* é escrito com os seguintes kanjis: 天主, que poderiam ser traduzidos como “guardião” ou “senhor do céu”, ou em outros casos, e muito específicos, como “deus”. Mas algumas teorias acreditam que o nome tenha nascido antes do castelo de Azuchi, com outras

¹⁴⁴ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.25

grafias. Uma dessas seria na crônica *Hosokawa ryōkeki*, da família Hosokawa, compilada em 1550.¹⁴⁵

O castelo não é uma estrutura única, e sim, um composto de edifícios que somam armazéns, portões, torres e muralhas. Dessas estruturas uma torre se sobressaía, chamada de *donjon*, que somado ao seu arredor imediato formava o *tenshu*.

Na arquitetura medieval portuguesa, essa estrutura poderia ser associada à torre central ou a torre de menagem. Assim, o *tenshu* é apenas uma parte do castelo, e não ele em si, na verdade, nem todos os castelos tinham um *tenshu* bem definido.

O *tenshu* compunha de um edifício central de dois a oito pavimentos, mas frequentemente, sua aparência externa não correspondia exatamente à sua própria estrutura interior, pois existem pavimentos subterrâneos, construídos dentro do núcleo de pedra da base, imperceptíveis do exterior.¹⁴⁶

¹⁴⁵ De qualquer forma a grafia e o conceito em 天主 permanece como consenso entre os historiadores arquitetônicos. (Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p 104)

¹⁴⁶ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.30



Figura 116. Castelo de Ôsaka com seu *tenshu* negro no lado esquerdo da imagem.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders. op. cit.* p.52



Figura 117. *Tenshu* do castelo de Himeji.
Fonte: Owada, *Shiro to Hideyoshi*. op. cit. p.9

2.7.1. Layout

Enquanto ocorria a construção da base de pedra, as estruturas em madeira eram montadas, inclusive o *tenshu*. Este sistema simultâneo de trabalho dava rapidez à construção do castelo. De forma que, qualquer alteração necessária era feita a critério do carpinteiro chefe na hora da montagem.¹⁴⁷

O oficial responsável pelo empreendimento era um samurai do mais alto posto e considerado um exímio administrador, chamado de *bugyō*, que na tradução ficaria como “oficial de obras”. Ele era responsável por coordenar todos os funcionários, em alguns casos havia até mais de um *bugyō*, como durante a construção do castelo de Edo.

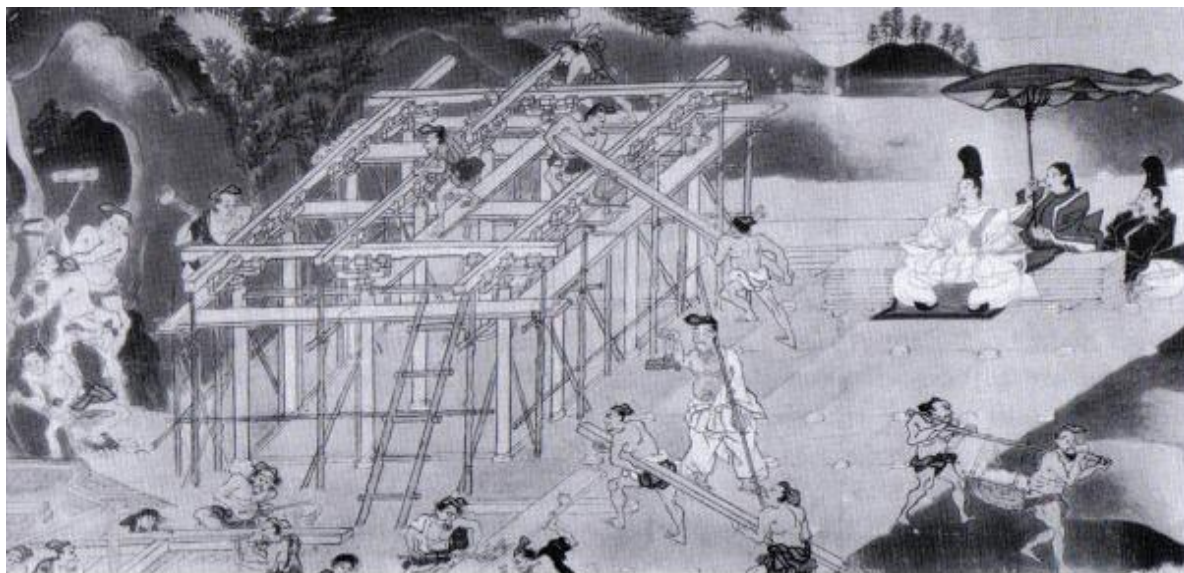
O *fushin bugyō* era responsável pelo projeto de engenharia e pela construção da *ishigaki*, a base. Já o *sakuji bugyō* pelos trabalhos de arquitetura, em especial o *tenshu*.

¹⁴⁷ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.78

Figura 118. No canto direito da imagem está o responsável pela obra, em quimono preto, supervisionando a construção do *tenshu* enquanto apresenta a uma pessoa de posto mais elevado.

Quadro *Matsuzaki-tenjin-engi*.
Fonte: PAINE, Robert Treat;
SOPER, Alexander. *The art and architecture of Japan*. New Haven: Yale University press, 1958:404

Nas figuras abaixo, 118 e 119, esses responsáveis de altos postos são representados com quimonos pretos, seus assistentes estão de quimonos brancos, já os operários estão sem quimono.¹⁴⁸



¹⁴⁸ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.91

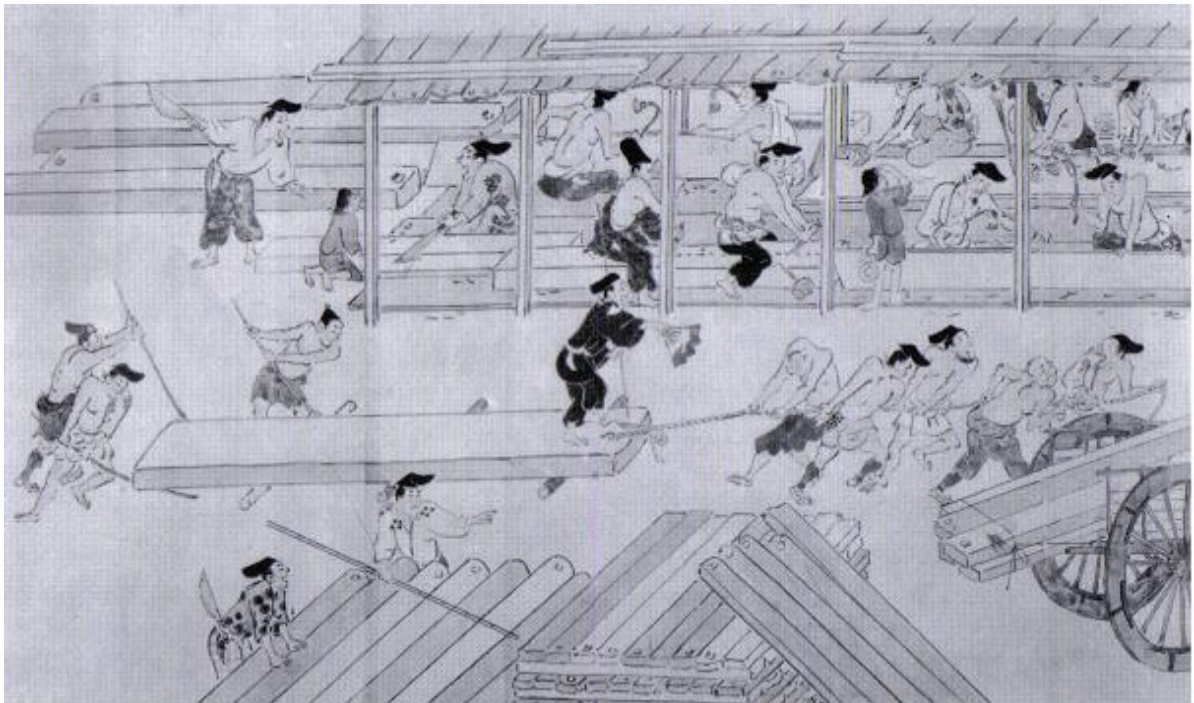


Figura 119. Homem de quimono preto ao centro, responsável pela obra supervisionando o trabalho em madeira. Quadro *Ishiyamadera-engi*. Fonte: Paine e Soper, *The art and architecture of Japan*. op. cit. p.404



Figura 120. Maque da estrutura de madeira do castelo de Utsunomiya.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 121. Madeiramento do castelo de Hikone.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Tal qual no ocidente, que nomes como Vauban na França, ou Pimentel no Brasil, ficaram associados a grandes engenheiros militares, no Japão do período estudado não foi diferente.

Tōdō Takatora (1556-1630) e Katō Kiyomasa (1562-1611) receberam o posto de *daimyō* no período dos xoguns unificadores por seus serviços prestados na construção de castelos. Tōdō esteve envolvido no planejamento de Edo-jō em 1620 e Katō foi o responsável pelo *ishigaki* dos castelos de Kumamoto, Ōsaka e Nagoya.¹⁴⁹

O *tenshu* parece ser uma construção geométrica regular, mas na verdade, suas formas muitas das vezes são irregulares. As deformações podem ter surgido porque a base nem sempre era exatamente quadrada ou porque o relevo era irregular, já que o *tenshu* se assenta sobre a base que define seu formato.

Os castelos apresentam uma forma trapezoidal perceptível apenas pela matemática. O Himeji-jō, por exemplo, dois lados são de aproximadamente 20,3 metros, quando a frente possuiu 25,8 metros e os fundos 26,5 metros, uma defasagem de apenas 70 centímetros.¹⁵⁰

O pequeno *tenshu* de Wakayama-jō tem cantos curvados para se ajustar à forma da montanha vulcânica que se assenta. O próprio castelo de Himeji tem um armazém curvo ao lado do *tenshu*, que também segue à curvatura do terreno.

Às vezes, uma forma irregular era criada de propósito, o castelo de Okayama é pentagonal, enquanto as torres da gojuken-nagaya e o portão ishikawa do castelo de Kanazawa

¹⁴⁹ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.92

¹⁵⁰ *Ibid.*, p.4

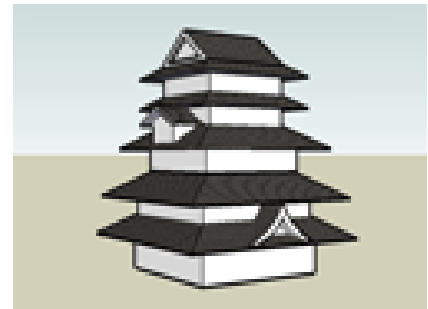
criam o formato de diamantes. A forma pentagonal e a de losango permitem uma fácil circulação das tropas no interior, auxiliando a defesa.¹⁵¹

Os *tenshus* são geralmente encontrados em um dos quatro estilos:

Dokuritsu-shiki (独立式). A torre é independente.

Os castelos de Ōsaka, Maruoka e Uwajima são todos em estilo *dokuritsu-shiki*. Devido ao seu isolamento, esse tipo de *tenshu* foi particularmente vulnerável a ataque, servindo apenas como uma solitária última linha de defesa.

Figura 122. *Dokuritsu-shiki*
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



¹⁵¹ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.82

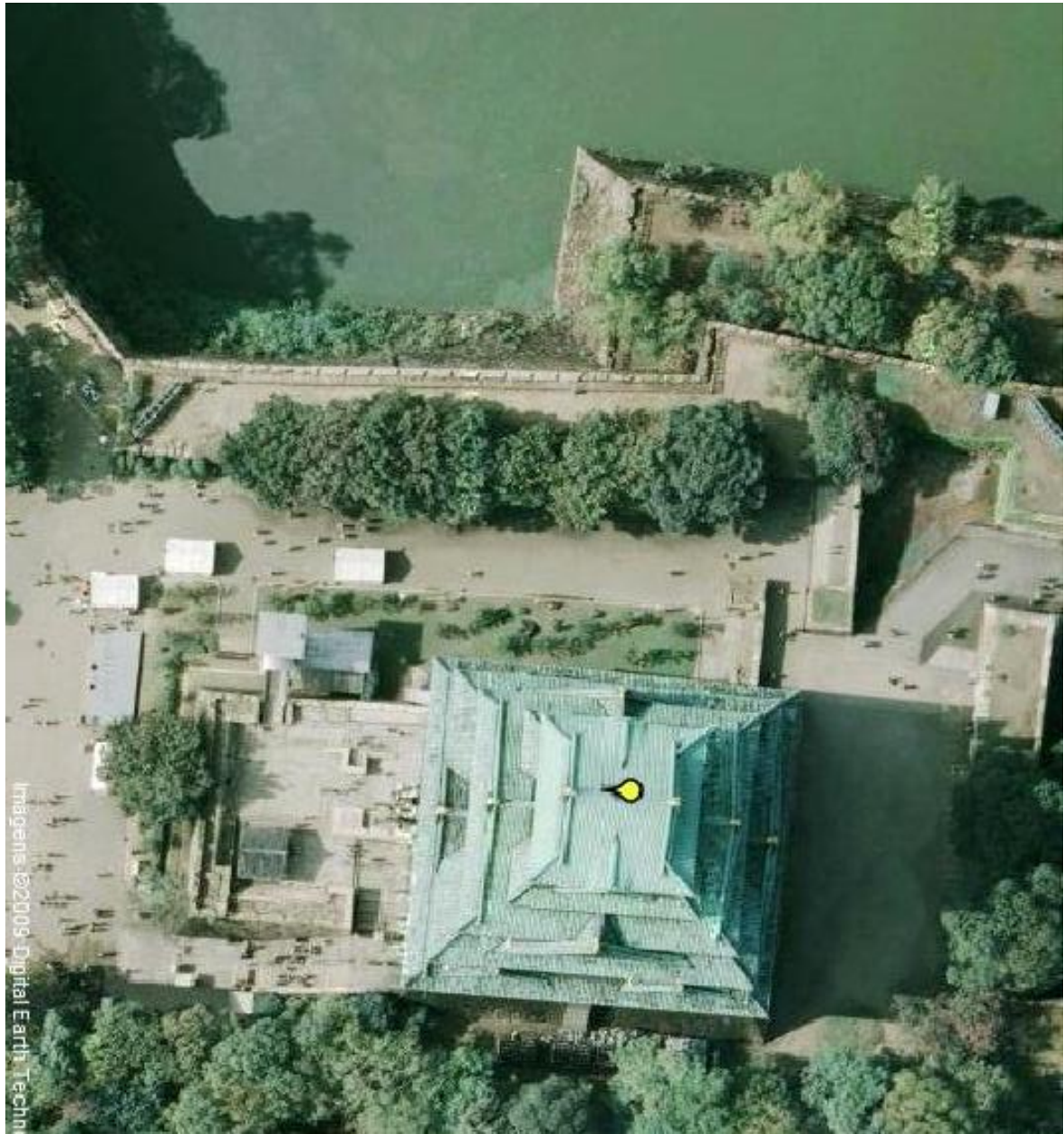


Figura 123. Vista do donojn de
Ôsaka.
Fonte: *Google maps*

Fukugo-shiki (複合式). A torre central está diretamente ligada a uma pequena torre ou *yagura*.

Figura 124. *Fukugo-shiki*.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Renketsu-shiki (連結式). A torre central está ligada a uma pequena torre por meio de uma *yagura*, ou seja, um corredor.

Figura 125. *Renketsu-shiki*.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



A vantagem desses estilos com torres anexadas, seja no *fukugo-shiki* ou *renketsu-shiki*, é criar uma rota de fuga, um ponto de guarda para mantimento, ou simplesmente aumentar a área do *tenshu*, um puxadinho japonês. Exemplos pragmáticos são os castelos de Hikone, Matsumoto e Nagoya.



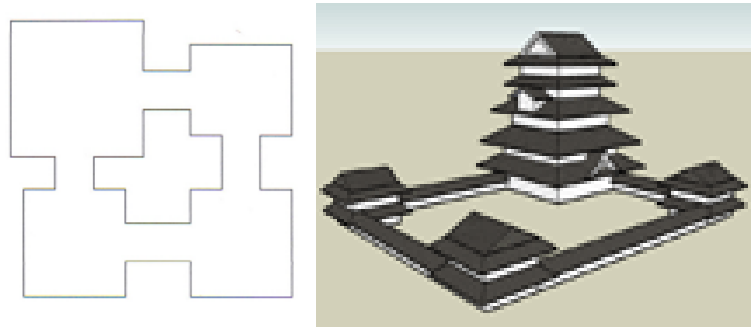
Figura 126. Castelo de
Matsumoto.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 127. Castelo de Nagoya.
Fonte: *Google maps*

Renritsu-shiki (連立式). A torre está ligada a várias pequenas torres conectadas por *watari-yagura* ou *yagura tamon* fechando um pátio interno.

Figura 128. *Renritsu-shiki*.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



O castelo de Himeji tem um dos regimes de *tenshu* mais complexos, sua torre principal está ligada por corredores a outras três torres menores, no estilo *renritsu-shiki*.

Essas quatro torres, *donjon* e outras três, cercam um pátio interno, com cozinha, jardins e em alguns castelos, espaço para teatro *Nō*. Além de espaço suficiente para acomodar dezenas de soldados sem que o inimigo soubesse.

O sal era armazenado em uma das torres, e a água poderia ser retirada de um poço no porão, permitindo ao castelo resistir a um longo período de cerco.¹⁵²

¹⁵² Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.81



Figura 129. Castelo de Himeji.
Fonte: *Google maps*

As *yaguras* internas criavam uma espécie de labirinto dentro do próprio *tenshu*.¹⁵³ O castelo mais emblemático é o de Hiyemji-jō. A primeira torre chamava-se *I no watari-yagura*. Seguido do portão *Ro*. O terceiro e quarto são os portões *Ha* e *Ni no yagura* que são longos em forma curva. Essa curvatura impedia que o inimigo avistasse o que viria adiante.

Os nomes dos portões seguiam a estrutura do silabário fonético *kana*, que tradicionalmente organiza-se a partir de um verso/poema: *I ro ha ni ho he to chi ri nu ru wo*, que poderia ser traduzido como “As cores são perfumadas, mas desaparecem”.¹⁵⁴

Figura 130. *Ha e Ni no watari-yagura* (portão “D”) Himeji-jō. Fonte: Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.95



¹⁵³ “(...) *nawabari* was introduced in order to confuse an enemy who had penetrated into the castle grounds.” (Fujioka, *Japanese castles*. *op. cit.* p.116)

¹⁵⁴ “いろはにほへとちりぬるを”-“Colors are fragrant, but they fade away.” (N.T. In: Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.95)

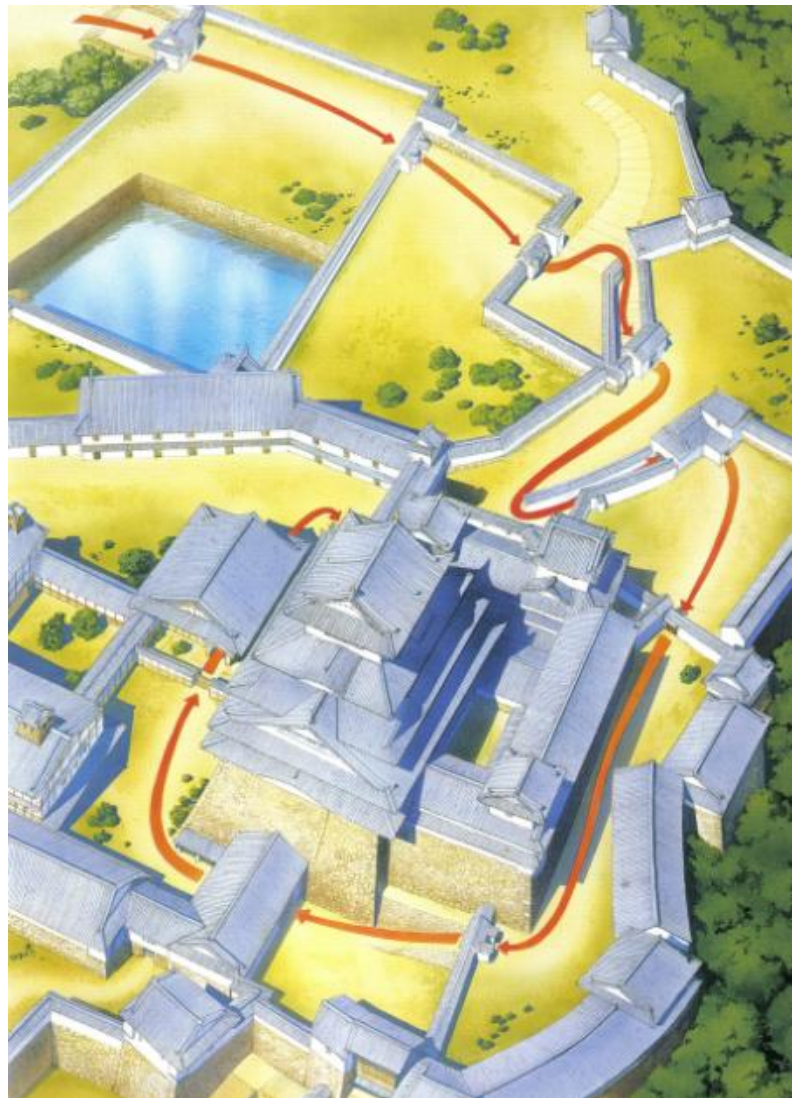


Figura 131. Percurso para invadir o castelo de Himeji.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.23*

Após superar o fosso e a primeira muralha, o invasor enfrentaria os elementos e as disposições do próprio castelo: o afunilamento, a diferença de nível e os portões ao longo dos *ni no maru* e *san no maru*, sempre em curva para inibir a visão do que viria adiante. Na imagem acima, (fig. 131), pode-se notar o percurso que o inimigo faria para chegar ao *donjon* percorrendo o *hon maru* e o *tenshu*.

São as *watari-yaguras* as responsáveis pelas mudanças de sentido. Já os portões similares aos *ote-mons* e *masugata-*

mons são cruciais para a defesa, pois são neles que os defensores retêm o avanço inimigo, enquanto protegidos no pavimento superior. (fig. 134-135)

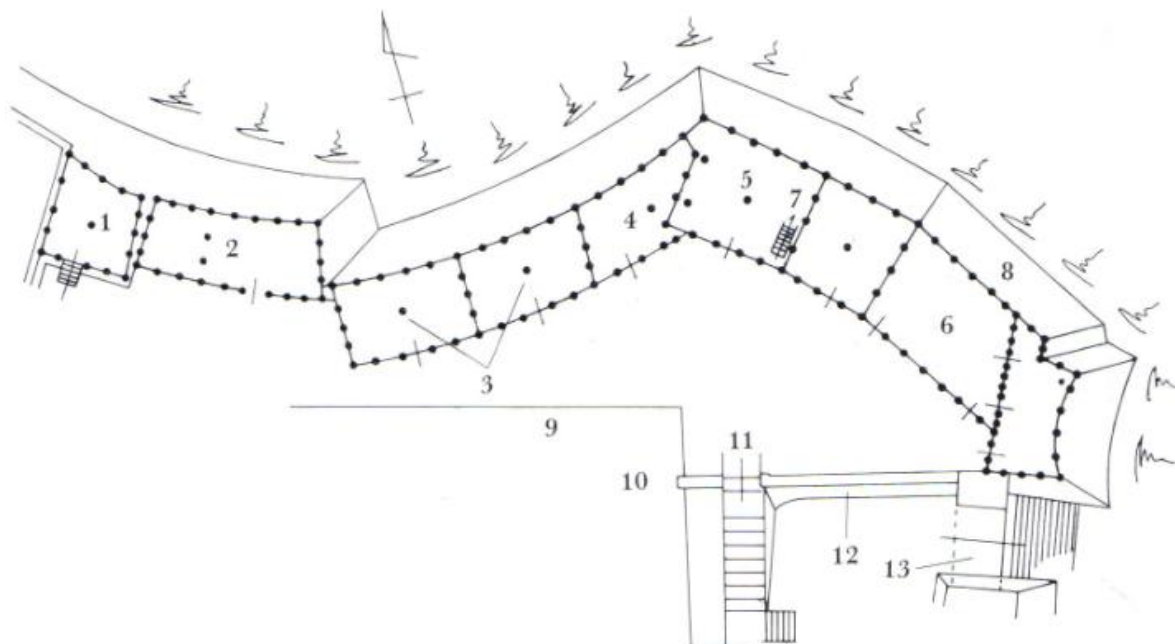


Figura 132. Planta de uma *watari-yagura* do castelo de Himeji.
 Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
 op. cit. p.96

1. *I no watari-yagura* (torre de conexão “A”)
2. *Ro no watari-yagura* (torre de conexão “B”)
3. *Ha no watari-yagura* (torre de conexão “C”)
4. *Ni no watari-yagura* (torre de conexão “D”)
5. *Ho no watari-yagura* (torre de conexão “E”)
6. *He no watari-yagura* (torre de conexão “F”)
7. Escada para o segundo pavimento
8. Muro de pedra do interior
9. Muro de pedra do *tenshu*
10. Higashi Kotenshu (pequeno *tenshu*)
11. *He no mon* (sexto portão)
12. Parede rebocada
13. *To no mon* (sétimo portão)

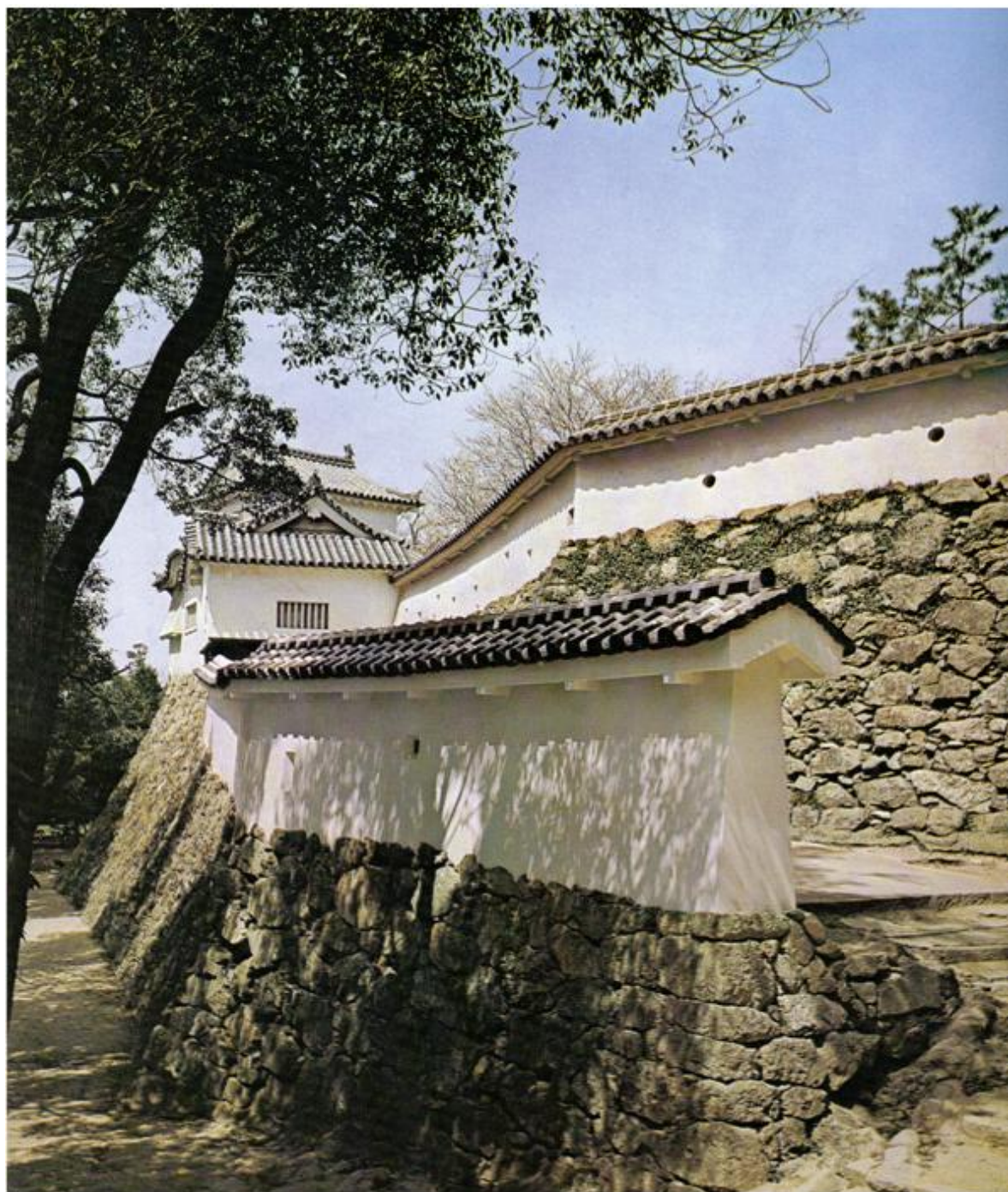


Figura 133. *Ni no Mon* (portão "D") do castelo de Himeji.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*,
op. cit. p.23

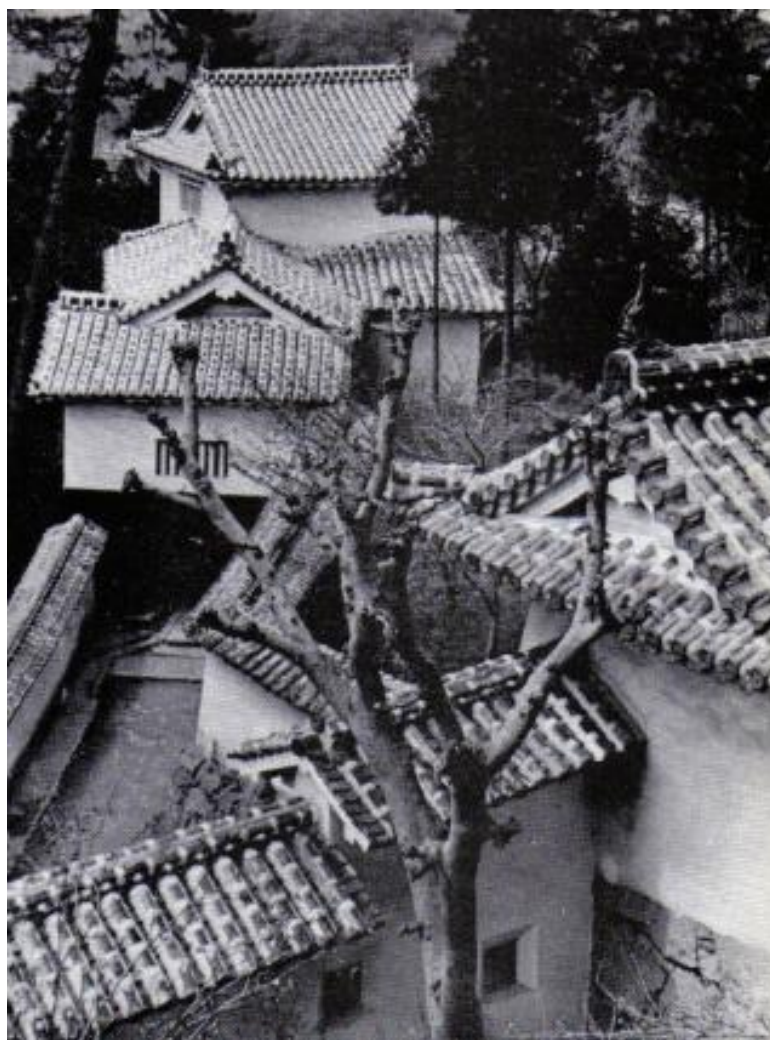


Figura 134. Vista do *Ni no Mon* (portão "D") do castelo de Himeji.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.95

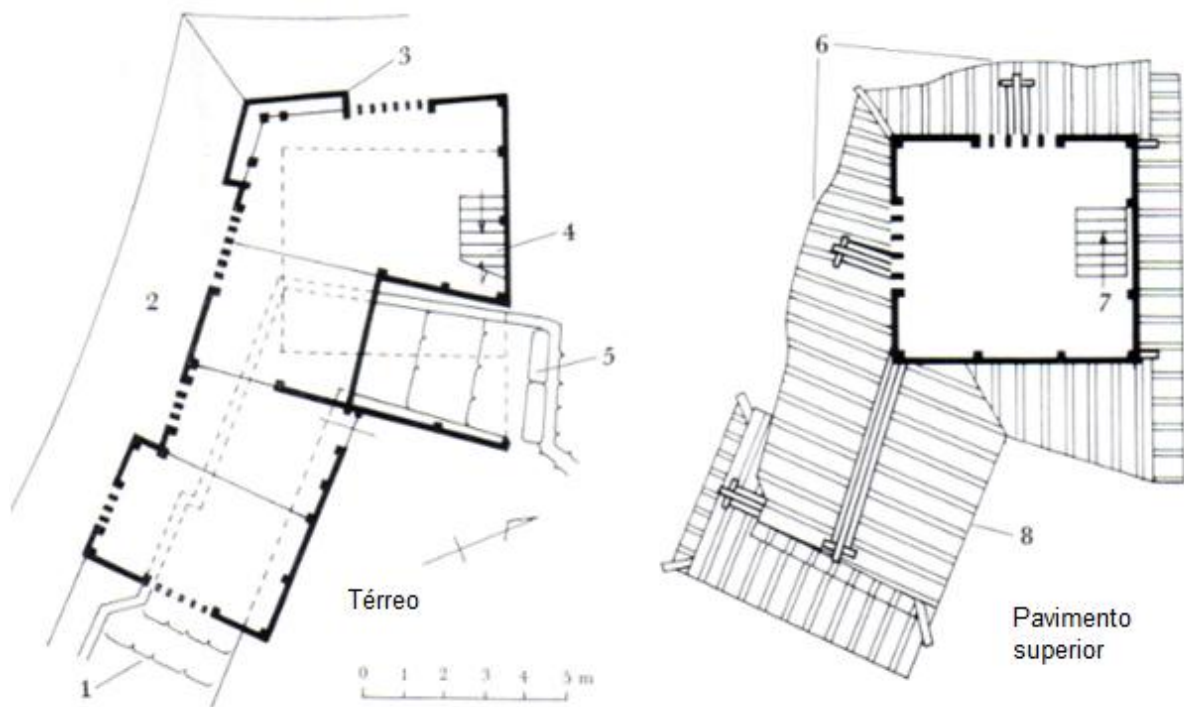


Figura 135. Planta do *Ni no Mon* (portão “D”) do castelo de Himeji.
 Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.97

1. Entrada do térreo
2. Muro de pedra
3. *Ishi-otoshi mado*
4. Escada para o primeiro pavimento
5. Saída do térreo
6. *Kara hafu*
7. Escada do segundo pavimento
8. Telhado do primeiro pavimento

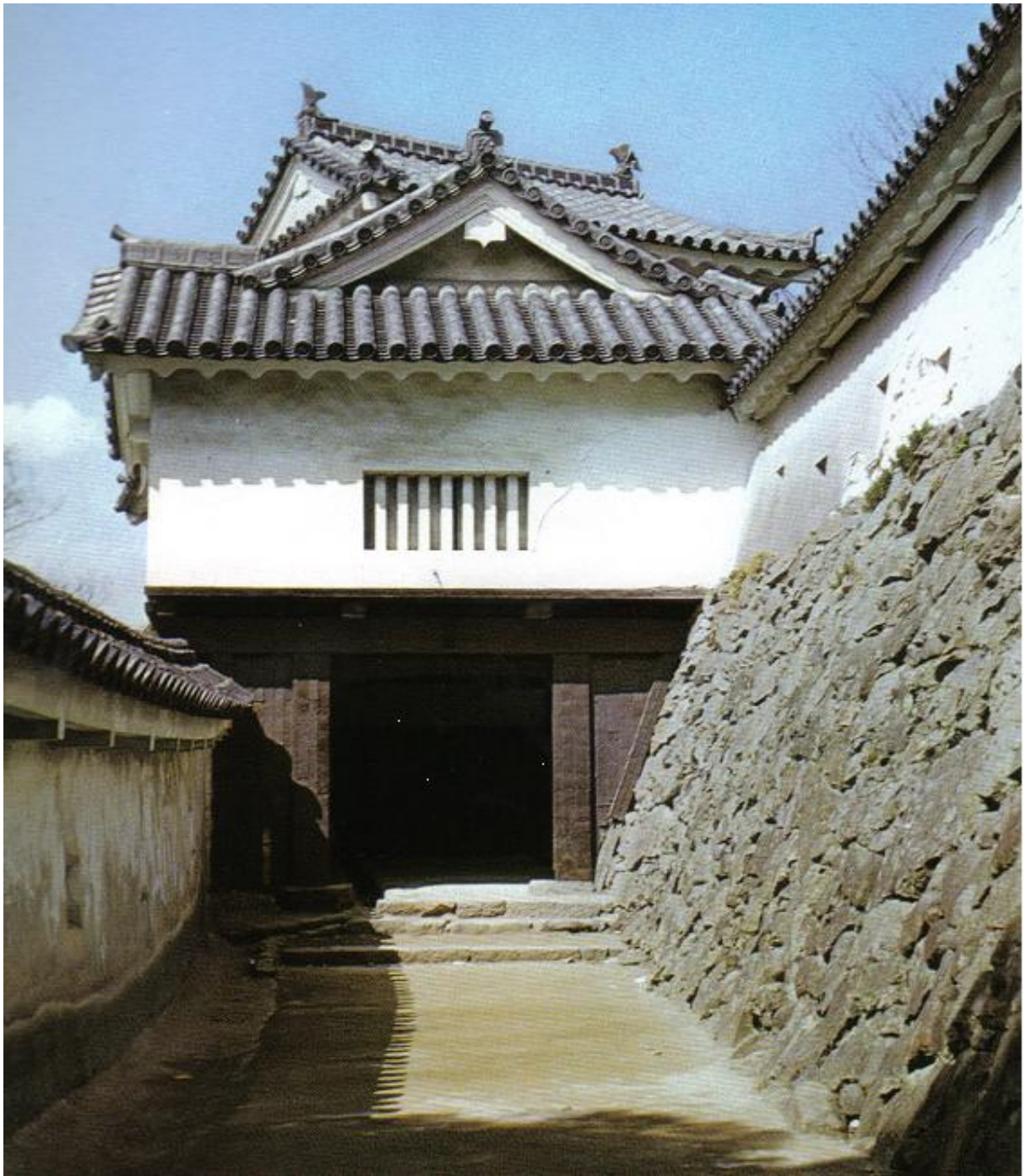


Figura 136. Vista do *Ni no Mon* (portão "D") do castelo de Himeji.
Fonte: Fujioka, *Japanese castles*. op. cit. p.47



Figura 137. Afunilamento do castelo de Shiroishi.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 138. Mudança abrupta de sentido no castelo de Okayama.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

2.7.2. *Donjon*



Figura 139. Pagoda de Yakushiji. Século VIII.
Fonte: Paine e Soper, *The art and architecture of Japan*. op. cit. p.317

Não foi do nada que os mestres de obra iniciaram a construção dos *donjons*, - torres centrais -, dos castelos japoneses, a técnica empregada já vinha sendo utilizada há algum tempo nos *pagodas*. Dois dos mais conhecidos são os *pagodas* do templo budista de Tōdai-ji, na então capital Nara, que possui 100 metros de altura, e o Yakushiji, um dos mais belos do século VIII.¹⁵⁵ (fig. 139)

O projeto também pode ter derivado da arquitetura Zen, um estilo introduzido a partir da China no século XI, e foi visto pela primeira vez nos templos Zen do período Nara e Kamakura.

Os principais templos desse estilo são os de Ginkakuji e Kinkakuji, respectivamente, construídos por Ashikaga Yoshimitsu em 1397 e Ashikaga Yoshimasa em 1470.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Motoo, *Japanese castle*. op. cit. p.107

¹⁵⁶ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.80

De qualquer forma, o elemento mais importante que foi incorporado do *pagoda* no *tenshu* foi o *shin-bashira*, - pilar coração -. Um pilar central que vai da fundação até o cume do edifício, dando estabilidade à parte central do edifício, definindo a altura e o plano de simetria.¹⁵⁷

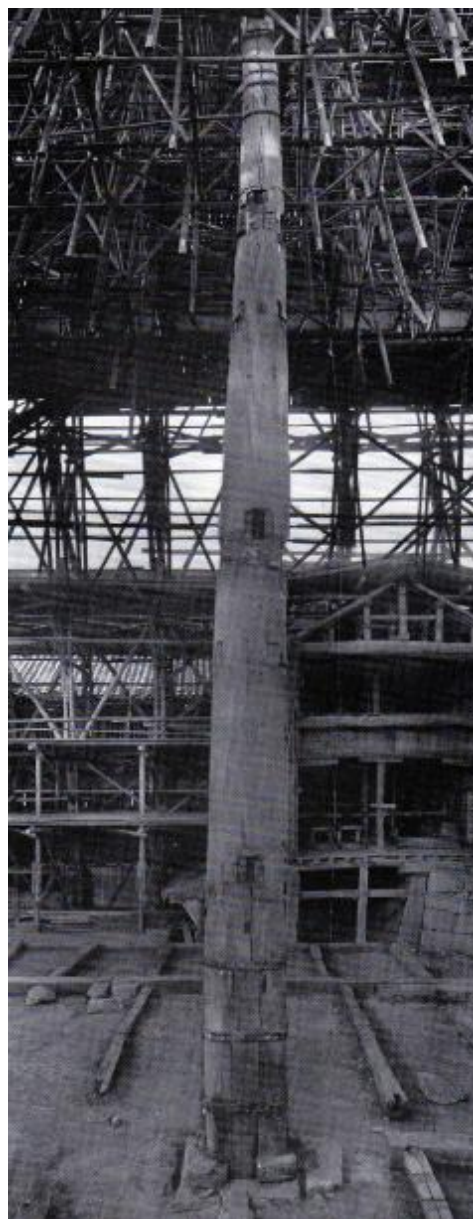


Figura 140. *Shin-bashira* do castelo de Himeji. A restauração foi completada em 1958.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.109

¹⁵⁷ Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.107

Em alguns casos, como no Himeji-jō, os sete andares são vencidos por dois pilares, *daikoku-bashira*, com o mesmo princípio: da base até o cume. Durante sua restauração, em 1958, foi extraído um dos pilares, que media 24,8 metros de altura e 95 centímetros de diâmetros na base, feito apenas de dois troncos de cipreste *hinoki* unidos.¹⁵⁸

As residências, templos e castelos, alcançam os motivos mais requintados, pela união da liberdade informal na implantação paisagística e dos constantes modelos da esquadria nos edifícios, esses rigidamente baseados nos módulos planimétricos e altimétricos dos *tatamis*, cerca de 0,90 por 1,80 metros.¹⁵⁹

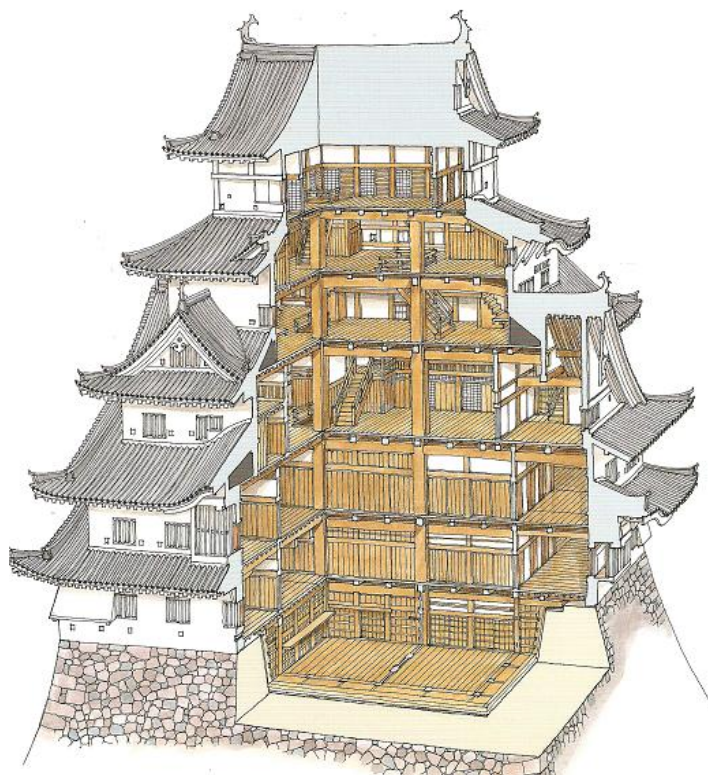


Figura 141. *Tenshu* do Himeji-jō. Ao centro os dois pilares, *daikoku-bashira*.

Fonte: Owada, *Shiro to Hideyoshi*. *op. cit.* p.247

¹⁵⁸ Motoo, *Japanese castle*. *op. cit.* p.107

¹⁵⁹ Benevolo, *História da cidade*. *op. cit.* p.71

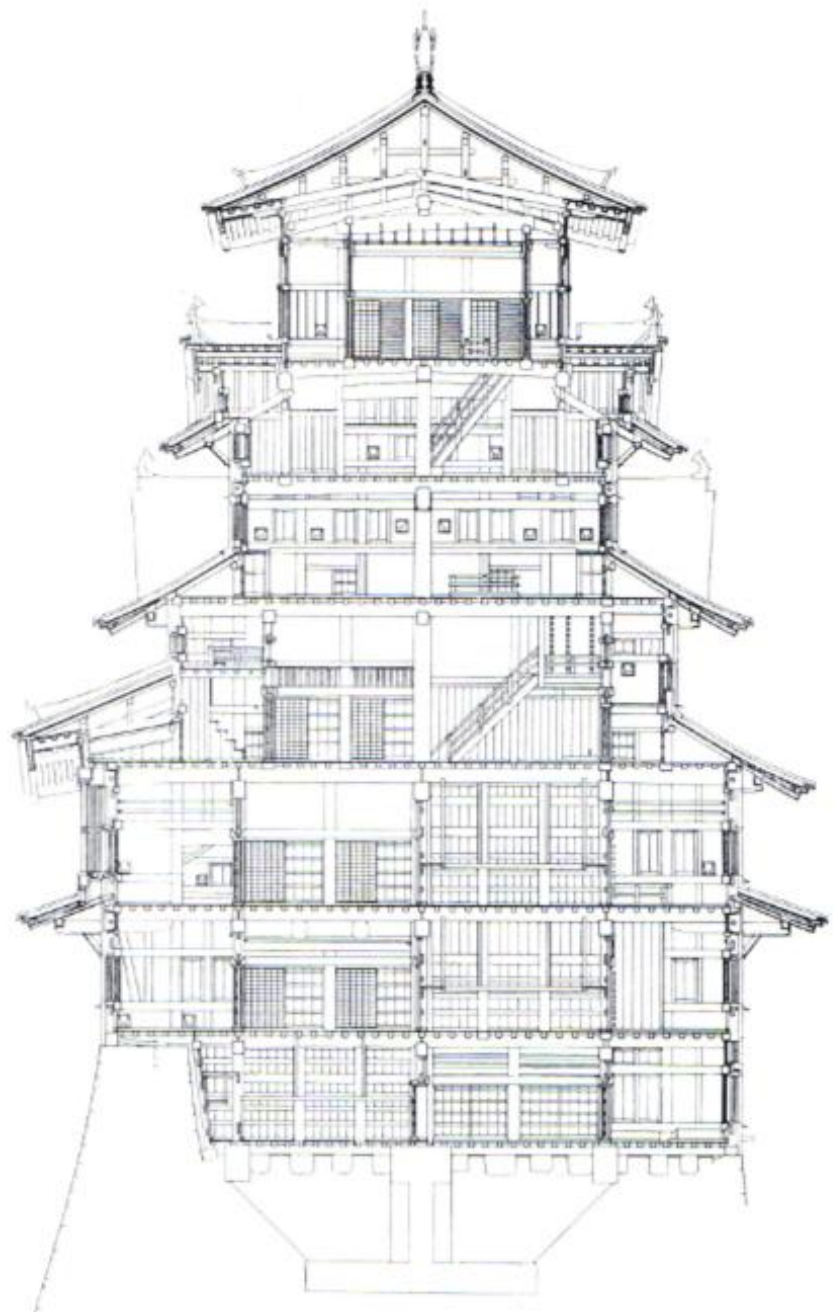


Figura 142. Corte do *tenshu* de Himeji-jō.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.108

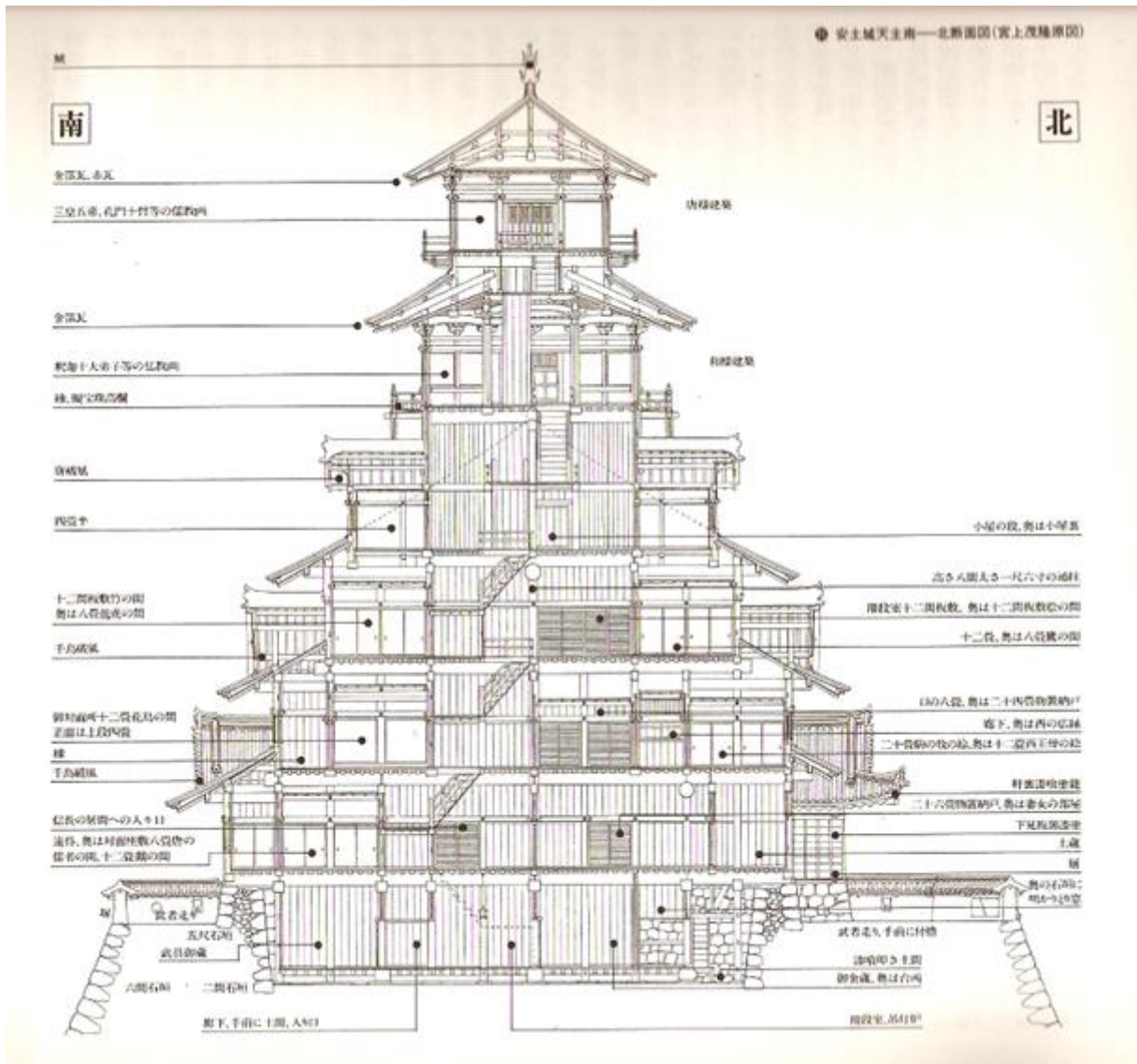


Figura 143. Corte do castelo de Azuchi.
Fonte: Owada, Shiro to Hideyoshi. op. cit. p.169

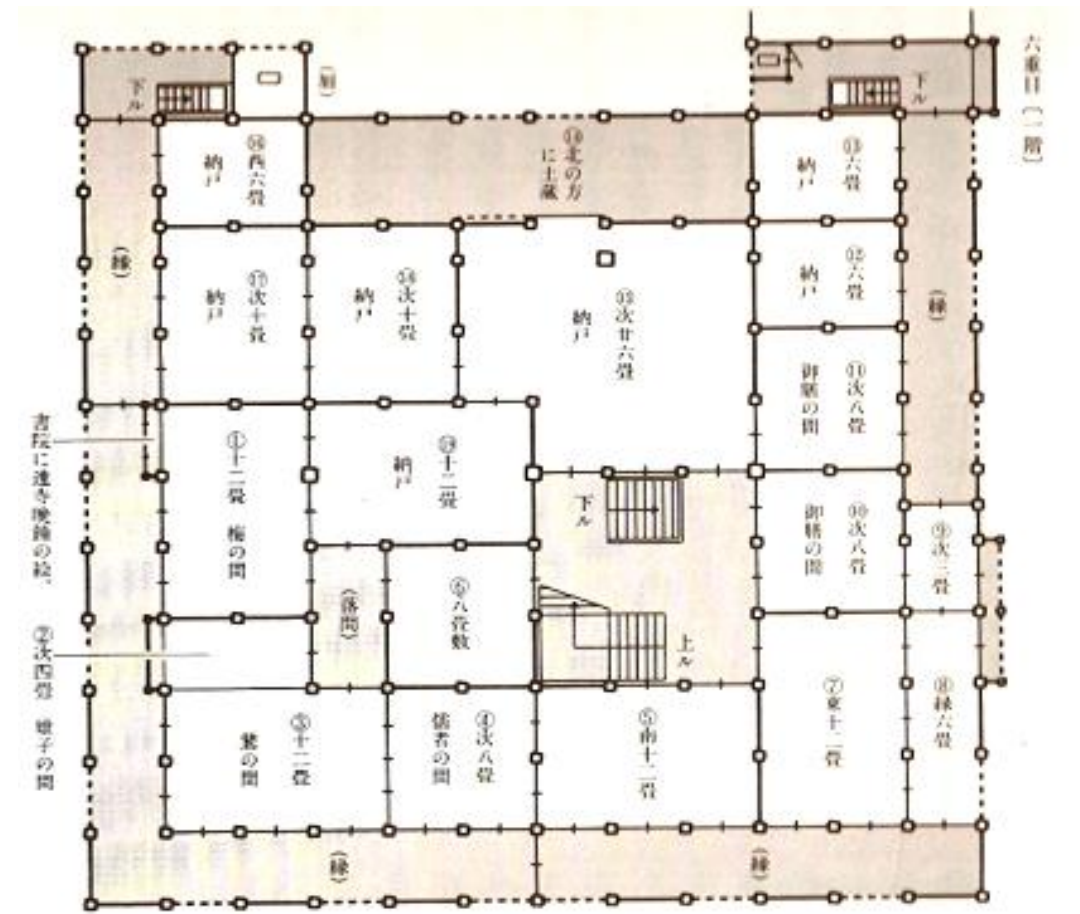
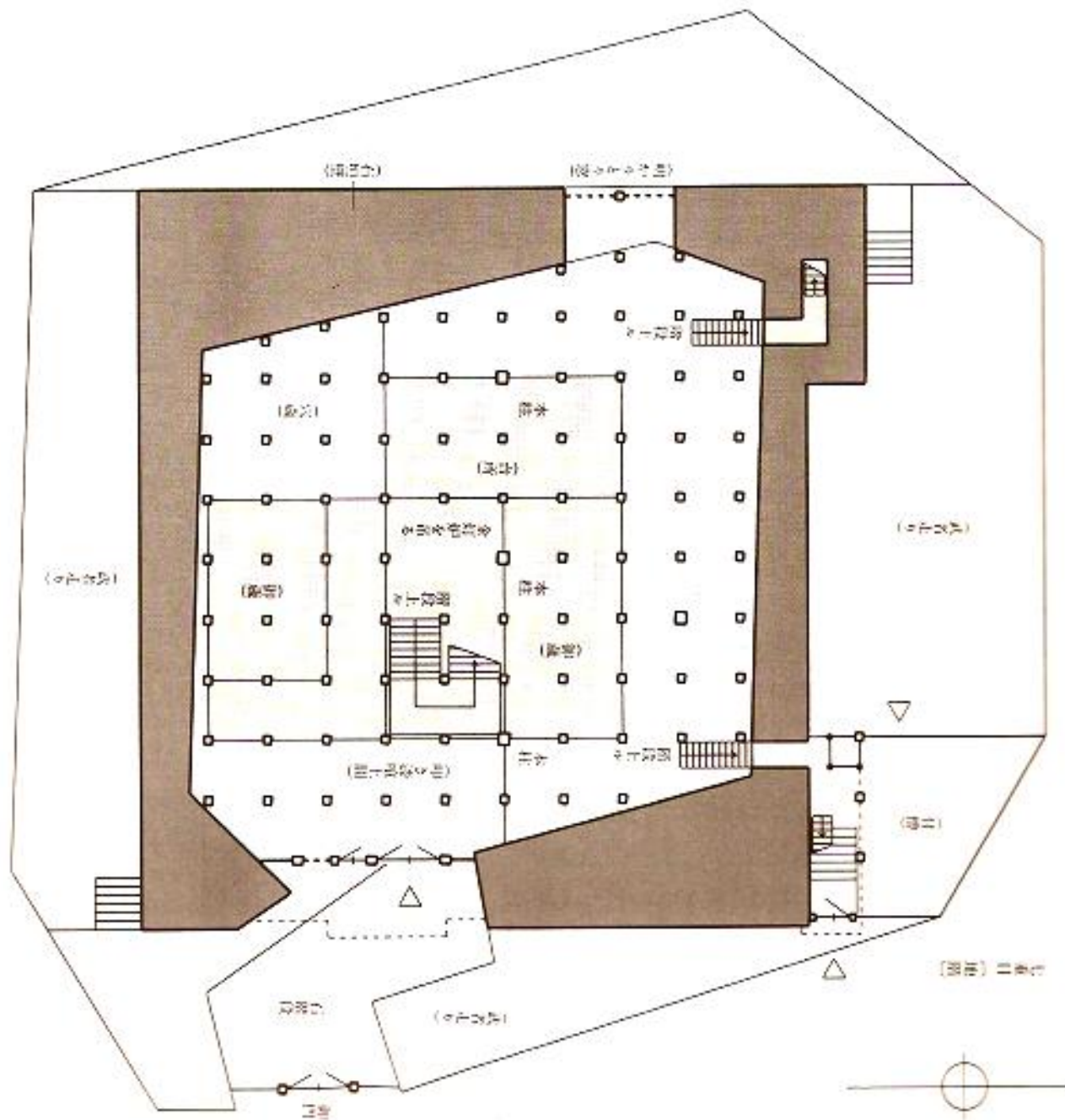


Figura 144. Da esquerda para direita. Térreo e primeiro pavimentos do castelo de Azuchi.
[obs. Não está em escala a relação entre os pavimentos]
Fonte: Owada, Shiro to Hideyoshi. op. cit. p.166

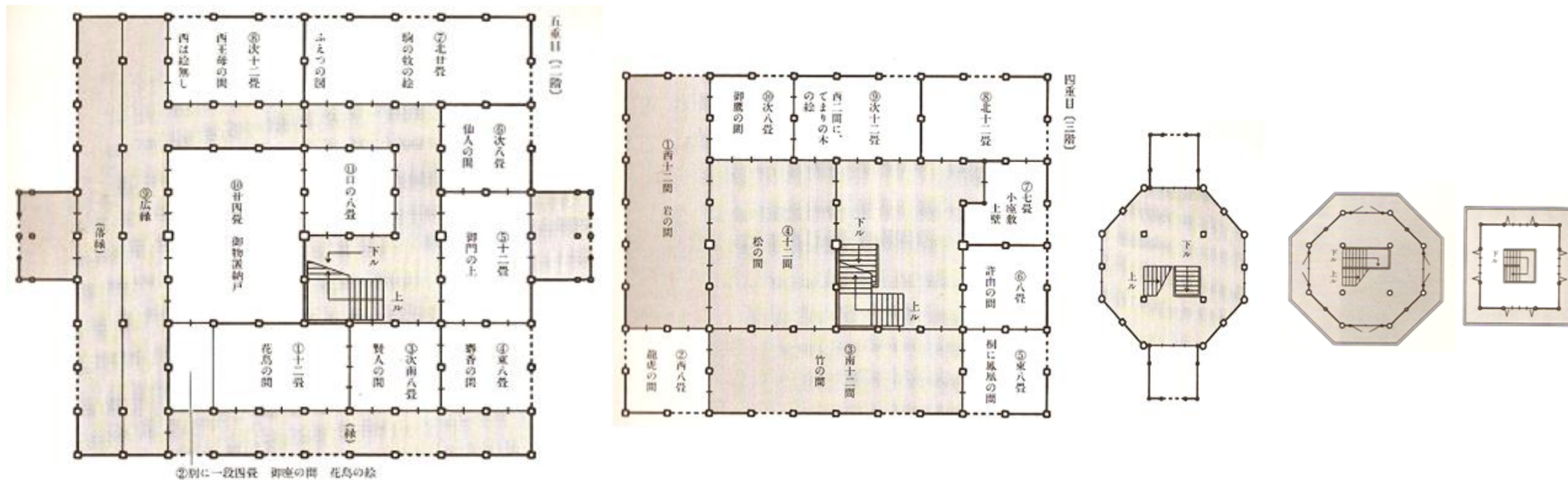


Figura 145. Da esquerda para direita. Terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo pavimentos do castelo de Azuchi.
[obs. Não está em escala a relação entre os pavimentos]
Fonte: Owada, Shiro to Hideyoshi. op. cit. p.167

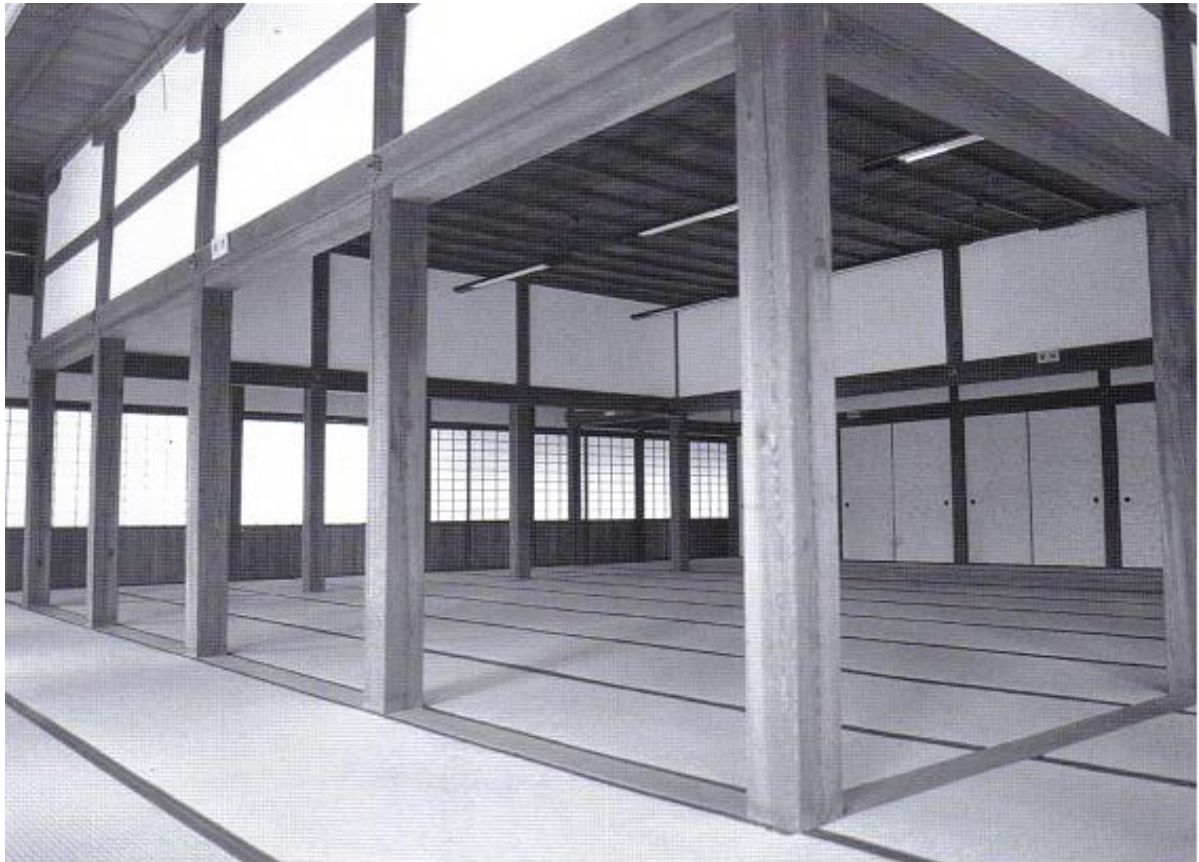


Figura 146. Aposentos do castelo Iga Ueno.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.45



Figura 147. Aposentos do castelo Saga.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 148. Aposentos de Yamagata.
Fonte: Owada, *Shiro to Hideyoshi*. op. cit. p.69



Figura 149. Painel Narihira.
Coleção privada
Fonte: Owada, *Shiro to*
Hideyoshi. op. cit. p.85

O *tenshu* funcionava como principal ponto de observação e grande posto de comando em tempos de guerra, além de guardar o arsenal principal. Como o *tenshu* ficava no ponto mais alto e mais defendido do castelo, era a última linha de defesa. Além de se mostrar imponente para o arredor, como notou o jesuíta português João Rodrigues:

Eles mantêm o seu tesouro aqui e é aqui que eles guardam suas esposas no momento do cerco. Quando já não podem aguentar, matam suas mulheres e os filhos para evitar que eles caiam nas mãos do inimigo, em seguida, depois de atear fogo à torre de pólvora e outros materiais de modo que nem mesmo os seus ossos ou qualquer outra coisa possa sobreviver, (...).¹⁶⁰



Figura 150. Acima *borogata* e abaixo a *sotogata*.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.108

No Japão medieval e pré-moderno, período desse estudo, os senhores da guerra, muitas vezes, construíam seus *donjons* sobre uma residência histórica da familiar, preservando assim, a tradição do clã sobre as terras, de forma que, era de suma importância não deixar cair em mãos inimigas, do contrário seria um desonra para a família.¹⁶¹

Os castelos podem ser classificados de várias formas, mas são dois os métodos mais comuns: quanto o estilo e a cor.

Os *donjons* podem ser encontrados basicamente em duas estruturas: a *borogata* e a *sotogata*. Uma forma “não tão simples”, mas eficaz de se distinguir, é através das empenas *irimoyas*, que seriam as formas e números de telhados.

A *borogata* é mais simples com menos pavimentos, já a *sotogata* possui mais andares, e mais telhados que circundam

¹⁶⁰ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640*. *op. cit.* p.31-31

¹⁶¹ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op. cit.* p.80

toda a estrutura, igual nos *pagodas*. (fig. 150)

Outra forma, esta mais simples, é quanto à cor, alguns *tenshu* são negros, brancos e outros uma combinação de ambos. Os negros são de madeira envernizada, enquanto os *tenshu* brancos possuem paredes cobertas de barro e cal.

A teoria vigente é que os *tenshus* negros foram construídos pelos partidários de Toyotomi Hideyoshi, como os castelos de Kumamoto por Katō Kiyomasa (1601), Hiroshima por Mori Terumoto (1589) e o castelo de Okayama por Ukita Naoie (1589), dentre outros. Levando à conclusão de que eles são negros pela lealdade à casa de Toyotomi, alguns mesmo após a sua morte.¹⁶²

Inclusive, acredita-se que o castelo de Ōsaka, que foi construído por Toyotomi Hideyoshi, era um *tenshu* negro, uma vez que possui uma tela de pintura mais nova que a estrutura.



Figura 151. Castelo negro de Kumamoto, construído por Katō Kiyomasa em 1601.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

¹⁶² Ibid., p.82

Os castelos negros mencionados estão localizados no extremo oeste do Japão, já os brancos, estão próximos a Quioto e Edo por dois motivos: primeiro uma aparente lealdade a Ieyasu, pintando-os de branco, visto que, os castelos dos Tokugawas também são brancos. Um segundo motivo é a evolução tecnológica na região das grandes cidades.



Figura 152. Castelo de Himeji por Ikeda Terumasa (1601) construído na mesma época do castelo negro de Kumamoto. Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

A madeira era utilizada não só na estrutura e pavimentação, mas também nas paredes dos castelos, favorecendo a propagação do fogo, seja acidental ou proposital. Por melhor que fosse a madeira, ou o trabalho empregado, sua capacidade de queimar incomodava os arquitetos militares.

Para evitar que as paredes pegassem fogo a todo instante, fixavam-se varas de bambu verdes amaradas com cordas de palha sobre a estrutura, montando uma grande tela, em

seguida aplicava-se um reboco preparado com lama e palha, quando seco, a parede era revestida com uma massa feita de algas marinhas, cal e água.¹⁶³

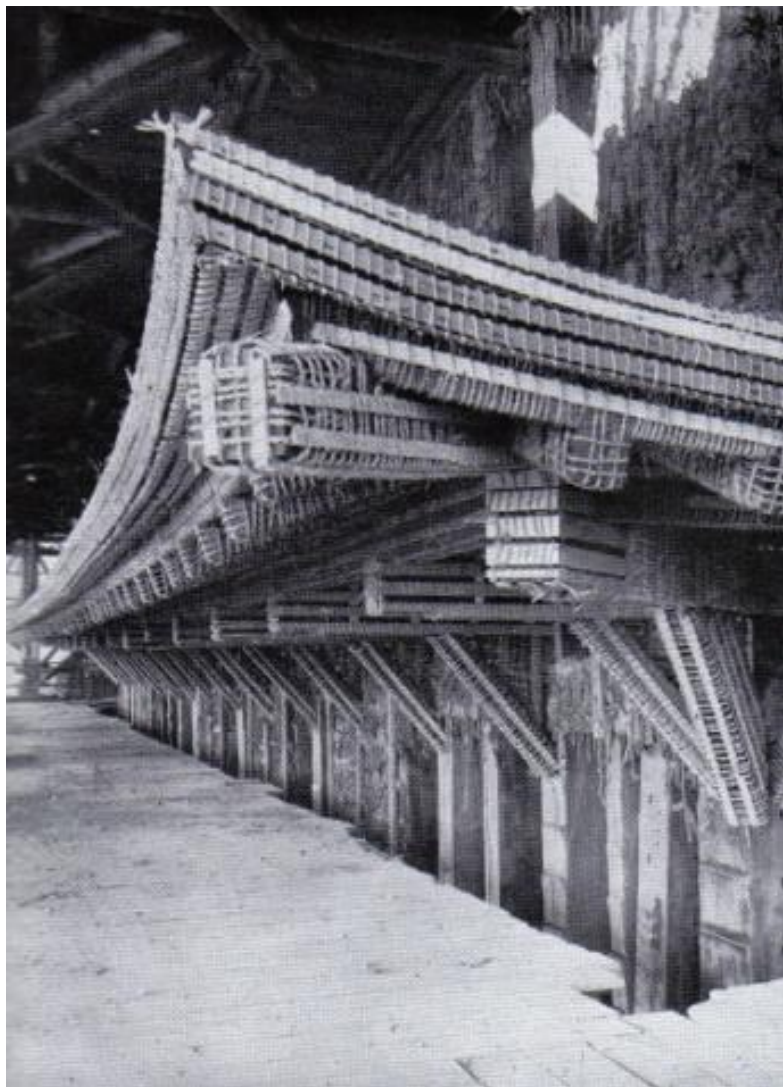


Figura 153. Paredes do castelo de Himeji preparadas para serem rebocadas.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.99

As espessuras das paredes eram as mais variadas possíveis, em suma, dependia de quando e onde o castelo foi construído. O castelo de *Himeji*, por exemplo, construído

¹⁶³ Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op. cit.* p.78

durante um período de batalhas no início do século XVII e base central para a conquista da região, tinha uma parede de 50 centímetros de espessura, inclusive, com trechos reforçados com placas de metal em seu interior.

Em contrapartida, a parede *sanjuken-nagaya* do castelo de Kanazawa, construído em 1858, era basicamente um armazém com paredes cravejadas de pequenos seixos, que não passava de 18 centímetros de espessura.¹⁶⁴

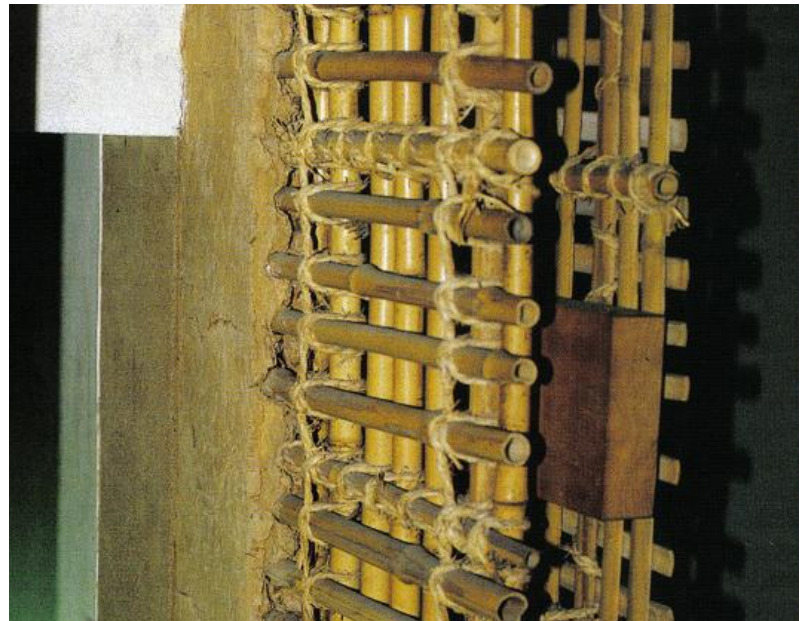


Figura 154. Estrutura em bambu amarrado e coberto de barro para melhor proteger contra o fogo. Torre Uto do castelo de Kumamoto.
Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit.* p.10

¹⁶⁴ Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.79

A decoração dos telhados, paredes e janelas poderiam ser em frontões triangular chamado de *chidori-hafu*,¹⁶⁵ ou numa empena de estilo chinesa atendida por *kara-hafu*.¹⁶⁶ Segundo Motoo, o complexo arranjo de *hafus* criavam um efeito majestoso.¹⁶⁷



Figura 155. *Chidori-hafu* do castelo de Hikone.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 156. *Kara-hafu* do castelo de Matsumoto.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders. op. cit.* p.52

¹⁶⁵ Outros nomes *Hiyoku Chidorihafu* / *Hiyoku Irimoyahafu*

¹⁶⁶ Segundo Fujioka o estilo chinês *Kara* que foi transportado pelos japoneses desenvolveu-se na China entre 626 e 907. (Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.94) Para Steinhardt esse período corresponde à dinastia T'ang. (STEINHARDT, Nancy S. *et al. Chinese architecture.* New Haven : Yale university press, 2002: p.91)

¹⁶⁷ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.107



Figura 157. *Kara-hafu* do castelo de Komaki.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 158. Sucessão de *Chidori-hafu* e *Kara-hafu* do castelo de Uwajima.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. *op. cit.* p.44

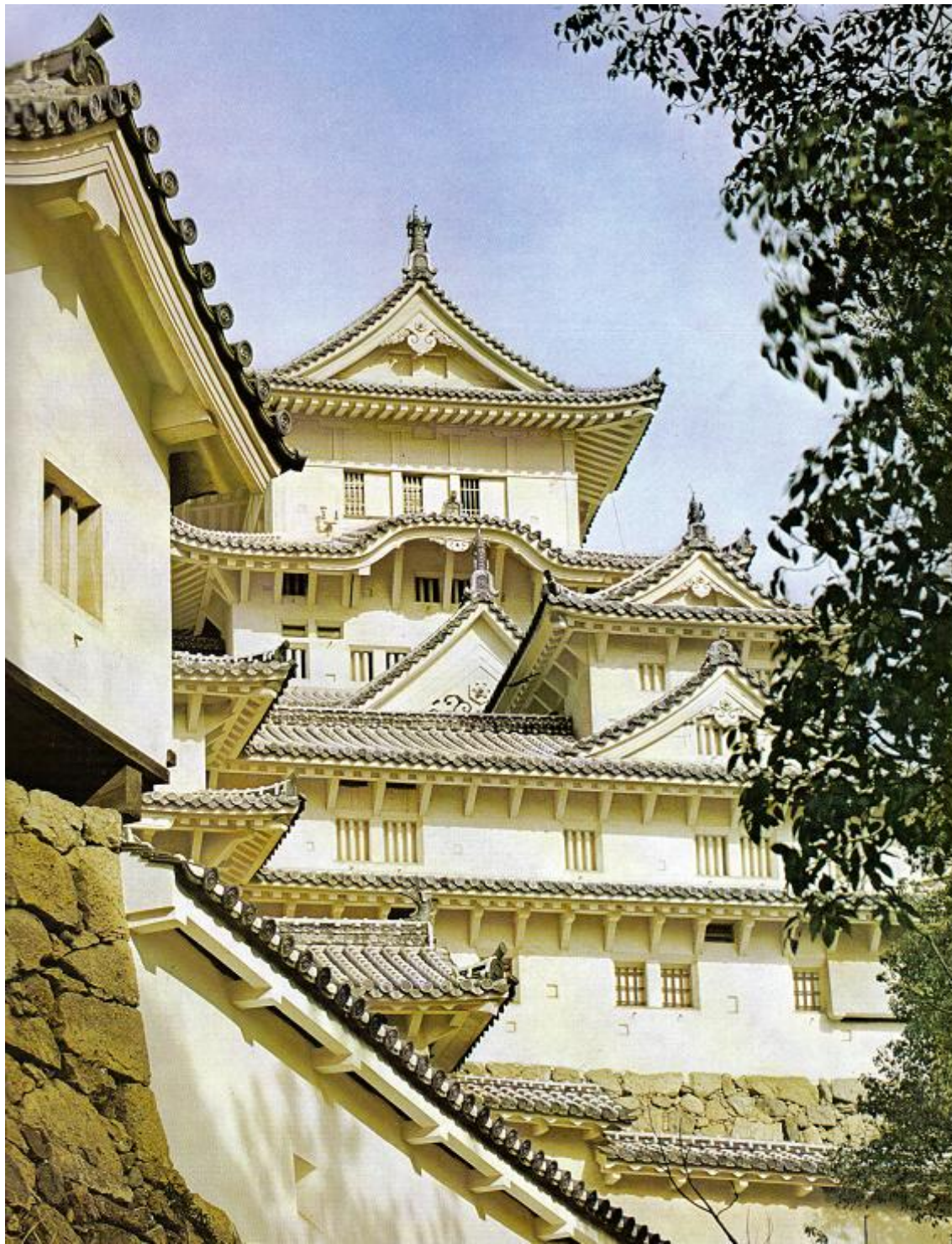


Figura 159. Sucessão de *Chidori-hafu* e *Kara-hafu* do castelo de Himeji.
 Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.63 e 14

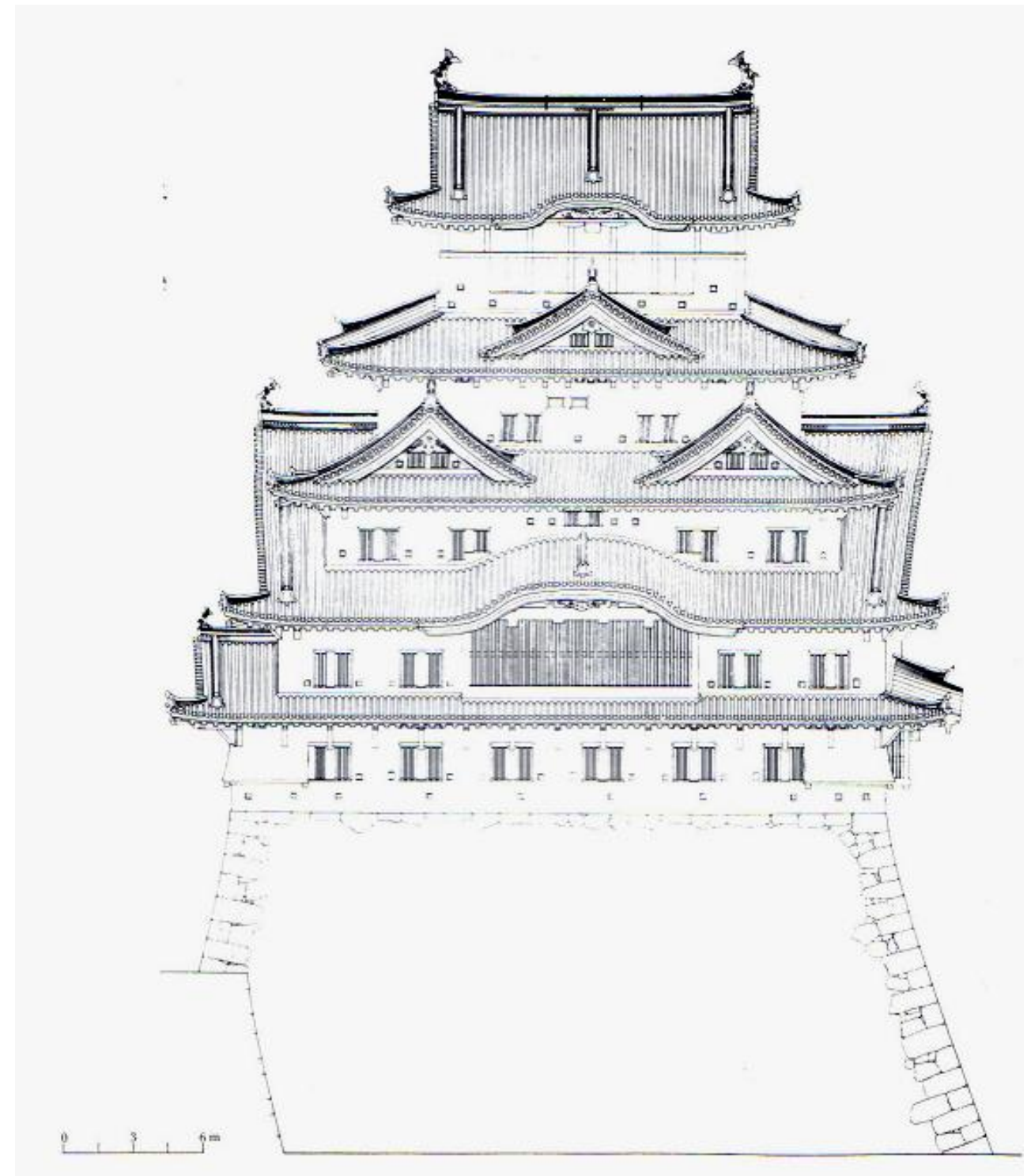




Figura 160. Telhado *Irimoya* do castelo de Kumamoto.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 161. Telhado *kirizuma* do castelo de Fukuoka.
Fonte: Ibid.



Figura 162. *Shachihoko* de bronze do castelo de Kochi.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit. p.54*

A forma do telhado de um *hirajiro* não é algo totalmente inovador, na verdade ele é uma importação de algo já utilizado por séculos nos palácios imperiais. O que o torna um elemento tão fantástico é a composição de dois elementos distintos, o *chidori-hafu* e o *kara-hafu*, em harmonia sobre níveis como em um *pagoda*. Assim, o *donjon* alcançava alturas ainda não experimentadas pelos palácios imperiais japoneses.¹⁶⁸

Existem vários tipos de telhados, mas eles raramente são utilizados para as estruturas principais dos castelos, que resguardam o uso de dois estilos: o *irimoya* e o *kirizuma*.

O telhado de estilo *irimoya* possui dois lados da cobertura que se estendem para fora e para cima de cada lado da estrutura retangular, já dois lados são interrompidos formando um triângulo. (fig. 160)

Já a cobertura no estilo *kirizuma* é o tipo mais simples, basicamente um telhado de duas águas, raramente vistos no topo dos castelos, exceto como o telhado que cobre pequenas paredes ou pilares de apoio das portas *korai-mon*. Essa cobertura é obviamente mais simples e mais barata de se construir, por isso, era considerado um tipo de telhado de casas da classe média. (fig. 161)

Sobre os telhados geralmente eram colocados *shachihokos*, esculturas de seres míticos com cabeça de tigre e corpo de peixe. Suas primeiras utilizações datam do

¹⁶⁸ Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640. op. cit. p.32*

[a expressão “não experimentadas pelos palácios imperiais japoneses” deve-se ao fato de que na China eram comuns edifícios imperiais desta altura.]

período Muromachi (1333-1573), em virtude de seus encantos contra os maus espíritos e o fogo.¹⁶⁹

Os telhados eram cobertos com pedra, telhas argila, chumbo, bronze ou azulejos.

A madeira preferida era *hinoki*, cipreste japonês, por causa de sua resistência, sua falta de nós e a suavidade das curvas, que tornavam o *hinoki* fácil de manusear.¹⁷⁰ (fig. 163)

¹⁶⁹ Na China também existem estas figuras mística, mas com corpo de leão. Além de proteger contra espíritos maus, também serviam como definidos da classe social, quanto mais deles houvesse no telhado, mais alta a classe social.

¹⁷⁰ Esse tipo de cipreste é utilizado no Japão desde a época Nara, existem templos de até sete séculos de idade. Para evitar que deixassem de existir, o *daimyō* Maeda Kanazawa implantou um tipo de sistema de reflorestamento, que perdurou, de alguma forma, durante o período Tokugawa. (Mitchelhill, *Castles of the samurai. op. cit.* p.78)



Figura 163. Sistema de telhado.
Castelo de Ozu.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 164. Vista pelo alto do castelo de Fushimi Momoyama, próximo a Quioto.

Fonte: Turnbull, *Japanese Castles 1540-1640*. op. cit. p.10



Figura 165. Vista pelo alto do castelo de Matsuyama.
Fonte: Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.94

2.7.3. Jardins e decoração

Os principais patronos da cultura de elite durante o período medieval eram os membros da família imperial, guerreiros poderosos, ou templos budistas e santuários xintoístas.

Já no final do século XIV e durante todo o século seguinte, serão os xoguns Ashikaga, sobretudo, Yoshimite e Yoshimasa, que estabeleceram na capital Quioto o padrão cultural.

Já nas províncias, eram famílias como Ouchi, Asakura e Kikuchi que apadrinham monges ambulantes, companhias de teatro *Nō*, mestres do chá, pintores como *Toyo* e poetas como *Iio Sogi*, tais quais os Mecenas em Florença.

A grande arte medieval japonesa se desenvolve como mais um dos aspectos da classe guerreira, seus valores



Figura 166. Detalhe do telhado.
Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.:48



Figura 167. Detalhe do telhado.
Fonte: Ibid., p.49



Figura 168. Símbolo da família Tokugawa em uma porta de madeira.
Fonte: Ibid., p.56

marciais realmente estavam em primeiro plano, mas seus patronatos suscitavam estilos de vida e moradias requintadas, até que, “as residências fortificadas e as colinas coroadas por castelos, transformaram-se em paradigmas da arquitetura da época.”¹⁷¹

O castelo japonês não é entendido como simplesmente um ponto seguro, mas simultaneamente um local “belo” e tratado de forma crítica e minuciosa. Alguns detalhes são marcantes, por exemplo, ao final de cada telha há um brasão da família senhoril do castelo, assim como, em portas e janelas. (fig. 166-168)

É também do início do período Kamakura, o primeiro “ensaio crítico sobre a construção de jardins”, o *Sakuteiki*, de autoria de Tachibana Toshitsuna, que especificava como alcançar o jardim belo e harmônico.

Os missionários e comerciantes procedentes da península ibérica, que no decorrer do século XVI, estiveram no Japão, não poderiam senão se surpreender diante do tamanho e da magnificência dos seus castelos.

O missionário jesuíta e cronista português Luiz Fróis (1532-1597), que passou mais de 30 anos no arquipélago, formulou esta magnífica descrição do Castelo de Azuchi, construído por Oda Nobunaga em uma elevação sobre o lago Biwa durante a conquista das regiões centrais.

No cume da colina, em meio ao povoado, Nobunaga construiu seu palácio e castelo que, no que se refere à arquitetura, poder, riqueza e magnificência, pode ser comparado aos maiores edifícios da Europa. Suas fortes e sólidas muralhas de pedra chegam a 60

¹⁷¹ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão*. op. cit. p.118

palmas de altura e até mais em vários pontos; atrás dos muros, são muitas as casas belas e magníficas, todas elas decoradas com ouro e tão cuidadas e distintas que parecem chegar ao apogeu da elegância humana.

No centro, há uma espécie de torre, chamada de *tenshu*, cuja nobreza e aparência esplêndida superam em muito as nossas. Ela possui sete andares, todos eles por dentro e por fora, de maravilhosa estrutura arquitetônica; por dentro, as paredes são ricamente decoradas com pintura douradas e de cores variadas, enquanto a parte externa da estrutura é pintada com cores vivas... Em resumo, o edifício é belo, magnífico e brilhante.

Por estar à grande altura e ser naturalmente elevado, fica a sensação de que toca as nuvens, podendo ser visto de várias léguas de distância.¹⁷²

É a forma de se pensar a “bela defesa” que permite contemplar os jardins do castelo de Nijō, construídos em 1626, como baluarte defensivo de Tokugawa na capital Quioto.

No Japão medieval e pré-moderno, são basicamente dois os tipos de jardins: os tradicionais e os secos, e Quioto é famosa por seus ambos os estilos.

A meditação Zen pressupõe contemplamento dos elementos da natureza como a água, árvores, musgos e pedras. Os imperadores e cortesãos apreciavam tomar uma xícara de chá próximo aos rios, durante o período Kamakura.

Sob essa influencia, os guerreiros provinciais começaram a usufruir e planejar tais jardins Zens em seus castelos logo que tomaram o poder. Como por exemplo, o jardim que fica no *ni no maru* do castelo de Nijō. (fig. 169)

¹⁷² Luiz Fróis *apud* Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.126



Figura 169. Jardim do *Ni no maru* do palácio de Nijō.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 170. Conjunto de lanternas para iluminar os jardins próximo ao santuário de Toshō, em Nikkō.
Fonte: Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.123



Figura 171. Kinkakuji, Templo do pavilhão dourado.
Fonte: Colcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.123

Outro exemplo pragmático de aliança entre edifício e jardins era o Kinkakuji, Templo do pavilhão dourado. (fig. 171) Construído originalmente no final do século XIV como parte da vila do xogun Ashikaga Yoshimitsu. O templo sobreviveu até 1950, quando foi destruído por um incêndio.

Os mosteiros Zens seguiam rigorosamente as pautas de construção e disposições internas da arquitetura chinesas do período Song, mas seus jardins aperfeiçoaram o conceito de “paisagem seca”, *kare sansui*, nos quais pedras, musgo, areia e cascalhos amontoados substituíam e representavam a água, as flores e as montanhas do Japão. (fig. 172)



Figura 172. Jardim Zen de Ryoanji, fundado pelo guerreiro Hosokawa Katsumoto por volta de 1450.
Fonte: Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.121



Figura 173. Monge desenhando em diferentes ângulos num jardim interno de Daitokuji. Acredita-se que a iluminação pode ser alcançada por meio da meditação e tarefas simples como cozinhar arroz, limpar ou criar estas formas nos jardins secos. De modo que, isso faz parte da rotina do templo. Fonte: Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.121



Figura 174. Pintura monocromática de Josetsu, intitulada “os três professores.” Período Muromachi. Fonte: Paine e Soper, *The art and architecture of Japan*. op. cit. p.165

Também foram os monges Zens que introduziram no Japão as técnicas Song de pintura à tinta, *suibokuga*, e a aquarela, *haboku*, onde os retratos e as esculturas Zens tentavam capturar a energia espiritual dos personagens representados. Artistas como *Josetsu*, *Shibun*, *Oguri Sotan*, *Kanō* e *Masanobu* desenvolveram o *suibokuga* ao nível de criar uma tradição japonesa que suplantou a chinesa nesse estilo.¹⁷³

Mas no final do período medieval, a tendência era abandonar o universo monocromático das paisagens Zens pelas pinturas de paredes e painéis dourados, com os quais, se ornamentaram os grandes castelos de Azuchi, Momoyama e Ōsaka.

A maioria dessas encomendas foi feita aos pintores da escola Kanō, que experimentou um crescimento notável de fama e influência nos séculos XVI e XVII.



Figura 175. Detalhe do *karamon* de Nishi Honganji em Quioto. Fonte: Mitchelhill, *Castles of the samurai*. op. cit. p.55

¹⁷³ Paine e Soper, *The art and architecture of Japan*. op. cit. p.165

Ao redor do castelo costumavam crescer povoados militares onde viviam samurais, artesãos e comerciantes. Esses grandes castelos, levantados no final do século XVI e durante os XVII e XVIII, devem ter fornecido uma visão de autoridade, poder e da personalidade de uma nova geração de vigorosos *daimyōs* e unificadores.

As residências palacianas propiciaram uma grande produção de afrescos, telas e painéis pintados. A generosa utilização de laminas de ouro e as cores vivas se tornaram algumas das melhores expressões da arte Momoyama.

Os unificadores se mostravam generosos com os artesãos e pintores que decoravam seus castelos. Nobunaga, por exemplo, empregou Kanō Eitoku como artista principal no castelo de Azuchi. Tratava-se, portanto, de um projeto monumental:

(...) a fim de cobrir aquele espaço de vários quilômetros quadrados, equipes de pintores organizados por Eitoku esboçavam seus desenhos. Cada andar do torreão era decorado com um tema diferente. Nos quartos mais altos do castelo, por exemplo, as telas se encontravam cobertas de pinturas douradas de antigos governantes chineses e heróis culturais, simbólica alusão à evidente pretensão de Nobunaga de chegar a governar o país inteiro. Nos andares mais baixos, os quartos foram decorados com temas budistas, com os quatro dotes do cavaleiro, cavalos, falcões, pássaros, flores e paisagens.¹⁷⁴

O castelo ainda contava com uma capela budista e um cenário para teatro *Nō*. A magnificência de Azuchi e os

¹⁷⁴ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.49

espetáculos oferecidos ali por Nobunaga maravilharam Luis Fróis e outros observadores.

Kanō Eitoku (1543-1590) foi o pintor mais influente da era Momoyama. Tornou-se o quarto reitor da escola Kanō, que combinava estilos chineses com técnicas e temas *Yamatoe*. Ele respondeu de maneira altamente criativa à oportunidade de produzir obras de arte nos castelos.¹⁷⁵

Tanto Nobunaga como Hideyoshi patrocinaram sua atividade [Kanō Eitoku], que além do projeto de Azuchi, Eitoku se encarregou de desenhar os três palácios-fortaleza de Hideyoshi: o castelo de Ōsaka, o Jurakutei e o Castelo Fushimi.¹⁷⁶

Sem perder algumas das características da pintura medieval em tinta monocromática, o tratamento da cor é agora muito mais rico, a água e os ramos adquiram uma vibrante beleza.

Com a consolidação das cores brilhantes e o maior dramatismo temático, a pintura ganhou uma escala imponente com pinceladas grossas, cores fortes, contrastando entre brilhantes e opacas, que dão vida às imagens simples e muito dramáticas de Eitoku.

¹⁷⁵ Eitoku começou a ter relevância como pintor aos vinte e quatro anos de idade, quando pintou uma série de flores e pássaros nas telas do subtemplo Jukoin no Daitokuji em Quioto, contribuindo dessa maneira, para a formação do estilo Momoyama. Em um jogo de quatro telas de 1,7 metros de altura por 5,4 metros de largura, ele pintou uma gigantesca e retorcida ameixeira de ramos estendidos, com um rio no fundo e aves nadando nas águas. Outras importantes obras atribuídas ao pintor são: a poderosa pintura em ouro de uns leões chineses fantásticos e um cipreste gigante. Essa obra, realizada quando tinha quarenta e oito anos de idade, é montada atualmente sobre oito telas, mostrando um monumental e antigo cipreste que estende os ramos contra um fundo de nuvens de ouro e águas azuis. Trata-se de uma composição extremamente dinâmica e pessoal, criada especialmente para um espaço de altura reduzida e largura quase ilimitada, proporções muito comuns nas telas dos castelos. (Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.149)

¹⁷⁶ *Ibid.*, p.149



Figura 176. Painel de Kanō Eitoku intitulado “Flores e pássaros”
Original: Hakutsuru Fine Art Museum
Dimensões: 164.5 x 359.0 centímetros
Fonte: <Image:ShikiKachozu>

Depois de Eitoku, a escola Kanō sempre esteve sob patrocínio dos poderosos governantes da época, chegando à desenvolver, com o tempo, um modo decorativo elegante e sensível, transformando os estilos e temas chineses para o gosto japonês.

Kanō Sanraku (1559-1635), filho adotivo de Eitoku, e um dos artistas que o ajudou a decorar o castelo de Ōsaka, criou uma série de pinturas de aves e flores muito belas. Assim, a tradição artística Kanō conservou seu lugar de honra na decoração dos castelos Tokugawa.¹⁷⁷

Mas o terreno da arte decorativa não era patrimônio exclusivo da escola Kanō. Pintores independentes como Hasegawa Tohaku (1539-1610), Kaihoysyo (1533-1615) e Unkoku Togan (1547-1618) competiam com os pintores Kanō pelos encargos de guerreiros, cortesãos e templos.¹⁷⁸

¹⁷⁷ Paine e Soper, *The art and architecture of Japan. op. cit.* p.198-199

¹⁷⁸ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.49

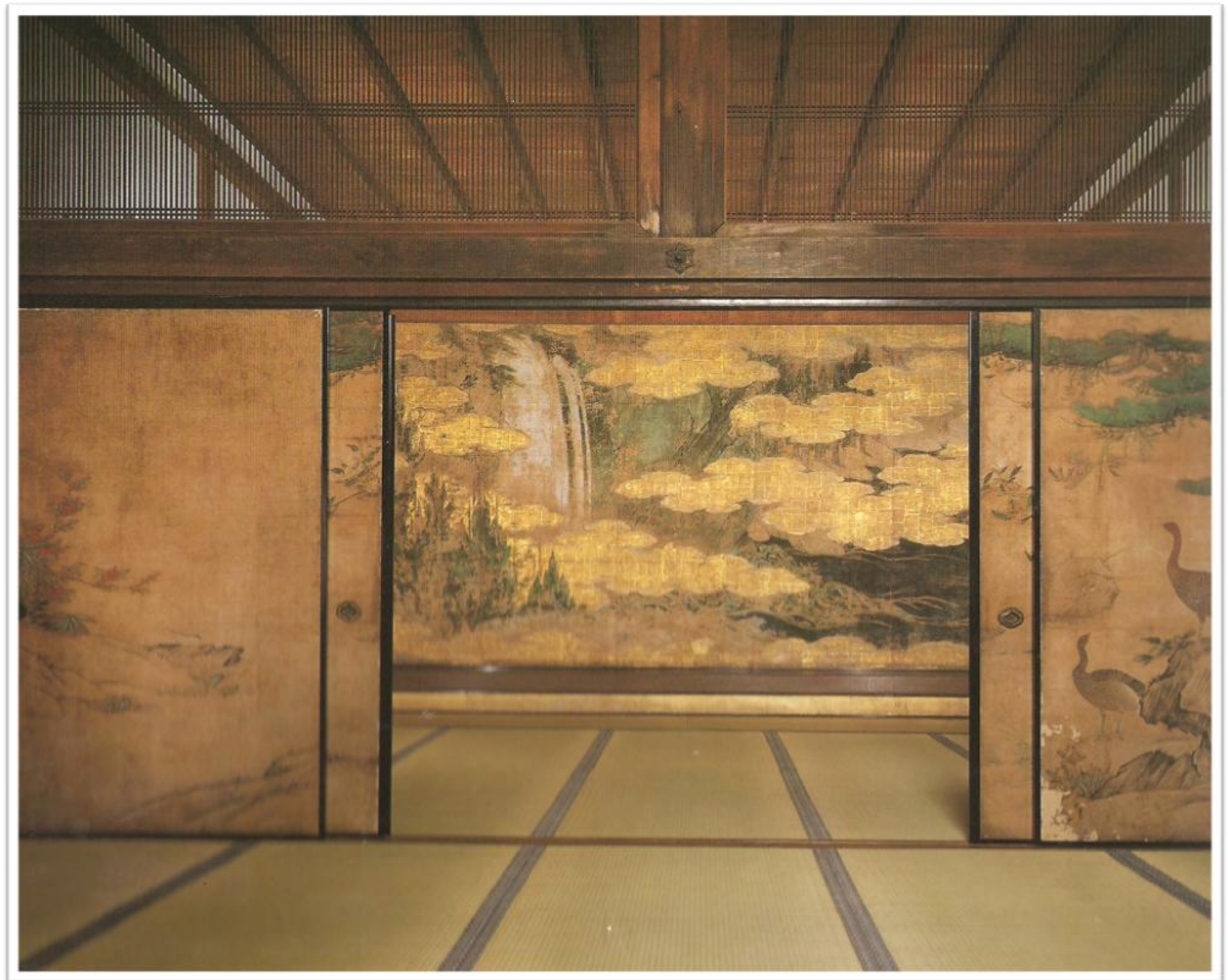


Figura 177. Decoração
jinbaori. Coleção privada
Fonte: Owada, *Shiro to
Hideyoshi*. *op. cit.* p.72

3. Oda Nobunaga, o primeiro xogum unificador

織田信長 (1534-1582)



Figura 179. Oda Nobuhide, pai de Oda Nobunaga.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders. op. cit.* p.127 (adaptado)

Sabe-se muito pouco sobre a vida de Oda Nobunaga antes de se tornar um grande general. Ele nasceu no castelo de Nagoya, sendo o segundo filho de Oda Nobuhide, governador da província de Owari.¹⁷⁹ (fig.179)

Desde jovem, Nobunaga tinha uma grande ambição pelo poder, ele matou vários de seus parentes na luta pelo controle da família Oda.

Outra característica marcante desse líder é seu gênio tático-militar. Documentos atestam que em 1560 ele e seus seguidores derrotaram uma das maiores forças da região de Suruga, vencendo o governador militar Imagawa Yoshimoto, que atravessara as terras de Nobunaga em direção a Quioto.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Sharpe, *Samurai leaders. op. cit.* p.128

¹⁸⁰ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.40

Além de talentoso, Oda Nobunaga teve a sorte de nascer em Owari. Em primeiro lugar, Owari estava perto da região de Kinai, a qual na época, não era somente o coração político do Japão, mas também, foi abençoada pelos maiores índices de produtividade agrícola e expansão comercial.

Embora a região de Owari estivesse próxima à Kinai, as autoridades do período Muromachi, bem como os tribunais dos grandes santuários e templos, estavam profundamente enraizadas em Kinai, de forma que sua influência pouco se notava em Owari, por ser considerada uma região fraca.¹⁸¹

Por conseguinte, as condições eram favoráveis para emergentes *daimyōs*, comerciantes e pessoas que buscavam ampliar sua influência na região de frágil ocupação militar. Além disso, Owari foi favorecida por campos férteis e uma grande bacia hidrográfica, em especial o delta do rio Kiso.

Historicamente, os recursos avançados desta região incluem o desenvolvimento precoce da tecnologia de prevenção de inundações e a disseminação de organizações comunitárias para a construção de obras civis.

As tecnologias agrícolas mais avançadas da época eram desenvolvidas na província de Ōmi,¹⁸² situada entre o Kinai e a região de Mino, já dentro de Owari.¹⁸³

Ōmi foi, também, o lar de artesãos altamente qualificados, bem como os transportadores e comerciantes que dominavam as rotas de transporte de alimentação nas vias terrestres e aquáticas.¹⁸⁴

¹⁸¹ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.41

¹⁸² Entretanto a perfeita modernização administrativa do meio rural só foi atingida com os xoguns subsequentes, Hideyoshi e Tokugawa. (OSAMU, Wakita. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.100)

¹⁸³ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.42

¹⁸⁴ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.41

De lá saiu Oda Nobunaga, *daimyō* sengoku, comandante militar, e o primeiro dos três chamados “unificadores do Japão”, tornando-se uma figura crucial na história do país.

Para consolidar seu poder dentro do clã, ele eliminou a oposição, começando com Oda Nobutomo no castelo Kiyosu. Em 1556, Nobuyuki, com o apoio do Shibata Katsue e Hidesada Hayashi, tentou tomar o controle do clã de seu irmão Oda Nobunaga. Os conspiradores foram derrotados na batalha de Ino.



Figura 180. Oda Nobunaga
Fonte: <wspjapan.info>
acessado em 2/01/2011

Entretanto, no ano seguinte, Nobuyuki começou a maquirar novamente. Seu plano foi exposto e desta vez Nobunaga apresentou menor piedade para com o irmão traidor, ordenando que Nobuyuki fosse morto em Kiyosu.¹⁸⁵

Em meados do século XVI, Nobunaga colidiu com o clã rival, os Imagawa, em uma luta na qual foi derrotado. Anos depois, ele teve que enfrentar uma invasão do exército liderado pelo poderoso Imagawa Yoshimoto. Mas desta vez, sua vitória sobre Yoshimoto, na região de Okezahama, foi magistral, marcando, assim, o início de sua ascensão de poder e influência.

Já no ano de 1561, Nobunaga fez um acordo com Matsudaira Motoyasu, futuro Tokugawa Ieyasu, apaziguando o longo atrito entre os dois clãs. Naquele mesmo ano, ele começou uma campanha contra o clã Saitō em Mino, que estava de luto pela perda de seu líder, o senhor Yoshitatsu.

Em junho do mesmo ano, Nobunaga derrotou suas forças e estabeleceu seu castelo em Komaki, usando-o como base para os avanços em Mino. Progressivamente, foi minando o

¹⁸⁵ Sharpe, *Samurai leaders. op. cit.* p.128

clã Saitō através de intrigas e caos, até que finalmente os derrotou em 1567 no cerco do castelo Inabayama.¹⁸⁶



Figura 181. Oda Nobunaga obrigando Mitsuhide a cometer seppuku.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.129

¹⁸⁶ Ibid., p.128



Figura 182. Nesta imagem os monges guerreiros do quartel-general de Ishiyama Honganji, do grupo Ikko-ikki, combatem os samurais de Oda Nobunaga antes de serem derrotados.
Fonte Turnbull, *Samurai: O lendário mundo dos guerreiros*.
op. cit. P.19

3.1. Campanhas e a arma de fogo

No nono mês de 1568, Oda Nobunaga entrou em Quioto com cerca de cinquenta mil soldados provenientes de Mino, Owari e províncias vizinhas, consolidando, com isso, seu nome na história do Japão.

Nobunaga teve duas causas para justificar sua entrada em Quioto, mesmo que fosse apenas um dos muitos *daimyōs* que poderiam avançar sobre as mesmas alegações.

A primeira foi um pedido de assistência de Ashikaga Yoshiaki, pretendente ao cargo de *xogun*, e até então fantoche de Yoshihide. A segunda justificativa foi um pedido do Imperador Ogimachi, que entre outras coisas, pedia que alguém reparasse o palácio imperial.

Instalado em Yoshiaki, Nobunaga foi capaz de assumir o manto de uma pessoa que tinha conquistado rebeldes inimigos do estado e poderia entrar em Quioto, sob o pretexto de cumprir os pedidos do imperador.¹⁸⁷

O termo *tenka*, “tudo o que está sob o céu”, refere-se à totalidade do reino do Japão e implica o controle da nação. Nobunaga, por sua vez, intitulava-se como *tenkajin*, o “governante do *tenka*”. Quando desfilou sobre Quioto, disse que agia daquela forma com o objetivo de restaurar o décimo quinto xogum Ashikaga, Yoshiaki (1537-1597). Entretanto, não era mais que um pretexto, pois logo Yoshiaki foi substituído e o xogunato Ashikaga chegou a seu fim.¹⁸⁸

Mas o motivo fundamental da vitória de Nobunaga foi a perspicaz utilização dos mosquetes, uma tecnologia que havia chegado da Europa somente trinta anos antes.

Na batalha de Nagashino em Mikawa (1575), Nobunaga organizou uma brigada de três mil mosqueteiros em três filas, a rotação dos voleios lhes permitiu efetuar um tiro, em média, a cada dez segundos. As forças Takeda, formadas por espadachins e lanceiros, viram-se ultrapassadas pela nova arte da guerra.¹⁸⁹ (fig. 184)

A força dos exércitos de Nobunaga é geralmente atribuída às suas companhias de mosqueteiros, *teppōtai*,¹⁹⁰ composto principalmente por soldados de infantaria, chamados de *ashigaru*, termo que significa literalmente “pessoa que avança a pé”.



Figura 183. *Teppōtai*, soldado com mosquete.
Fonte: MACDONALD, Fiona. *A samurai castle*. Ney York: Peter Bedrick Books, 1995: p.37

¹⁸⁷ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.41

¹⁸⁸ Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.132

¹⁸⁹ Chase, *Firearms: a global history to 1700. op. cit.* p.181

¹⁹⁰ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.53

Durante o século XVI, os *ashigarus* eram treinados e organizados como usuários de lanças, arcos e mosquete, mas foi Nobunaga que colocou uma particular importância no corpo de mosquete, utilizando-os com eficácia.

É notório, também, que a derrota da elite guerreira, - arqueiro a cavalo -, por estratos mais baixos da classe profissional, - a infantaria -, sinalizou uma revolução no estilo de combate aceito até então.

Outra característica marcante do exército de Nobunaga foi a sua mobilidade. Nobunaga, como outros grandes senhores da guerra pelo mundo, era enfático ao afirmar que vitória não era uma questão de acidente ou sorte, mas de planejamento.

Na tentativa de facilitar a circulação de grandes forças, ele ampliou e reparou as principais estradas, como a que vai de seu castelo em Gifu ao seu castelo em Azuchi passando pela capital Quioto.¹⁹¹

Mas, Oda Nobunaga não desenvolveu sua técnica do nada. Os portugueses já vinham utilizando as armas de fogo há algum tempo no Japão. Em 1566, o capitão do Macao Negro, auxiliou o *daimyō* Omura Sumitada contra rebeldes desfavoráveis ao cristianismo.

Um pouco mais tarde, houve uma inteiração com Ōtomo Yoshishige, *daimyō* de Bungo, em 1573, com barcos originados de Macao armados de canhões portugueses. Outra interferência portuguesa foi na batalha de Okita, em 1584, em Kyūshū, na vitória de Ryuzoji.¹⁹²

¹⁹¹ Ibid., p.54

¹⁹² PINHEIRO, Francisco Vizeu; Naonori Matsuda; HUNG, Chang Ping. Macao and the Western Influences in East Asia Military Architecture In: XIANGYU, Li (李向玉), CHANGSEN, Li (李長森), 明清時期的中國與西班牙"國際學術研討會. Macao: Macao Polytechnic Institute, 2009: p.55-56



Figura 184. Quadro sobre a batalha de Nagashino.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.19

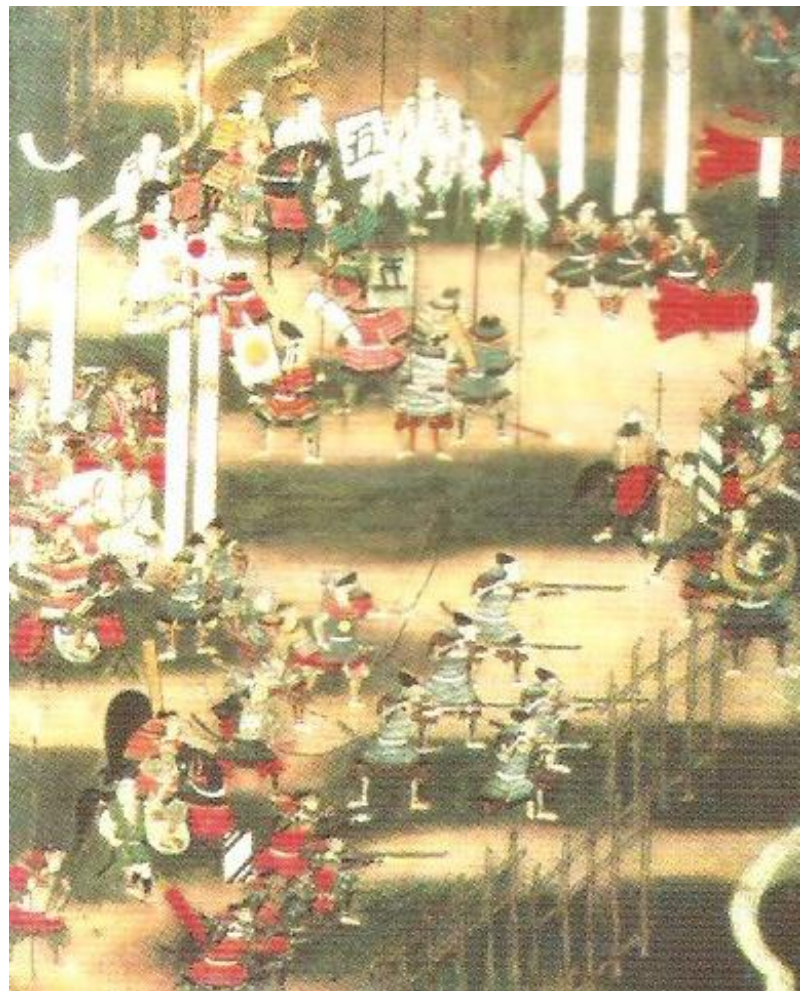


Figura 185. Detalhe central do quadro sobre a batalha de Nagashino mostrando os *teppōtais*.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.19



Figura 186. Armas dispostas no corredor do castelo, prontas para o uso.
Fonte: BALL, Jacqueline A.
Himeji castle: Japan's samurai past. Ney York: Bearport, 2005
16



Figura 187. Armas dispostas no corredor do castelo, prontas para o uso.

Fonte: Ball, *Himeji castle*. op. cit. p.17

3.2. Castelo de Azuchi

安土城

Já em 1575, Nobunaga tinha se tornado o líder militar mais poderoso do país. Ele entregou o controle das províncias de Owari e Mino, áreas sob controle do *yamajiro* de Gifu, ao seu filho mais velho Nobutada, dedicando-se integralmente à unificação do Japão. No ano seguinte, estabeleceu seu novo castelo e base de poder em Azuchi.

Embora Nobunaga tenha libertado os comerciantes das pesadas taxas, também tentou concentrar as atividades comerciais nos emergentes *hirajiros*, concentrou assim, nas novas regiões urbanas a máquina estatal da unificação.

Colocou o castelo de Azuchi como ferrolho da rodovia Nakasendo, via tronco da região central do Japão, uma vez que: “(...) ele [Nobunaga] procurou para fazer das cidades os nós de fornecimento de equipamentos militares, armas,

munições e dos bens de consumo necessários para a vida diária de seus moradores.”¹⁹³

Essa tendência de expansão político-econômica deu origem à construção e ampliação de cidades e vilas. Delas, a construção do castelo em Azuchi é um exemplo dramático. Nobunaga construiu casas para seus servidores e os fez viver na cidade-castelo. Na ocasião, chegou ao extremo, ordenando a queima das habitações rurais das pessoas que não obedeciam às suas ordens de se deslocar para Azuchi.¹⁹⁴

No entendimento de Collcutt, o castelo de Azuchi marca o início de um novo sistema de defesa, pois estudos indicam que é o primeiro caso de um castelo que desceu da crista do morro, mesmo que acanhadamente, para o vale em busca de controlar o comércio e a vida urbana, tornando-se o lar de militares, comerciantes e artesãos nas *jōkamachis*.¹⁹⁵

A primeira construção na região foi no monte Kannonji pela família Sasaki, entretanto, Nobunaga rejeitou o terreno em favor de um mais acessível, no sítio de Azuchi. Ao contrário dos antigos *yamajiros*, não foram usadas grandes cercas, mas pequenas pedras acompanhando a topografia.

Para Motoo, Azuchi-jō representa a maior criação do novo estilo de castelo, pois aliam técnicas utilizadas no estilo *yamajiro*, com a introdução da nova forma de base em muros de pequenas pedras.¹⁹⁶

O *hirayamajiro* de Azuchi começou a ser construído em 1576. Três anos depois o *tenshu* foi concluído com cinco

¹⁹³ ASAO Naohiro, In: Hall, The Cambridge History of Japan. *op. cit.* p.58

¹⁹⁴ *Ibid.*, p.58

¹⁹⁵ *Yamajiro* é o castelo sobre os morros, *hirajiro* são os castelos na planície, o “acanhado” deve-se ao fato que o castelo de Azuchi ocupa parte do morro e parte do vale, assim, ele e outros poucos castelos, recebem o termo de *hirayamajiro*.

¹⁹⁶ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.85

andares na parte externa e sete na interna. Entretanto, o término do castelo, como um todo e sua inauguração, só ocorreu em 1582.¹⁹⁷ A decoração ficou a cargo do artista Kanō Eitoku (1543-90), renomado pintor de Quioto.

Os edifícios da era pré-moderna eram construídos essencialmente de materiais que seguiam a tradição japonesa, como madeira, bambu e palha.

Suas técnicas exigiam períodos mais curtos entre uma reforma e outra, comparado ao uso de tijolos ou pedras. No entanto, os materiais tradicionais eram vantajosos em um país constantemente assolado por terremotos.

Depois de visitar Azuchi-jō, em 1584, o europeu Lourenço Mexia afirmou que as casas japonesas eram tão puras e limpas como sacristias, e que no palácio de Nobunaga, os jardins e os corredores eram tais, que não se poderiam cuspir neles.

Nesse período as cidades-castelo ainda eram relativamente pequenas, mesmo na década de 1580, não havia pouco mais de alguns milhares de habitantes, isso porque, centenas de assentamentos se espalhavam pelo interior do Japão como futuros canteiros para a rápida urbanização do século XVII.¹⁹⁸

A reconstrução da torre do castelo de Azuchi, só foi possível recentemente, dada a publicação de um artigo do professor Naitō Akira, sobre o *tenshu* do castelo, pelo instituto tecnológico de Nagoya.

Com a participação de um conjunto de professores foi possível montar o edifício em computação gráfica, até que

¹⁹⁷ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.119-120

¹⁹⁸ NAKAI Nobuhiko. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.521

em 1970 as publicações ganharam corpo, construindo um edifício, que gerou certas controvérsias quanto à veracidade do molde.¹⁹⁹ (fig.193)

¹⁹⁹ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.25

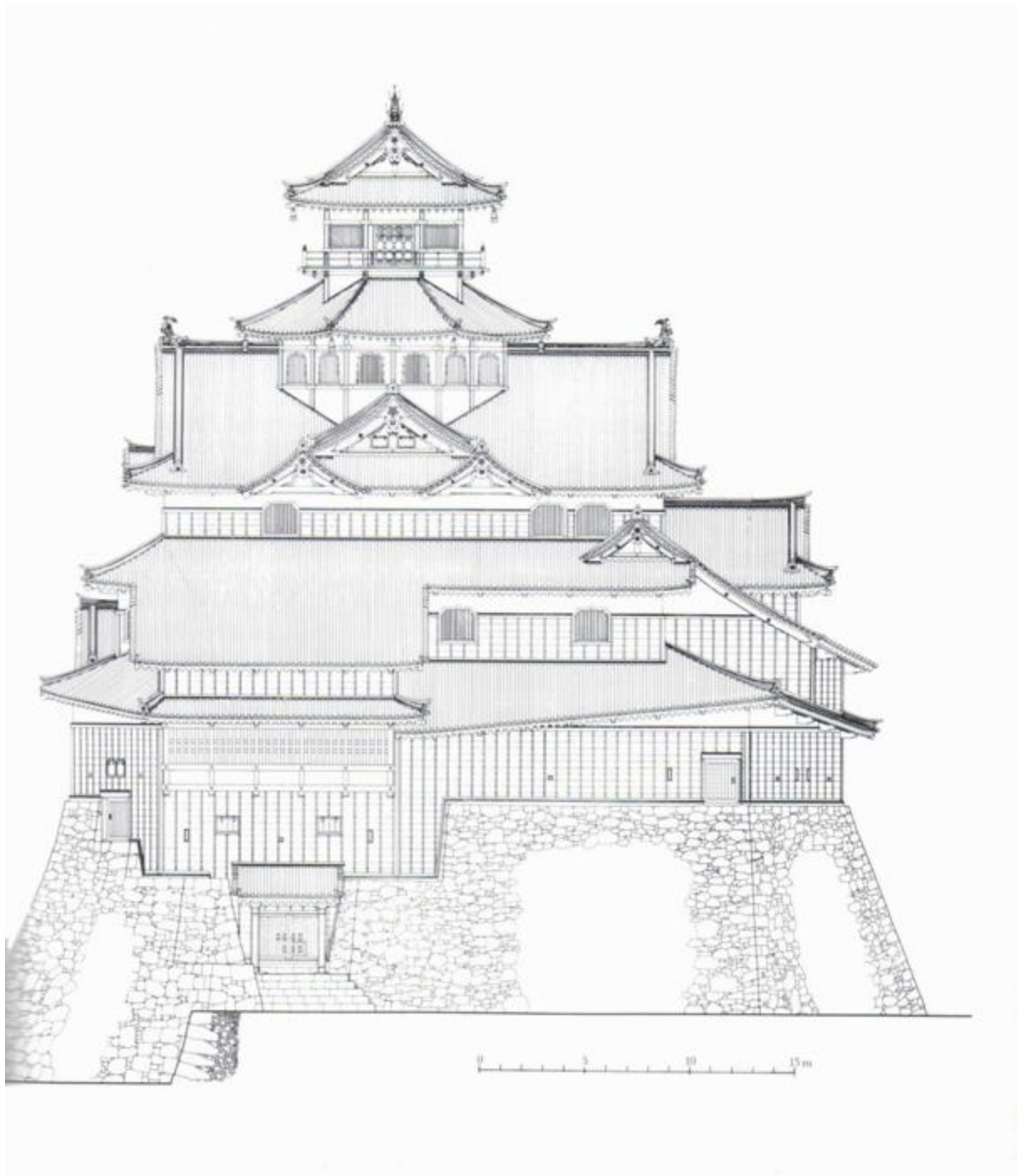


Figura 188. Reconstrução do castelo de Azuchi.
Fonte: Motoo, *Japanese castle*.
op. cit. p.17

Figura 189. Muro de pedra na escada de acesso do castelo de Azuchi.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 190. Vista do topo do castelo de Azuchi.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009





Figura 191. Topo do relevo onde ficava o edifício principal.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 192. Reconstituição do castelo após acréscimos de Hideyoshi.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 193. Reconstrução do edifício octogonal que ficaria no topo do castelo.
(planta nas figuras 143-144)
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

4. Toyotomi Hideyoshi, o invasor da Coreia

豊臣秀吉 (1536-1598)



Figura 194. Toyotomi Hideyoshi
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.:172

Toyotomi Hideyoshi era filho de um camponês de Aichi, distrito de Owari,²⁰⁰ que servia a Oda Nobuhide. Ele escalou posições aos poucos prestando serviços à Oda Nobunaga, tudo graças à sua precoce capacidade como estrategista.²⁰¹

No momento de sua morte, Nobunaga controlava grande parte da área central do Japão, incluindo Quioto, Ōsaka e Sakai, mas foi Hideyoshi quem prolongou suas conquistas até o Oeste, garantindo, em 1587, o controle da ilha de Kyūshū.²⁰²

Hideyoshi saiu de casa quando tinha ainda dezesseis anos e percorreu Owari, Mikawa e as províncias de Totomi procurando um mestre para servir.²⁰³ Prestou serviços a um

²⁰⁰ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.45

²⁰¹ Seja na Guerra, seja na política, Hideyoshi se destacava. Após a morte de Nobunaga para angariar mais um forte aliado Hideyoshi casou-se, em 1586, com a irmã de Tokugawa Ieyasu, enviando a sua mãe para ele como refém. Também convocou Tokugawa ao Castelo de Ōsaka para oferecer uma promessa de fidelidade.

²⁰² Collcutt, Jansen e Kumakura. *Japão. op. cit.* p.106

²⁰³ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.45

samurai rural de Totomi, mas logo a abandonou para seguir Oda Nobunaga.

Iniciou como portador de sandália de Nobunaga, subindo gradualmente na hierarquia com a sua inteligência e habilidades. Finalmente, emergiu como um dos influentes generais de Nobunaga, uma história de sucesso e superação que banha o imaginário heróico do Japão moderno sobre os samurais.

Quando Nobunaga construiu seu castelo de Gifu, Hideyoshi tinha alcançado grau suficiente para receber um pequeno castelo, mas estrategicamente importante.²⁰⁴

Hideyoshi reuniu um enorme exército de 150.000 soldados com os quais avançou para o Kantō, cercou o quartel-general Hōjō no castelo de Odawara em Sagami e o destruiu.

Em seguida, Hideyoshi levou seu exército até Aizu em Mutsu, subjugando os *daimyōs*, não somente do Kantō, mas também das províncias do norte de Mutsu e Dewa, a última área do Japão a ser conquistada. Com isso a “pacificação” do país foi concluída.²⁰⁵

Ao contrário de Nobunaga, ao longo de vida militar, Hideyoshi não assumiu a liderança em campo, na frente, mas herdou seu legado no que diz respeito à condução de uma guerra.

As características originais da guerra travada por Hideyoshi já podiam ser vistas quando ele serviu como general de Nobunaga na luta contra Mōri nos cercos aos

²⁰⁴ ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.46

²⁰⁵ *Ibid.*, p.49

castelos de Tottori Inaba em 1581 e Takamatsu no ano seguinte.²⁰⁶

Hideyoshi foi o primeiro a trazer “todos” os *daimyōs* sob comando único, se tornou em suas próprias palavras, *tenka bito*, “primeiro lugar no reino”.²⁰⁷



Figura 195. Toyotomi Hideyoshi.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.173

²⁰⁶ Em Tottori ele escavou valas ao redor do castelo, o rodeando com torres de vigia, e levou os defensores à beira da morte por falta de recursos. Já em Takamatsu, Hideyoshi construiu diques de terra com sete metros de altura, vinte de largura na base, dez de largura na parte superior com três quilômetros de comprimento e em torno do castelo, em seguida, aproveitou rios que transbordavam pelas chuvas da estação, desviando os para inundar o castelo sitiado. (ASAO Naohiro. In: Hall, *The Cambridge History of Japan*. *op. cit.* p.55)

²⁰⁷ Hall, *The Cambridge History of Japan*. *op. cit.* p.10



Figura 196. Hideyoshi tocando o canto de vitória em Shizugatake em 1583.
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.177

4.1. Castelo de Ōsaka

大阪城

A primeira ocupação comprovada na região foi à residência do sacerdote budista Rennyō (1415-99)²⁰⁸ durante os últimos anos de sua vida. Após sua morte, a região ficou sobre o controle do grupo Honganji, senhores nas décadas de 60 e 70 do século XVI, até que enfrentaram inimigos maiores e mais fortes, Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi.²⁰⁹

No final do século XVI, Oda Nobunaga empreendia sua campanha de unificação do Japão, mas para tal, faziam-se necessárias as conquistas dos vários distritos e seus castelos, dentre esses, poucos deram mais trabalho que as guarnições de Ōsaka. Foram vários ataques sem sucesso, somente dois

²⁰⁸ Rennyō Shonin (1415-1499) é considerado o “segundo fundador” do Budismo Shin. Sob sua liderança, o ramo Honganji cresceu em tamanho e poder, tornando-se uma organização nacional com grande riqueza e influência. Embora, ele é inegavelmente uma das pessoas mais influentes na história da religião japonesa, o seu legado permanece enigmático e em grande parte ignorado pelo Ocidente. (sinopse do livro BLUM, Mark L.; YASUTOMI, Shin'ya. *Rennyō and the Roots of Modern Japanese Buddhism*. Oxford: Oxford University press, 2006 acessado em <<http://www.oup.com/us/catalog/general/subject/HistoryWorld/Asian>>)

²⁰⁹ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.153

anos depois, seu sucessor, Toyotomi Hideyoshi, conseguiu dominar o que restava da fortaleza.²¹⁰

Toyotomi Hideyoshi construiu o Ōsaka-jō em 1583. Sendo ele um grande perito em batalha, valeu-se de sua experiência e desenhou o castelo mais inexpugnável do Japão de até então. O castelo foi posicionado em um relevo estratégico, guarnecido a leste pelo rio Hirano, e a oeste pelos confluente rios Yodo e Tōjima.²¹¹

Um grande fosso cercava todo o perímetro com apenas duas pequenas pontes para acesso, que poderiam ser facilmente defendidas ou mesmo destruídas. O *tenshu* foi construído três pisos acima do nível da água do fosso. Qualquer invasor teria de escalar três altas paredes de pedra e subir mais de três conjuntos de torres só para chegar ao pátio interno.

Infelizmente, para os arquitetos, nenhum castelo é totalmente invencível, em 1615 Ōsaka-jō caiu perante as forças de Tokugawa Ieyasu.²¹² O samurai Hideyori, herdeiro de Hideyoshi e senhor do castelo, cometeu suicídio antes de ser capturado.²¹³ Já no controle do Japão, Tokugawa colocou o castelo de Ōsaka nas mãos do *daimyō* Matsudaira Tadaaki.

Uma grande restauração foi executada por Matsudaira ao longo de 10 anos no início do século XVIII, novas pedras

²¹⁰ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.60

²¹¹ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.153

²¹² HASKEW, Michael E.; et al. *Técnicas Bélicas del mundo oriental: 1200-1860, Equipamiento, Técnicas y tácticas de Combate.* Madrid: LIBSA, 2009 : p.198

²¹³ As cerimônias *seppukus*, vulgarmente chamadas de *harakiri*, que significa literalmente “cortar o ventre”, eram diferentes segundo o gênero. As mulheres cortavam a jugular. Já o suicida masculino, vestia-se de branco, escrevia um poema de adeus, em seguida cortava os músculos brancos do abdome da esquerda para a direita, subindo em direção o fígado com um punhal chamado *kusungobu* de aproximadamente 25 centímetros. Em seguida, inclinava a cabeça sobre uma madeira e permitia que seu assistente, *kaishakunin*, lhe decapitasse. Segundo a lenda o primeiro a cometer *seppuku* foi Minamoto no Tametomo em 1156, evitando assim, ser capturado com vida. (Frédéric, *O Japão. op. cit.* p. 1029)

foram incorporadas e trazidas de castelos originais de Hideyoshi.

A nova estrutura deu seguimento ao antigo *layout* de Hideyoshi,²¹⁴ mas a mando de Ieyasu, renovou-se completamente o castelo, construindo um novo *tenshu*, fazendo-o ainda maior e mais grandioso do que original de Hideyoshi.²¹⁵ Contudo, em 1665, a nova torre foi atingida por um raio e queimada.

As proporções do castelo da era Tokugawa são monumentais, o fosso que circunda o *ni no maru* tem até 70 metros de comprimento, sua estrutura de pedra possui 25 metros na base e uma extensão de 2.5 km em torno do castelo.²¹⁶

A cidade era quase exclusivamente comercial, e especializada na venda de arroz para a região central do Japão. Por esse motivo, havia em Ōsaka, menos samurais que em Quioto, e esses poucos, estavam concentrados a leste, mais próximos ao castelo.

A população era basicamente de comerciantes, oriundos de Quioto e outras cidades próximas, como Sakai, Nara e Fushimi, atraídos pelas facilidades locais e oportunidades de emprego.²¹⁷

Assim, não demorou muito para superar a população da capital Quioto.²¹⁸

²¹⁴ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.153

²¹⁵ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.60

²¹⁶ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.153

²¹⁷ SHIVELY, D. H. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.714

²¹⁸ FURUSHIMA Toshio. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.558



Figura 197. Vista de satélite do castelo de Ōsaka.
Fonte: Google maps



Figura 198. Castelo de Ōsaka.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Figura 199. Ponte de acesso, ao fundo o *tenshu* do castelo de Ōsaka.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 200. Vista da entrada *Ote-mon* e parede externa do *Masugata-mon* do castelo de Ōsaka.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009





Figura 201. Vista aérea do castelo de Ōsaka.
Fonte: <www.mutenkaeco.co.jp>



Figura 202. *Sumi-yagura*, torre de canto, do castelo de Ōsaka.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 203. Fosso do castelo, base de pedra e ao fundo o *tenshu* de Ōsaka-jō. Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

5. Tokugawa Ieyasu, o primeiro Tokugawa

徳川家康 (1542-1616)

Tokugawa Ieyasu nasceu na província de Mikawa, filho de Matsudaira Hirotada, *daimyō* de Mikawa. Ao nascer, lhe foi dado o nome de Matsudaira Takechiyo. Naquele período, o clã Matsudaira foi dividido em duas linhagens, um dos quais favoreceram os Imagawas, vez que o outro lado, representava os Oda. Em sua juventude, Ieyasu testemunhou amargas lutas oriundas dessa contenda familiar.²¹⁹

Em meados do século XVI, a fragilidade do poder central, e a possibilidade de uma soberania nacional por meio da espada, motivou cada vez mais *daimyōs* a tentar o golpe. Imagawa Yoshimoto foi um dos primeiros a fazer à tentativa.

²¹⁹ Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.15

Em 1560, Imagawa liderou um exército de cerca de 25.000 homens de Mikawa em direção à capital Quioto, para ganhar a legitimidade do imperador, seu exército, no entanto, foi derrotado, e ele morto, por uma força muito inferior, sob o comando de Oda Nobunaga. Com a morte de Imagawa Yoshimoto, Matsudaira Takechiyo estava livre de seu vínculo com a casa Imagawa. Como prova disso, adotou o nome de Ieyasu.²²⁰

Em 1566, Ieyasu pediu ao tribunal que seu sobrenome fosse alterado para Tokugawa, deixando o de Matsudaira disponível para uso como um presente “honorário” aos que ele desejasse recompensar.

Juntamente com o reconhecimento oficial de sua mudança de sobrenome, Ieyasu foi nomeado para governar Mikawa e um posto no tribunal. Por esses meios, Ieyasu começou a adquirir o reconhecimento como um membro da aristocracia militar.²²¹



Figura 204. Tokugawa Ieyasu
Fonte: Sharpe, *Samurai leaders*.
op. cit. p.166

Após a morte de Hideyoshi, o poder ficou dividido entre dois grupos, os fieis à casa de Hideyoshi, e os aliados de Tokugawa, sua supremacia ficou marcada após sua vitória sobre os aliados de Hideyoshi na batalha de Sekigahara em 1600.²²²

Tokugawa Ieyasu foi o fundador, e o grande xogum, segundo a história, do xogunato Tokugawa, que governou de 1600 até a Restauração Meiji em 1868, também chamado de período Edo (1600-1868).

²²⁰ Hall, *The Cambridge History of Japan*. *op. cit.* p.134

²²¹ *Ibid.*, p.134-135

²²² BRYANT, Anthony J. *Sekigahara 1600: The final struggle for Power*. Oxford: Osprey, 1995: p.8

Foi Tokugawa Ieyasu quem completou o processo de unificação iniciado por Oda Nobunaga e seu rival Toyotomi Hideyoshi. Por isso, em inúmeras vezes, foi anunciado como o melhor líder militar de todos.

Segundo Hall, é consenso entre os historiadores que a organização do governo durante o período Edo foi consequência da evolução de dois sistemas políticos complementares: o sistema do xogunato, com o controle nacional, e o sistema de controle local pelo *daimyō*. Ambos os governos eram necessários e mutuamente dependentes.²²³

Em suma, o poder hegemônico finalmente adquirido pelo xogum pacificou significativamente a atuação dos *daimyōs*, que formavam o grupo de vassalo do próprio xogum.

Esse por sua vez, os xoguns, aceitavam e legitimavam o controle dos *daimyōs* nos domínios provinciais. E ambos cooperavam limitando, sempre que necessário, o poder dos imperadores e dos santuários.

²²³ Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.7

5.1. Castelo de Edo

江戸城

A relação entre os dois grandes líderes militares, Hideyoshi e Ieyasu, foi muito complicada, mas constantemente banhada de acordos. Isso se comprova com o acordo assinado em 1586, quando uma das irmãs de Hideyoshi foi dada em casamento a Ieyasu.

Em troca Ieyasu ofereceu sua mãe para ser refém de Hideyoshi no castelo de Ōsaka. Mas o momento crucial para Hideyoshi e Ieyasu foi em 1589, após as batalhas pelo controle do norte de Kyūshū.

Na região havia uma família, os Hōjōs, que não se submeteram ao controle de Hideyoshi, esse por sua vez, tentou conquistar os Hōjōs usando Ieyasu como intermediário.

Ieyasu que tinha dado anteriormente sua filha em casamento para Hōjō Ujinao ficou relutante, e acabou não

participando do primeiro ataque de Hideyoshi ao castelo de Odawara, sede do grande domínio Hōjō, que incluía o Kantō e algumas províncias menores.²²⁴

Vendo que perdia espaço para Hideyoshi, Tokugawa Ieyasu tomou a iniciativa, levou um exército de cerca de trinta mil homens divididos em seis divisões para Hōjō, a defesa resistiu por cerca de três meses, mas ao fim era inevitável a queda do castelo de Odawara, entregue no verão de 1590 à Ieyasu.²²⁵

Após a entrega de Hōjō, Hideyoshi não se sentiu confortável com Ieyasu tão próximo, ordenando, assim que possível, sua saída da região Tōkai, que ocupava algum tempo, movendo-o para o mais distante possível do centro político.²²⁶ Para seus seguidores a mudança veio como o equivalente ao exílio.²²⁷

A rapidez com que Ieyasu realizou a transferência para o Kantō foi surpreendente. Literalmente milhares de famílias tiveram que pegar as suas coisas, equipamentos e encontrar novas casas em território desconhecido.

Ieyasu recebeu o comando formal de Hideyoshi no décimo terceiro dia do sétimo mês. Antes, porém, ele recebeu algum tipo de aviso que remonta ao quarto mês, por isso, preparou alguns planos antecipadamente.

Tokugawa Ieyasu entrou no pequeno castelo de Edo, sua nova sede, pela primeira vez no oitavo mês do mesmo ano, essa foi a conclusão oficial do seu movimento, embora tenha demorado quase um ano a mais para resolver todos os

²²⁴ Izu, Sagami, Musashi, Shimosa, Kazusa e Awa. (Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.56)

²²⁵ Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.136

²²⁶ Basta observar na Figura 1 a distância entre o eixo Quioto-Ōsaka para a cidade de Edo.

²²⁷ *Ibid.*, p.137

problemas da mudança.²²⁸ Já os castelos deixados por ele na região de Tōkai foram ocupados por vassallos de confiança de Hideyoshi.²²⁹

Segundo Hall, esse foi um ponto crucial para Ieyasu e fundamental para a formação do domínio Tokugawa. Pode-se dizer que era quase uma condição prévia para uma transição bem sucedida para a era *bakuhan*. Houve, portanto, uma vantagem oculta para Ieyasu na transferência forçada para o Kantō, pois o obrigou a reorganizar a partir do zero as relações entre seus vassallos e o campesinato.²³⁰

A transferência de províncias foi uma experiência que quase todos os *daimyōs* sofreram pelo menos uma vez. Mas paradoxalmente, a posse do Kantō fez de Ieyasu o senhor do maior domínio do país, bem mais que o dobro do tamanho de seus antigos domínios em Tōkai.

Não há registros exatos da base produtiva do domínio de Tōkai durante o controle de Ieyasu, mas é possível ter uma idéia geral por extrapolação a partir das explorações dos *daimyōs* colocados no território desocupado por Ieyasu em 1590, que somam pouco mais de um milhão de kokus.²³¹

Já no auge de Edo, novo domínio dos Tokugawas, juntando com os impostos, a renda do castelo e da região do Kantō girava em torno de oito milhões de kokus, bem mais que de suas antigas terras poderiam oferecer.²³²

²²⁸ O primeiro castelo em Edo foi construído por Ōta Dōkan, um samurai quase lendário que se fixou na região do Kantō em meados do século XV. (Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.135)

²²⁹ Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.138

²³⁰ *Ibid.* p.139

²³¹ Koku era a medida de um saco de arroz utilizada como forma de controle salarial, como o sal foi na Europa. Os impostos eram calculados com base no Koku e o próprio salário dos samurais era em kokus.

²³² Para se ter um idéia, em segundo lugar vinha Kanazawa com 1 milhão e 25 mil kokus, e em terceiro Kagoshima com 729 mil, sozinho o castelo de Edo controlava uma parte significativa da economia do Japão no auge do período Edo. (Sharpe, *Samurai leaders. op. cit.* p.96)

Como plano diretor para seu novo domínio, Ieyasu elegeu Edo sua nova capital, e seus servidores foram distribuídos em torno de Edo de acordo com certas diretrizes: As terras e celeiros eram fiscalizados diretamente pelo chefe da casa Tokugawa.

Os senhores de terras menores foram colocados mais próximos ao centro e o com grandes domínios mais longe. Esses eram, em sua maioria, definidos como titulares dos castelos e se mantinham com olhos dos Tokugawas em localizações estratégicas.²³³

Uma importante reconstrução do castelo de Edo ocorreu em 1639 depois de destruído pelo fogo.²³⁴ Entretanto, uma nova destruição, também por fogo, acabou com o castelo em 1657.²³⁵

²³³ Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.140

²³⁴ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.57

²³⁵ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.19



Figura 205. Vista de satélite do castelo de Edo.
Fonte: Google maps

Figura 206. *Sumi-yagura*, torre de canto, e *tamon-yagura*, torre contínua, do castelo de Edo.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 207. Ponte entrada do castelo de Edo.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 208. Ponte de acesso do castelo de Edo.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 209. Fosso e *ishigaki*, base de pedra, do castelo de Edo.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 210. Portão *Kikyo*, do tipo *yaguramon*, do castelo de Edo.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



5.2. Castelo de Himeji

姫路城

O castelo de Himeji localiza-se na região de Harima, aproximadamente a 100 km de Kōbe. A primeira fortificação data de 1346, por Akamatsu Sadanori, na disputa pela sucessão do trono no século XIV.

Uma construção não tão importante foi a pequena torre erguida por Hideyoshi entre 1577-81. Um pequeno *tenshu* de três pavimentos, construído a mando de seu líder Oda Nobunaga, que desejava o controle do oeste.²³⁶

Após a morte de Nobunaga, em 1582, Hideyoshi elegeu o Himeji-jō como um ponto de controle da região, deixando-o a cargo de Hashiba Hidenaga, e subsequentemente da família Kinoshita.

²³⁶ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.121

Com a ascensão de Ieyasu, o pequeno *tenshu* foi incorporado num castelo pouco maior por Ikeda Terumasa, um samurai menor, que participou da batalha de Sekigahara aliado a Tokugawa Ieyasu e recebeu em troca da participação militar a região de Harima.²³⁷

Em 1617, Mitsumasa, sucessor e filho de Ikeda Terumasa, foi transferido para Tottori, próximo ao mar do Japão, ficando a família Honda no controle de Himeji.²³⁸

Himeji-jō está assentado sobre dois morros, em japonês “*yama*”. A do leste chama-se Hime, com 15 metros de altura. O castelo ocupa uma larga região no vale até englobar o morro mais a oeste chamado Sagi.

²³⁷ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.121

²³⁸ A sucessão de controles sobre o castelo é longa. Em 1648 sai a família Honda entra a família Matsudaira, no ano seguinte o castelo é controlado pela Sakakibara. Em 1667 volta ao poder Matsudaira, no ano seguinte uma rápida reconquista dos Honda. Em 1704 Sakakibara novamente, em 1741 a terceira posse dos Matsudaira, até que em 1869 ocorre a abolição do sistema de governo na reforma Meiji, quando assume a família Sakai vinda de Maebashi em Kōzuke. (Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.122)



Figura 211. Vista de satélite do castelo de Himeji.
Fonte: Google maps



Figura 212. Castelo de Himeji.
Fonte: *Google maps*



Figura 213. Vista do *donjon* do castelo de Himeji.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 214. Vista a partir do topo do castelo de Himeji.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 215. Nishi-no-maru pelo lado de fora.
Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009



Figura 216. Muro de defesa entre os portões *Ro-no-mon* e *Ha-no-mon* pelo lado de dentro.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 217. Castelo de Himeji.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

5.3. Palácio de Nijō

二条城

No início do século XVII, havia três grandes cidades no Japão: Edo, Ōsaka e Quioto. Delas, Quioto foi a mais antiga e considerada como a de nível cultural mais alto.

A literatura e as artes que floresceram em Quioto brilharam intensamente durante a Idade de Ouro clássica do décimo primeiro ao início do século seguinte, quando mímicos, desfiles e procissões eram realizadas regularmente nas residências palacianas em torno da cidade.

Os artistas desenrolavam suas histórias sobre pergaminhos, *emakimono*. Segundo Furushima, senhoras da corte, como Murasaki Shikibu e Sei Shonagon, escreveram romances e diários literários de elegância e estilo sem paralelo.²³⁹

²³⁹ FURUSHIMA Toshio. In: Hall, *The Cambridge History of Japan*. *op. cit.* p.555

Das três grandes metrópoles, em japonês *santo*, cada uma ficou conhecida como sede de algum poder. Edo foi a capital do xogunato Tokugawa, Ōsaka foi sede de Hideyoshi, e Quioto, a capital imperial de oitocentos anos, casa da nobreza e da corte, repositório das artes clássicas e a fonte da maior parte dos artigos de alta qualidade.

Quioto também foi o centro religioso da nação, comportava a sede da maioria das seitas budistas. Por estar no ponto central das principais vias do Japão, Quioto também era reconhecida como forte ponto de comércio até o final do século XVII, quando foi substituída por Edo.²⁴⁰

Quioto perdeu muito de seu esplendor, em 1573, quando Oda Nobunaga forçou o xogum Ashikaga, senhor do castelo, a fugir. Em seguida, queimou e pilhou o *kamigyō*, arrastando com a aristocracia da cidade.

Hideyoshi transformou a cidade em um ponto militar, construiu uma muralha de terra e obrigou os estabelecimentos religiosos à se reunirem nas áreas reservadas de Teramachi e Teranouchi.²⁴¹ Tokugawa Ieyasu, em seguida, coroou esse processo, colocando o castelo Nijō e uma guarnição militar no meio de Quioto.²⁴²

O processo de militarização descaracterizou muito a cidade, que contava com uma rica história durante o período pré-moderno. Traduz-se de um registro compilado em 1685, que Quioto foi o lar de 51 médicos, categorizados como cirurgiões, pediatras, obstetras, oftalmologistas e dentistas.

Além disso, dois outros registros listam 41 “homens de letras” (*bungakusha*), incluindo os poetas e os especialistas

²⁴⁰ SHIVELY, Donald H. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.714

²⁴¹ FURUSHIMA Toshio. In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p.556

²⁴² *Ibid.*, p.555

de chinês clássico, 16 “especialistas” (*kanteiniri*) em pintura e caligrafia, e 125 “mestres” (*shisho*) da cerimônia do chá, arranjo de flor, conhecedores do teatro *Nō*, e os jogos de tabuleiro.

A cidade cresceu nas mãos de Ieyasu, sobre o antigo castelo de Jurakudai, construído por Hideyoshi em 1586, ele mandou construir o Nijō-jō no início de 1601, no quadrante nordeste da cidade, próximo ao Palácio Imperial.²⁴³

O complexo foi terminado em 1603, em pequena escala e simplicidade. Pois só em 1626, por motivo da visita do imperador Go Mizunoo à Quioto, o castelo foi praticamente reconstruído em dois anos. O *hon maru*, particularmente, foi todo reconstruído. Mas uma das belas obras do castelo está em seu *ni no maru*, o complexo palaciano, o *goten*.²⁴⁴ (fig. 224)

O palácio sobreviveu ao tempo e às catástrofes em ótima preservação. Ele era dividido em estruturas separadas: a Kuruma Yose, Tōzamurai, Shikidai, que seria a suíte principal das consortes, além de corredores conectando aos edifícios muito bem decorados.

O principal ambiente é a sala de audiência, Ōhiroma, medindo 30 por 27 metros, todo decorado no espetacular estilo *shoin*.²⁴⁵

Partes da base foram reconstruídas no primeiro quarto do século XVII, completando então, o desenho final do edifício que conhecemos hoje.

²⁴³ Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.20-21

²⁴⁴ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.150

²⁴⁵ *Ibid.*, p.150

Infelizmente, o *tenshu* foi destruído em 1750 e o *hon maru* arruinado em 1788 pelo fogo, só o *hon maru* foi reconstruído em 1847, mas de forma mais econômica.²⁴⁶

Tecnicamente, o castelo de Nijō é classificado como *hirajiro*, entretanto é difícil encaixá-lo como igual aos outros castelos de sua classificação, isso porque, foi a residência metropolitana dos xoguns Tokugawa no centro de Quioto, um castelo mais próximo da demonstração e ostentação que de real defesa.²⁴⁷

Pois, da mesma forma que a militarização influenciou reduzindo a cultura artística de Quioto, o ar cultural da cidade suavizou o caráter belicoso do castelo com arte e beleza. Por isso, é muitas das vezes chamado de “palácio de Nijō” e não de “castelo de Nijō”.

²⁴⁶ Como dito anteriormente, durante o período Edo era proibida a construção ou reconstrução de um castelo sem a autorização do xogun Tokugawa vigente. Em meio à grande quantidade de castelos apenas alguns receberam a autorização para serem reconstruídos, como os de: Matsuyama-jō entre 1681-88, Kōchi-jō em 1747, Hirosaki-jō em 1810 e Wakayama-jō em 1847, dentre poucos outros. (Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.48) (Fujioka, *Japanese castles. op. cit.* p.68)

²⁴⁷ Apesar de Mumford escrever sobre os castelos ocidentais, não seria de todo errado entender da mesma forma o exemplo japonês, quando ele diz: “O que os antigos castelos e fortificações mostram não é a guerra e o conflito entre comunidades em oposição, mas o domínio unilateral de um grupo relativamente grande por uma pequena minoria”. (MUMFORD, Lewis. *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectiva*, 4ª Ed. São Paulo: Martins Fonte, 1998:32)



Figura 219. Vista de satélite do castelo de Nijō.
Fonte: Google *maps*

Figura 220. Ponte do Castelo de Nijō
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 221. *Sumi-yagura*, torre de canto, do castelo de Nijō.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 222. Parte do castelo de Nijō.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 223. Fosso e base do castelo de Nijō.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009





Figura 224. Palácio de Nijō.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 225. Portão de entrada no estilo *Kara mon* do castelo de Nijō em Quioto.

Fonte: <www.jcastle.info> acessado em 29/10/2009

5.4. Castelo de Nagoya

名古屋城

Com a intenção de invadir a Coreia, Hideyoshi ordenou mobilizações maciças em todo o país. Os seus números são impressionantes: ele reuniu um exército de 200.000 soldados em Nagoya, uma cidade que até então não passava de uma simples aldeia de pescadores, que com o tempo se transformou numa grande cidade-castelo.²⁴⁸

No final do século XIV, uma família de samurais controlava a atual região do castelo de Nagoya. Foram eles que construíram a primeira torre de defesa. Esse castelo serviu de ponto de resistência para samurais como Imagawa, Oda Nobunaga e outros, até passar para as mãos de Tokugawa Ieyasu após a batalha de Sekigahara.

²⁴⁸ASAO Naohiro In: Hall, *The Cambridge History of Japan. op. cit.* p 52

Tadayoshi, o quarto filho de Ieyasu, foi instalado no castelo para controlar a região, sob interesses da família Tokugawa, mas morreu pouco tempo depois, passando o controle do castelo para outro filho de Tokugawa, chamado Yoshinao.²⁴⁹

O novo *tenshu* do castelo de Nagoya foi construído de forma muito rápida graças à elite de seus coordenadores, *tozama daimyō*, dentre eles estavam Maeda, Mōri, Kuroda, Hosokawa, Yamanouchi, Nabeshima, Fukushima e a figura mais importante, Katō Kiyomasa, que supervisionou a construção da base do *tenshu*.

Foi impressionante a obra da base, iniciada no segundo mês de 1597 e concluída no oitavo mês do mesmo ano. Já o castelo ficou pronto em 1612, mas o complexo do *hon maru* vários anos depois, sob o olhar rigoroso dos Tokugawas.²⁵⁰

O castelo foi concluído em dois anos, mas somente em 1616, Yoshinao entrou no *tenshu* para governar Owari.²⁵¹

O castelo foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial e reconstruído como no original.

²⁴⁹ Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.145

²⁵⁰ *Ibid.*, p.145

²⁵¹ Nagoya-jō é famoso por suas duas *shachihokos*, esculturas douradas que enfeitam o topo de seu *tenshu*. É por isso que também é conhecido como *Kinshachi-jo*. *Kin* significa “ouro” e *shachi* se refere á um tipo de baleia assassina, criaturas míticas de bons agouros. (fig. 162)

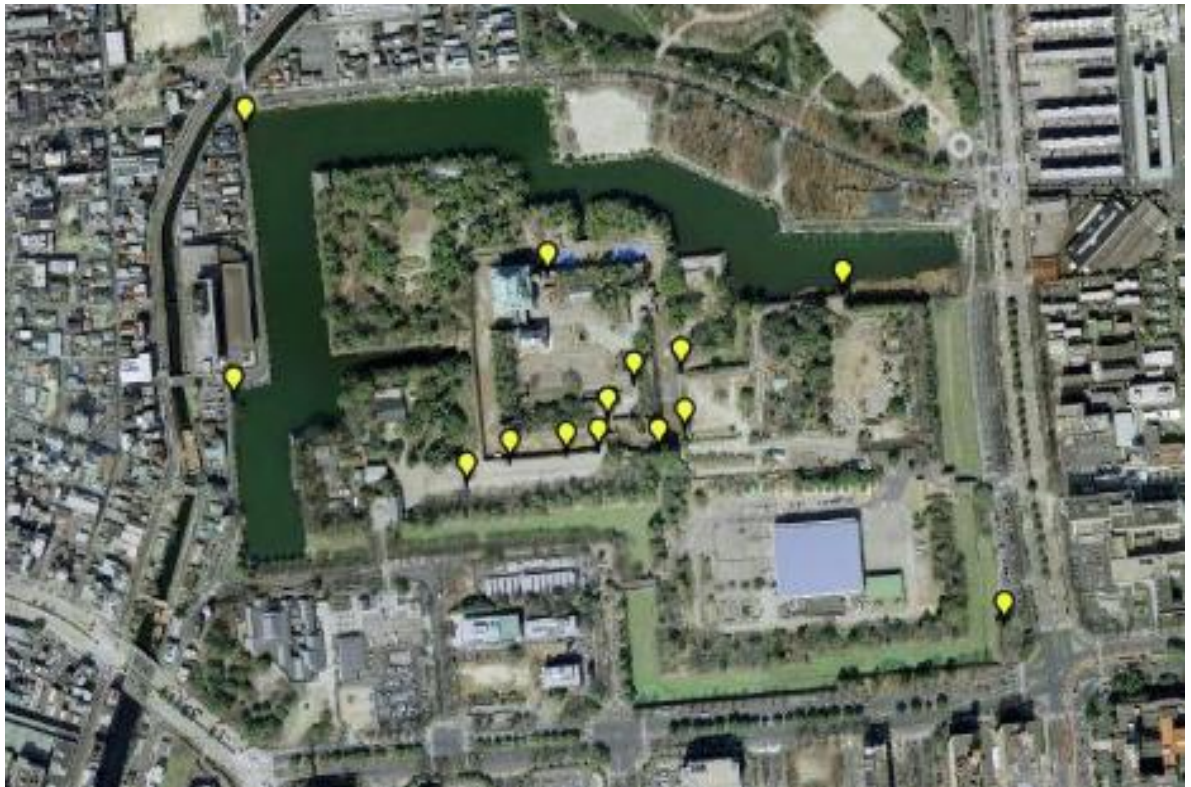


Figura 226. Vista de Satélite do castelo de Nagoya.
Fonte: Google maps



Figura 227. Fosso e base de pedra do castelo de Nagoya.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 228. Fosso e base do castelo de Nagoya .
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 229. *Tenshu* do castelo de Nagoya.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 230. Vista externa do castelo de Nagoya.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 231. *Sumi-yagura*, torre de canto, do castelo de Nagoya
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009



Figura 232. Base e fosso do castelo Nagoya.
Fonte: <www.jcastle.info>
acessado em 29/10/2009

Conclusão

O sistema de defesa japonês é favorecido, e de certa forma possível, pela coexistência de dois fatores: o modo como se conduzia a guerra no Japão e a disposição da arquitetura empregada.

No Japão pré-moderno não houve a consolidação de um exército profissional que tivesse os canhões como base da artilharia, pelo contrário, o mais comum eram dezenas de arcabuzes dos dois lados da batalha.²⁵²

Já na arquitetura, o castelo japonês não pode ser considerado como uma “fortaleza de artilharia”, por seu *design* propriamente dito, isso porque, não existem plataformas para armas de grande porte, ou mesmo, espaços onde um canhão pudesse ser montado com êxito.

²⁵² Inclusive, essa foi a tática utilizada na conquista dos castelos coreanos em 1592. (Motoo, *Japanese castle. op. cit.* p.14-16)

O segredo do castelo japonês está em usufruir de técnicas conhecidas pelas guildas medievais, pelos renascentistas, em suas fortalezas abaluartadas, e elementos incorporados dos templos chineses e japoneses, esses desenvolvidos por séculos para resistir às peculiaridades geográficas e climáticas do leste asiático.²⁵³

Na fachada da muralha exterior, nota-se que a área ocupada pela base de pedra, - *ishigaki* -, é muito superior a construção de madeira no topo, - *tamon-yagura* -, local que o atacante deveria acertar, caso desejasse fazer algum efeito. Visto que, ao contrário da muralha medieval, a muralha japonesa é um aterro, e não um muro, logo, não poderia ser derrubado, desaplicando assim, as teorias ocidentais sobre a arte da guerra e a introdução da arma de fogo.²⁵⁴

O detalhe crucial no castelo japonês, é que mesmo sendo uma estrutura alta, como o castelo medieval, a área atingível sobre a base, a *tamon-yagura*, é tão rasante quanto nos projetos de Vauban para Neuf-Brisach ou Lille. Conseqüentemente, a estrutura era rasante e difícil de acertar para as armas de fogo, ao mesmo tempo, que suficientemente alta para a infantaria que tentasse escalar.

Dentro do castelo o princípio permanece o mesmo, “o inimigo não conseguiu acertar o *donjon* com precisão”. Isso porque, o *tenshu* está sobre uma base de pedra que protege o subsolo e o térreo, forçando ao invasor acertar do primeiro pavimento para cima, mas, como o layout do castelo é

²⁵³ Faço essa analogia com a Europa para apresentar o caráter universal da técnica, e não para defender que as fortificações japonesas são categoricamente influências européias.

²⁵⁴ “O enfraquecimento do feudalismo veio com a introdução das armas de fogo nos exércitos e a criação do exército permanente por Carlos VII. Com isso os senhores feudais foram sendo abalados nos seu prestígio, pois a artilharia, embora incipiente, já era bastante capaz de pôr abaixo os castelos, (...). O poder real se acentua e o feudalismo vai entrando em declínio.” (AZEVEDO, *História militar*. Rio de Janeiro. *op. cit.* p.130)

recortado por vias estreitas e sinuosas, ele não conseguiria posicionar o canhão numa angulação ou linha reta favorável ao tiro.

Na arquitetura renascentista os baluartes serviam justamente para criar esses flancos e ângulos de tiros, o problema, é que criando ângulos para a defesa, criam-se também para o ataque, afinal a linha reta de tiro que vai, também volta.

Já no castelo japonês, que buscava ao máximo defender-se dos canhões, eliminado espaço e linhas de tiro, também não poderiam confiava a defesa aos baluartes, pois esses são igualmente prejudicados, especialmente se o agressor já estivesse dentro de algum dos sinuosos *marus* ou preso em uma *masugatamon*.

São justamente as características próprias do Japão que tornam o exército infante de *teppōtais* e a arquitetura labiríntica, a estratégia e a contra-estratégia perfeitas uma para a outra.

Os canhões não são páreos para a base, e os cavalos para as ruas estreitas e sinuosas, só um grupo ágio conseguiria invadir um castelo japonês.

O mesmo grupo ágio que deveria ser refreado pelos *otemons* e pela estrutura labiríntica, que aumentam o tempo de permanência do invasor sobre tiros e armadilhas, em suma, um perfeito teatro da guerra, que só pode ser vencido por aquele que antecipa as jogadas.

Quadro cronológico

- 1368-1394** Governo do Ashikaga Yoshimitsu
- 1467-1477** Batalhas feudais, conhecidas como Onin
- 1500** Piratas japoneses navegam pelo Leste e Sudeste asiático
- 1543** *Chegada dos portugueses a Tanegashima. Introdução das armas de fogo*
- 1549** Chegada de São Francisco Xavier ao Japão
- 1560** Batalha de Okehazama vencida por Oda Nobunaga
- 1566** Matsudaira Takechiyo muda seu nome para Tokugawa Ieyasu
- 1568** Oda Nobunaga marcha sobre Quioto
- 1573** Oda Nobunaga acaba com o xogunato Ashikaga e conquista grande parte do Japão
- 1573-1576** *Oda Nobunaga constrói o castelo Azuchi sobre o lago Biwa*
- 1582** Assassinato de Oda Nobunaga em Quioto. Sucede Toyotomi Hideyoshi

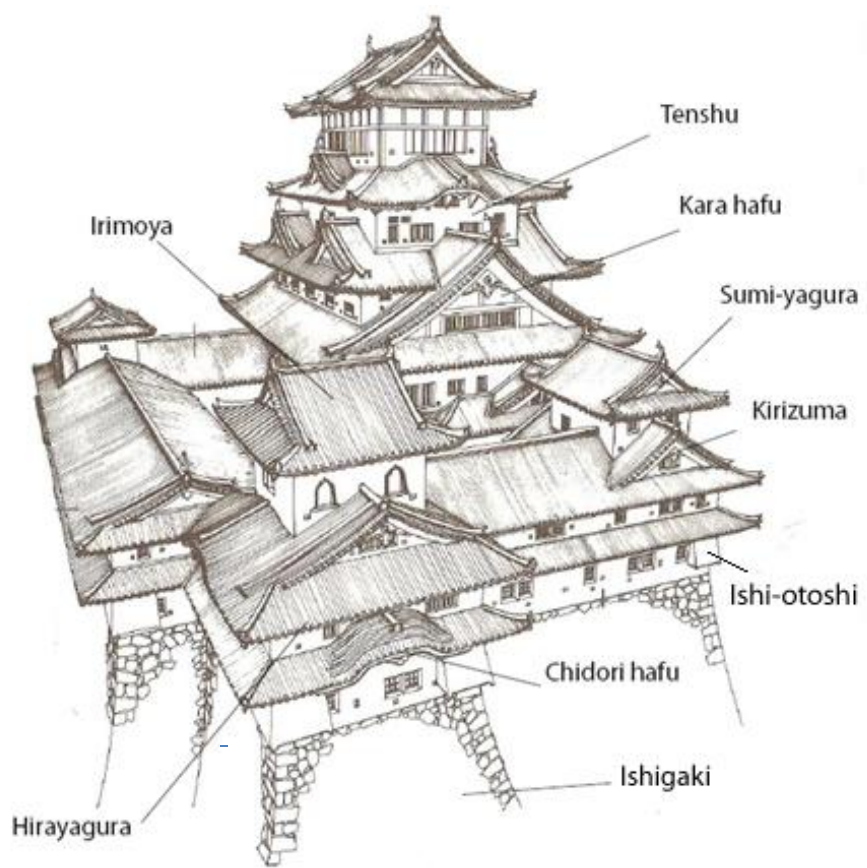
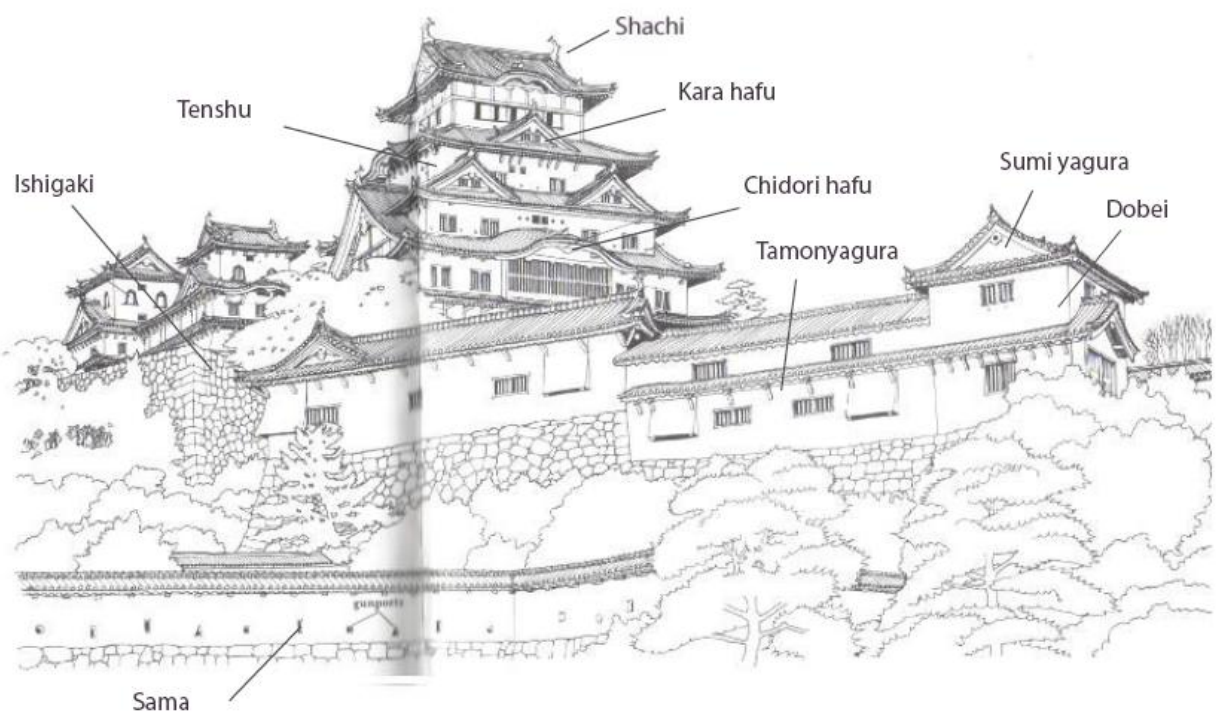
- 1582** *Por ordem de Hideyoshi, Hashiba Hidenaga amplia o castelo de Himeji*
- 1583** Batalha de Shizugatake, Hideyoshi vence os filhos de Oda Nobunaga e consolida o poder sobre o Japão
- 1583** *Construção do castelo de Ōsaka por Hideyoshi*
- 1587** Proibida a atividade missionária católica
- 1588** A “caça de sabres”. Samurais separados de camponeses
- 1590-1591** Ieyasu é transferido de Tōkai para Edo
- 1591** *Construção do castelo de Edo por Tokugawa Ieyasu*
- 1592** Hideyoshi tenta invadir sem êxito a China e a Coreia
- 1597-1612** *Construção do castelo de Nagoya. Iniciada como apoio para a invasão da Coreia por Hideyoshi, e terminada por Ieyasu*
- 1598** Retirada da Coréia e morte de Toyotomi Hideyoshi
- 1600** Tokugawa Ieyasu estabelece a supremacia sobre o Japão após a batalha de Sekigahara
- 1600** *Ieyasu entrega o controle do castelo de Himeji à Ikeda Terumasa que o amplia*
- 1601** *Construção do castelo de Nijō por Ieyasu*
- 1602** Primeiro dicionário japonês-português
- 1603** Ieyasu assume o título de Seiitaixogum. Estabelece seu *bakufu* em Edo e dá início a 14 gerações de xoguns Tokugawa, que governam o país mediante o sistema *bakuhan*
- 1615** Cerco e destruição do castelo de Ōsaka
- 1626** *Castelo de Nijō é ampliado por motivo da visita do imperador Go Mizunoo*
- 1639** Início da política de isolamento do Japão
- Século XVII** Rápido crescimento das *jōkamachis* em metrópoles regionais
- 1868** Reforma Meiji: Imperador Mutsuhito muda a corte para Edo rebatizando-a de Tóquio

Glossário

<i>Ashigaru</i>	Soldado que anda a pé
<i>Bakufu</i>	Sistema de governo militar cujo poder político estava nas mãos do xogun, submetendo inclusive a família imperial
<i>Bushi</i>	Termo genérico para o guerreiro que seguia uma filosofia ética, normalmente referenciada no <i>bushidō</i>
<i>Chidori hafu</i>	Telhado de forma curvada
<i>Daimyō</i>	Título de um regente local e líder militar
<i>Dobei</i>	Parede
<i>Donjon</i>	Torre principal
<i>Han</i>	Território de um <i>daimyō</i>
<i>Hashigokaku</i>	Estilo de muralhas em forma linear
<i>Hirajiro</i>	Castelo de planície (em inglês <i>hirashiro</i>)
<i>Hirayagura</i>	<i>Yagura</i> de curta extensão
<i>Hirayamajiro</i>	Castelo intermediário entre um <i>yamajiro</i> e um <i>hirajiro</i> que ocupa um morro e um vale. Ex. Azuchi-jō
<i>Hon maru</i>	Área mais íntima de um castelo onde fica o <i>tenshu</i>
<i>Hori</i>	Fosso

Ishigaki	Base de pedra
- Jō	Sufixo que define castelo. Ex. Edo-jō
Jōkamachi	Cidade ao redor dos castelos, onde comerciantes e artesão se estabeleciam.
Kara hafu	Telhado de forma triangular
Karamete mon	Portão de trás de um castelo
Katana	Espada japonesa longa
Kato mado	Estilo de janela curva
Kirizuma	Telhado simples de duas águas
Kuruwa	Estrutura de sucessivas áreas de um castelo
Maru	Área fechada de um castelo
Masugata	Área defensiva entre dois portões. Similar ao <i>barbican</i> no ocidente
Mizu	Água em japonês
Mon	Portão
Nawabi	Literalmente marcado com corda, sistema de marcação em terreno para construção do castelo
Ni no maru	Segunda área de defesa de um castelo, onde geralmente havia templos e moravam os samurais mais importantes encarregados da defesa direta do senhor
Otemon	Portão principal do castelo
Renkaku	Estilo de layout das muralhas onde há duas áreas centrais cercadas por uma terceira
Rinkaku	Estilo de layout das muralhas de forma rigidamente concêntrica
Sama	Seteira pra tiro de arqueiro e arcabuzeiros
Ishi-otoshi	Elemento de defesa que avança para fora como às guaritas do renascimento

Irimoya	Telhado de duas águas estendidas, e quatro águas em torno do prédio
Samurai	Guerreiro submetido ao serviço de <i>daimyō</i> ou xogum. Samurais sem laços de fidelidade a um senhor são chamados de <i>rōnin</i>
Sanseong	Castelo coreano que serviu de inspiração para o <i>yamajiro</i> japonês
San no maru	Terceira área dos castelos, onde moradores poderiam se refugiar em caso de guerra
Shachi	Elemento de decoração em ouro que fica no telhado
Shiro	Castelo no território de um <i>daimyō</i> (similar a <i>-Jō</i>)
Shoji	Divisória de cômodos em papel ou madeira
Sumi-yagura	Yagura de canto, como guaritas da arquitetura militar renascentista
Tamon-yagura	Yagura de longo comprimento substituindo a muralha no ocidente
Tatami	Medida de piso e área de 0,90 por 1,80 metros
Tenshu kaku	Construção central dos castelos, torre central
Teppōai	Soldado que usava mosquete
Teramachi	Templo da cidade
Uzumi	Porta secreta
Wajō	Nome dos castelos japoneses na Coreia
Xogum	Aportuguesamento da palavra <i>shōgun</i> . Título conferido a quem ocupa o mais alto posto no comando militar (em inglês <i>shogun</i>)
Yagura	Torre
Yamajiro	Castelo sobre um morro (em inglês <i>yamashiro</i>)
Yashiki	Mansão do <i>daimyō</i>
Watari-yagura	<i>Yaguras</i> internas dos castelos que desviam o sentido



Referência bibliográfica

AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. *História militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998

BECKNER, Chrisanne. *100 cidades que mudaram a história do mundo*. São Paulo: Ediouro, 2002

BROWN, Delmer M. (org). *The Cambridge History of Japan: Vol. 1. Ancient Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993

BALL, Jacqueline A. *Himeji castle: Japan's samurai past*. Ney York: Bearport, 2005

BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 4^oEd., São Paulo: Perspectiva, 1993

* É de tradição japonesa utilizar o sobrenome primeiro que o nome, ex.: ASAO Naohiro. Já nomes de descendentes ficam na forma ocidental, ex.: SAKURAI, Célia.

BRYANT, Anthony J. *Sekigahara 1600: The final struggle for Power*. Oxford: Osprey, 1995

CASTRO, Adler Homero F. de; BITTENCOURT, José Neves. *Armas, ferramentas da paz e da guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1991

CHASE, Kenneth Warren. *Firearms: a global history to 1700*. Cambridge: Cambridge university press, 2003

COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. *Japão*. Barcelona: Folio, S.A. 2006

ELISONAS, J. S. A. Nagasaki: The Early years of an Early Modern Japanese City In: BROCKEY, Liam Matthew. *Portuguese Colonial Cities in the Early Modern World*, Aldershot: Ashgate, 2009

FARRIS, William W. Japanese feudalism reconsidered In: _____. *Heavenly warriors: the evolution of Japan's military, 500-1300*. Cambridge: Harvard university press. 1995

FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão: dicionário e civilização*. São Paulo: Globo, 2008

FUJIOKA, Michio. *Japanese castles*. 9ª Ed Ōsaka: Hoikusha, 1978

GILBERT, Adrian. *Enciclopédia das guerras*. Conflitos mundiais através dos tempos. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005

GUO, Qinghua. *Chinese architecture and planning*: Ideas, methods, techniques. Stuttgart/London: Axel Menges, 2005

HALL, John W.; MASS, Jeffrey, P. *Medieval Japan*: essays in institutional history. California: Stanford University Press, 1988

HALL, John W. *The Cambridge History of Japan*: Vol. 4. Early modern Japan. Cambridge: Cambridge University Press, 2006

HASKEW, Michael E.; *et al.* *Técnicas Bélicas del mundo oriental*: 1200-1860, Equipamiento, Técnicas y tácticas de Combate. Madrid: LIBSA, 2009

HIDETO Kishida, *Japanese architecture*. Tōkyō: Japan Travel Bureau, 1965

LAFFILLÉE, Henri. L'architecture militaire In: _____. *l'architecture et la decoration*: De l'âge de pierre à nos jours. TOME III. Paris: Lês Editions Historiques et Religieuses, 1939

MACDONALD, Fiona. *A samurai castle*. Ney York: Peter Bedrick Books, 1995

MAGALHÃES, João Batista. *Estudo histórico sobre a guerra antiga: antes das armas de fogo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército editor, 2006

MALLORY, Keith; OTTAR, Arvid. *The Architecture of War*. New York: Pantheon Books, 1973

MASON, R. H. P.; CAIGER, J. G. *A history of Japan*. Tōkyō: Charles E. Tuttle Company, 1984

McCLAIN, James L. *Kanazawa: a seventeenth-century Japanese castle town*. New Haven: Yale university press, 1982

MINORU Ooka. *Temples of Nara and their art*. Tōkyō: Weatherhill-Heibonsha, 1973.

MITCHELHILL, Jennifer. *Castles of the samurai: power and beauty*. Tōkyō: Kodansha International, 2003

MIYAMOTO Musashi. *Gorin no sho*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1992

MORI, Victor Hugo. *Arquitetura militar: um panorama a partir do porto de Santos*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2003

MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana: Desde sus orígenes hasta la revolución Industrial*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1984

MOTOO Hinago. *Japanese castle*. Tōkyō: Kodansha, 1986

NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo. *What is Japanese architecture: a survey of traditional Japanese architecture*. Tōkyō: Kodansha, 1996

NOBUAKI Fukui, *Japaneses castles*. Tōkyō: The Japan times, 1971

辻惟雄「のぶおつじ」(Nobuo Tsuji). 『白と茶室』 (*Shiro to chashitsu*). Tōkyō: 講談社 (Kōdansha), 1992

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. A poética das fortificações. In: _____. *As Fortalezas e a Defesa de Salvador*. Brasília: IPHAN- Programa Monumenta, 2008

小和田哲男「おわだ てつお」(Owada Tetsuo). 城と秀吉 (*Shiro to Hideyoshi*). Tōkyō: 角川(Kadokawa), 1996

PAINE, Robert Treat; SOPER, Alexander. *The art and architecture of Japan*. New Haven: Yale University press, 1958

PEREIRA, Ronan Alves. *O budismo leigo de Sōka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001

PINHEIRO, Francisco Vizeu;, Naonori Matsuda; HUNG, Chang Ping. Macao and the Western Influences in East Asia Military Architecture In: XIANGYU, Li (李向玉), CHANGSEN, Li (李長森), 明清時期的中園奧西班牙"園際号術研討會. Macao: Macao Polytechnic Institute, 2009

RATTI, Oscar. *Segredo dos samurais. As artes Marciais do Japão Feudal*. São Paulo: Madras, 2006

SADLER, Arthur L. *Japanese architecture: a short history*. Tōkyō: Tuttle, 1882

SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007

佐原真「さわら まこと」(Sawara Makoto) *et al.* 城の語る日本史 (*Shiro no kataru Nihon shi*). Tōkyō: 朝日新聞社 (Asahi Shinbunsha), 1996

SCARPARI, Maurizio. *A China antiga*. Barcelona: Ediciones Folio, 2006

SHARPE, Michael. *Samurai leaders: from the tenth to the nineteenth century*. Londres: Compendium, 2008

SHIVELY, Donald H. (org.). *The cambridge history of japan*. Vol. 2 Heian Japan. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

SHIGEO Nishimura. *História do Japão em imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008

STEINHARDT, Nancy S. *et al. Chinese architecture*. New Haven : Yale university press, 2002

TOY, Sidney. *A history of fortification form 3000 BC to AD 1700*. South Yorkshire: Pen & Sword Books, 2006.

TURNBULL, Stephen. *Japanese fortified temples and monasteries AD 710-1602*. Oxford: Osprey Publishing, 2005

_____. *Samurai: O lendário mundo dos guerreiros*. São Paulo: M. Books, 2006

_____. *Japanese Castles in Korea 1592-98*. Oxford: Osprey Publishing, 2007

_____. *Japanese Castles 1540-1640*. Oxford: Osprey Publishing, 2008a

_____. *Japanese Castles AD 250-1540*. Oxford: Osprey Publishing, 2008b

_____. *Japanese Castles in Korea 1592-98*. Oxford: Osprey Publishing, 2008c

_____. *Strongholds of the samurai*. Japanese castles 250-1877. Oxford: Osprey Publishing, 2009

VIÉ, Michel. *Histoire du Japon: des origines à Meiji*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969

WILSON, William S. *O samurai: a vida de Miyamoto Musashi*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006

KOZO Yamamura. (org.). *The Cambridge History of Japan: Vol. 3. Medieval Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990

YASUTADA Watanabe. *Shintō Art: Ise and Izumo Shrines*. Tōkyō: Weatherhill-Heibonsha, 1974